

# BLUMENAU

*em Cadernos*



# BLUMENAU

*em Cadernos*

**Fundação Cultural de Blumenau**

**Presidente**

Braulio Maria Schloegel

**Diretoria Administrativo-Financeira**

Maria Teresinha Heimann

**Diretoria Histórico-Museológica**

Sueli Maria Vanzuita Petry



**Revista "BLUMENAU EM CADERNOS",  
fundada em 1957 por José Ferreira da Silva**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
*Biblioteca Pública "Dr. Fritz Müller"*

Blumenau em Cadernos. (Fundação Cultural de  
Blumenau) Blumenau, SC, 1 (11) 1957 -  
il.

Bimestral

ISSN 0006-5218

# FUNDAÇÃO CULTURAL DE BLUMENAU

## Arquivo Histórico "José Ferreira da Silva"

**BLUMENAU**  
*em Cadernos*

**Prêmio Alm. Lucas Alexandre Boiteux,**  
na Área de História - edição 1998, concedido  
pelo Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina  
**Prêmio Destaque - 2002**  
concedido pela Academia Catarinense de Letras.

COPYRIGHT © 2001 by Fundação Cultural de Blumenau

**REVISTA "BLUMENAU EM CADERNOS"**

**ENDEREÇO**

Alameda Duque de Caxias, 64 - Caixa Postal: 425

CEP.: 89015-010 - Blumenau - SC

Fone/fax: (47) 326-6990

E-Mail: [funculbl@terra.com.br](mailto:funculbl@terra.com.br)

**CAPA**

Projeto Gráfico: Silvio Roberto de Braga

Imagens da enchente de 1983 - Blumenau

Acervo: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva

**DIREÇÃO**

Sueli M. V. Petry

**CONSELHO EDITORIAL**

Cristina Ferreira (Presidente)

Annemarie Fouquet Schünke,

Cezar Zillig, Ivo Marcos Theis,

Méri Frotscher, Urda Alice Klueger

**DIGITAÇÃO**

Marilu Antunes

**PRODUÇÃO GRÁFICA**

Nova Letra Gráfica e Editora Ltda.

Av. Brasil, 742 - Ponta Aguda - Fone/Fax (47) 326-0600

Cep 89050-000 - Blumenau - SC

**EDIÇÃO**

Editora Cultura em Movimento

Dirceu Bombonatti (Diretor Executivo)

## SUMÁRIO

Apresentação ..... 007

## Artigos

As Enchentes em Blumenau  
*Jaime Hillesheim* ..... 010

## Memórias

Radioamador  
*Alda Schlemm Niemeyer* ..... 030

Enchente de 1983  
*Alda Schlemm Niemeyer* ..... 037

1983 - A Grande Enchente  
*Antonio Bascherotto Barreto* ..... 041

## Entrevista

Prejuízos em valores atuais causados pelas enchentes em Blumenau  
*Entrevista com Cel. Antônio Bascherotto Barreto* ..... 054

## Burocracia &amp; Governo

Levantamentos estatísticos dos danos  
causados pela enchente em julho de 1984 ..... 061

**Crônicas do Cotidiano**

1983 - 20 anos depois

*Urda Alice Klueger* .....067

**Documentos Originais - Artigos**

Das Colônias Alemãs no Brasil

*Dr. F. Hofmeister* .....069

**Pesquisas & Pesquisadores**

Um estudo da História da prostituição na sociedade blumenauense entre os anos de 1890/1900 - Parte II

*Celso Krames - Sandro Luiz Cifuentes* .....080

**Burocracia & Governo**

Relatório de 28 de fevereiro de 1867 - Parte 3 ..... 100

**Documentos Originais**

Hospital Santa Isabel ..... 113

**Autores Catarinenses**

*Enéas Athanázio*..... 120

## Apresentação

A edição deste bimestre abre a revista “Blumenau em Cadernos” com a temática “*As Enchentes de 1983*”. Este assunto vem à discussão pelo fato de o mês de julho de 2003 registrar os vinte anos daquela catástrofe que causou tantas perdas de vida e prejuízos aos mais diversos segmentos da sociedade.

As repercussões deste episódio trouxeram mudanças no percurso da história da cidade e dos seus habitantes. Os artigos, memórias e entrevistas aqui revelados foram em sua maioria vivenciados pelos articulistas.

Escritos em momentos e circunstâncias diferentes, os textos produzidos são materiais de estudo, análise e interpretação, possibilitando ao leitor e pesquisador filtrar o seu conteúdo, bem como reinterpretá-los anos mais tarde.

As imagens que ilustram os textos fazem parte do acervo fotográfico do Arquivo Histórico José Ferreira da Silva. Merece aqui registrar, que somente a **Coleção Enchentes** é constituída por mais de 3.600 imagens, as quais estão em quase a sua totalidade identificadas e classificadas em ordem cronológica (1880 - 1984).

Para muitos, será um ressuscitar de lembranças adormecidas de um pesadelo não muito distante, de perdas e danos, muitos deles incalculáveis, não somente de vidas como também de patrimônios, os quais com muito sacrifício foram adquiridos ao longo da vida, de bens públicos, privados, empresariais e institucionais.

Enfim, cada habitante residente nesta cidade e demais municípios do grande Vale do Itajaí atingidos pelas águas das enchentes de 1983, tem uma história a contar, e naturalmente, em meio ao sofrimento, está permeada de manifestações de solidariedade.

As interfaces deste episódio geraram um trabalho de pesquisa do professor universitário Jaime Hillesheim. O mesmo, fazendo uso da farta documentação gerada na época, buscou em depoimentos, análises dos discursos produzidos pelas autoridades, das reportagens emitidas pela imprensa local e naci-

onal, fontes para escrever um excelente artigo sobre o assunto, o qual publicamos nesta edição sob o título “*As Enchentes de 1983 em Blumenau*”.

Outros colaboradores continuam abordando a temática. Para registrar esta participação e o seu empenho no salvamento de vidas junto da equipe que se constituiu, publica-se na sessão **Memórias**, dois textos da radioamadora Alda Niemayer.

No primeiro texto, “*Radioamador*”, descreve com muita propriedade o trabalho de solidariedade dos Radioamadores de Blumenau que durante todos os dias da calamidade estiveram a serviço da comunidade.

O segundo texto foi escrito em 2003, sob o título “*Enchentes de 1983*” para ser apresentado no Seminário Municipal de Defesa na Universidade Regional de Blumenau. Nesta oportunidade a autora retomou a experiência vivenciada no trabalho de salvamento e se descreve também como uma das vítimas nas cheias de 1983.

Como participante desta história, e pelas funções exercidas durante e depois das cheias de 1983, o Coronel Antônio Bascherotto Barreto, escreveu no ano de 1995, sob a forma de um relatório, suas impressões e anotações. Aos interessados pelo assunto e como registro a futuros trabalhos, publicamos na coluna **Memórias**, este texto sob o título: “*1983 - A Grande Enchente*”

A sessão **Entrevista** traz novamente o depoimento do comandante do 23º. Batalhão de Infantaria de Blumenau, Coronel Antônio Bascherotto Barreto. Com pleno conhecimento de causa, o Comandante fala dos momentos de pânico e salvamento das vítimas da calamidade que assolava a cidade e região do Vale do Itajaí, e da atuação do 23º. Batalhão de Infantaria em caráter de emergência para atender a população.

A entrevista foi realizada nove anos depois do flagelo, quando o Coronel já se encontrava na reserva (aposentadoria). Na época (1990), o mesmo ocupava o cargo comissionado de Secretário da Assessoria do Meio Ambiente do Município.

Na coluna **Burocracia & Governo**, com o título: “*Levantamentos estatísticos dos danos causados pela enchente de julho de 1983*”, publica-se um relatório oficial, emitido pelo Governo Municipal de Blumenau, mensurando em números os prejuízos sofridos com as cheias de 1983.

Encerrando esta coletânea de textos abordando temas das enchentes de 1983, a colaboradora Urda Alice Klueger escreveu, em **Memó-**

**rias do Cotidiano**, uma crônica, a qual intitulou: “1983 – 20 anos depois”.

Nas páginas seguintes, dando seqüência às publicações do bimestre, a coluna **Documentos Originais** com o título “Das Colônias Alemãs no Brasil” publica-se um texto extraído da obra *Über Lander und Meer. Allgemeine Illustriert Zeitung III Band, 1885-86. Stuttgart, Verlag von Deutschen Verlags Anstalt, p.1758-1765*, cujo autor é o alemão Dr. F. Hofmeister.

Desprovido de qualquer fantasia, o autor narra a vida do imigrante desde o dia da sua chegada na barra do Itajaí: o desembarque, o transporte até a colônia de Blumenau ou Brusque, o alojamento no barracão dos imigrantes, incursões a pé ou a cavalo pela colônia para escolha de lotes já demarcados, recebimento de ferramentas, construção da primeira choupana, abertura de clareiras (roças), primeiro plantio e espera da colheita. O artigo contém várias ilustrações, que deixamos de inserir no texto pela falta de qualidade das imagens.

Com a coluna **Pesquisa & Pesquisadores**, os autores prof. Celso Kramer e Sandro Luiz Cifuentes publicam a parte II do artigo intitulado “*Um estudo da história da prostituição na sociedade blumenauense entre os anos de 1890 e 1990*”. Com isto os autores finalizam o assunto.

Conclui-se nesta edição o Relatório de 1867, enviado pelo Presidente da Província de Santa Catarina ao Ministro da Agricultura, Comércio e Obras Públicas, na seção **Burocracia & Governo**.

A seguir, com o um texto “*Hospital Santa Isabel*”, publicamos um relato contando aspectos do nascimento daquela instituição hospitalar pela dedicação das irmãs da Divina Providência. O original foi escrito em língua alemã por uma das freiras, a qual não assinou o seu texto. A tradução foi feita anos mais tarde por Emma Kaulin.

E, finalizando o articulista Enéas Athanázio, em **Autores Catarinenses**, escreve sobre a literatura e autores do nosso Estado.

Sueli M. V. Petry

Diretora da Revista Blumenau em Cadernos

## Artigos

### As enchentes em Blumenau - 1983

TEXTO:  
JAIME  
HILLESHEIM<sup>1</sup>



Toda a região do Vale do Itajaí e, especialmente Blumenau, historicamente, conviveu e convive com o drama das enchentes.

Embora cada nova enchente deixe muitas lembranças aos moradores, as que mais causaram impacto e destruição foram aquelas que ocorreram nos anos de 1983 e 1984.

As enchentes causam prejuízos de toda ordem: econômica, social e o mais grave, de perdas humanas. As explicações sobre as enchentes, tradicionalmente, colocam-nas num patamar de “fenômeno natural” irreversível e mascaram a responsabilidade das autoridades, dos empresários e de toda a população. Estas explicações que remetem as cheias a uma “ação divina” que, muitas vezes, serve para “punir os homens”, negligenciam o fato de que a organização dos espaços ocupados pelo homem de acordo com seus interesses, muitas vezes, não leva em conta um necessário equilíbrio entre as ações humanas e a natureza. A organização dos espaços na sociedade capitalista serve à conveniência de alguns grupos sociais em detrimento dos demais. Na maioria das vezes, o poder econômico fala mais alto, como poderemos observar no caso de Blumenau.

Assim, como bem coloca Butzke:

“(...) elas [as enchentes] só podem ser consideradas como azar natural quando não há meio de predizê-las, ou se repercutirem negativamente nas atividades humanas. A partir do momento em que áreas suscetíveis a inundações são ocupadas, ou que existir intervenção no ambiente natural a tal ponto que produza impactos ambientais que possam

<sup>1</sup> Mestre em Serviço Social e Professor do Departamento de Serviço Social da Universidade Regional de Blumenau - FURB.

se tornar agentes propulsores ou magnificantes das enchentes, elas perdem o caráter natural para se tornarem um fenômeno antropogenicamente reforçado” (BUTZKE, 1995, P. 01).

Quando do início da enchente de 1983, ainda se fazia muito presente a idéia de que a enchente era um “azar natural”. Talvez muitos flagelados, moradores, religiosos e políticos encontrassem nesta explicação um mecanismo de defesa:

“A tragédia trará, no fim, saldos muito positivos. O sofrimento é sempre amargo, mas amadurece e eleva as pessoas. A visão das coisas tornou-se para nós mais realista e a ciência apareceu totalmente impotente para aqueles que se iludiam a respeito dela e assim também aconteceu com o poder do dinheiro”.<sup>2</sup>

No entanto, com o decorrer dos dias e a percepção do tamanho dos danos causados, tal pensamento foi se alterando. Não era para menos. Só no ano de 1983, ocorreram cinco enchentes. Em 1984, ocorreu apenas uma, mas que atingiu um dos maiores picos já verificados (15,75 m.) e teve uma repercussão bem mais diferenciada no tocante à sua explicação e enfrentamento.



Vista das cheias de 1983 - foto Hélio. Acervo: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva.

Tentaremos abordar o drama vivido pela população de Blumenau, durante as enchentes apontadas acima (1983 e 1984), levando em conta um cenário constituído por destruição, solidariedade, conflitos de interesses e crescentes problemas sociais. Nesse momento, nos preocuparemos em analisar as enchentes ocorridas em 1983 e, posteriormente, numa próxima edição da revista Blumenau em Cadernos, abordaremos a enchente de 1984 e suas implicações.

### **As enchentes de 1983:**

Alguns dados divulgados pela imprensa local e nacional mostravam que, em 1983, a situação do Estado de Santa Catarina era desanimadora. Havi- am sido destruídas, aproximadamente, 60.000 casas, 230.000 pessoas estavam desabrigadas, 6.894 indústrias tiveram suas atividades interrompidas e 150 municípios se encontravam em estado de calamidade pública. Diversos setores produtivos tiveram suas estruturas completamente destruídas, milhares de pessoas perderam o que possuíam e equipamentos públicos, em vários lugares, não puderam ser salvos ou utilizados para amenizar a situação.

Em Blumenau, durante a maior enchente de 1983, havia 40.000 desabrigados, 5.000 casas inundadas pelas águas e 69 completamente destruídas, 70% da cidade estava completamente alagada.

À medida que as águas subiam, a situação se agravava. Sem energia elétrica, sem água potável, sem mantimentos, sem remédios, sem comunicação. Sempre os mais atingidos em relação à forma de manutenção eram as famílias mais pobres. Começavam-se os revezamentos. A água para fazer a comida e para beber era retirada das calhas enquanto chovia. A higiene pessoal não tinha muito sentido com toda a escassez. Caminhadas imensas eram feitas entre matas e morros na tentativa de encontrar algum ponto de distribuição de alimentos.

“Ao ouvir o ronco dos helicópteros, grupos de pessoas reunidas nos lugares mais altos, junto a suas galinhas, porcos, cavalos e bois, agitavam desesperadamente panos coloridos, tentando chamar a atenção dos pilotos. No asfalto ou nas pedras não inundadas, escreviam-se, com cal e em letras grandes, pedidos de comida, roupas, S.O.S (...).”<sup>3</sup>

A falta de alimento era um dos principais dramas e preocupações dos

que estavam isolados ou incomunicáveis. Os estabelecimentos comerciais que não haviam sido atingidos pelas cheias, muitas vezes, faziam aumentar o drama dos flagelados e da população em geral. Os preços dos produtos eram abusivos, principalmente, os do gás, trigo, arroz, fósforo e velas.



Salvamento dos flagelados das cheias na Rua 7 de Setembro.

Dos trinta bairros existentes na cidade naquela época, 21 foram atingidos. A rede viária também foi prejudicada, pois a maioria das vias atingidas eram passagens obrigatórias para todos os movimentos dentro da cidade. Muitos lugares ficaram ilhados.

Na tentativa de diminuir os problemas, foram criados 24 postos de atendimento denominados Núcleos da Defesa Civil (NUDEC). Para estes núcleos, foram enviados (na medida do possível): grupos de combate armado para a segurança e “com determinação de implantar a disciplina e a ordem”; alimentos; médicos e enfermeiros; rádio amadores; etc...

Os grupos de combate armado causavam um impacto entre os desabrigados que permaneciam junto aos postos (em igrejas, escolas...). Não se entendia a razão de tal procedimento, pois era normal que ocorressem alguns atritos entre os desabrigados, tendo em vista a situação pela qual estavam passando.

Porém, para os representantes do exército envolvidos na organização

destes núcleos, “era necessário assegurar antes de tudo, antes mesmo que o alimento, a segurança, a ordem, a disciplina e a organização”<sup>4</sup>.

Mas a organização e a disciplina de nada poderiam adiantar para muitos que perderam a casa e tudo o que possuíam:

“Na casa de Maria de Oliveira, no Jordão - Progresso - moravam cinco pessoas. Elas só conseguiram escapar graças ao aviso de vizinhos, que alertaram sobre a ‘tromba d’água’ que despencava rua abaixo. Os vizinhos todos se protegeram como puderam, subindo para as áreas mais altas. Um bebê foi salvo por uma janela (...). Maria mostrou-se desanimada. Ela perdeu tudo e, quase em prantos, soluçando, dizia que preferia ter morrido a ver tanta desgraça. Ninguém na casa sabia para onde iria ou o que faria”<sup>5</sup>.

“Quando percebeu a elevação repentina das águas, José abandonou a casa rapidamente com a mulher e os filhos. Ele disse que não haviam ainda chegado no alto da estrada quando a casa deslocou-se, sendo lançada por um redemoinho contra um pé de goiaba. Assim ela ficou presa e intacta, embora tudo tenha sido perdido. A meia-água tinha cinco por quatro metros construídos e era coberta com folhas de zinco. José não sabia (...) o que iria fazer da vida”<sup>6</sup>.

No Bairro Asilo, no Morro Coripós, dezenas de casas desabaram e outras 150 estavam ainda em situação de risco. Devido aos deslizamentos de terras, surgiram rachaduras com mais de um metro de largura e mais de 100 metros de extensão.

As perdas com as enchentes não foram apenas materiais. Segundo alguns documentos e jornais, várias pessoas morreram:

“Inúmeros mortos foram sepultados em covas rasas, ante a impossibilidade de acesso aos cemitérios. Em Blumenau, o comandante do 23<sup>a</sup> Batalhão de Infantaria e outras autoridades revelaram que, no momento mais grave da catástrofe, autorizaram o sepultamento em encostas de morros, sem formalização maior que a simples identificação de vítimas (quando possível). No desespero, sabe-se que muitos foram enterrados sem conhecimento prévio dos familiares e, até hoje, ainda é impossível saber-se com exatidão a extensão das vítimas”<sup>7</sup>.

“Começam a chegar as mais dramáticas notícias de vítimas fatais por todo o canto do município: um casal de velhinhos da Vila Nova, quatro

operários da Teka ao erguer uma máquina que escorregou dilacerando-os, um casal no teto da casa no Garcia, um soldado do Corpo de Bombeiros. Foram tantas as informações que a imprensa desnorteava-se, não sabendo como conseguir a oficialização, nem tampouco os nomes das vítimas. Em virtude disso, e para não abaldear parentes de todo o Brasil, Paulo Prates, repórter da TV Barriga Verde, sugere que não se publique nada em relação a mortes. Na reunião improvisada entre os integrantes da imprensa (rádio, jornais e televisão) que permaneciam na COMDEC, a aprovação é unânime. A partir dali, não há vítimas fatais em Blumenau. Uma decisão antiprofissional, mas para o bem comum”<sup>8</sup>.

Embora existam indícios de que ocorreram várias mortes por causa das enchentes em 1983, no Relatório Informativo da Prefeitura Municipal de Blumenau consta apenas a morte de uma criança que havia caído numa vala e acabou sendo carregada pela correnteza das águas<sup>9</sup>.

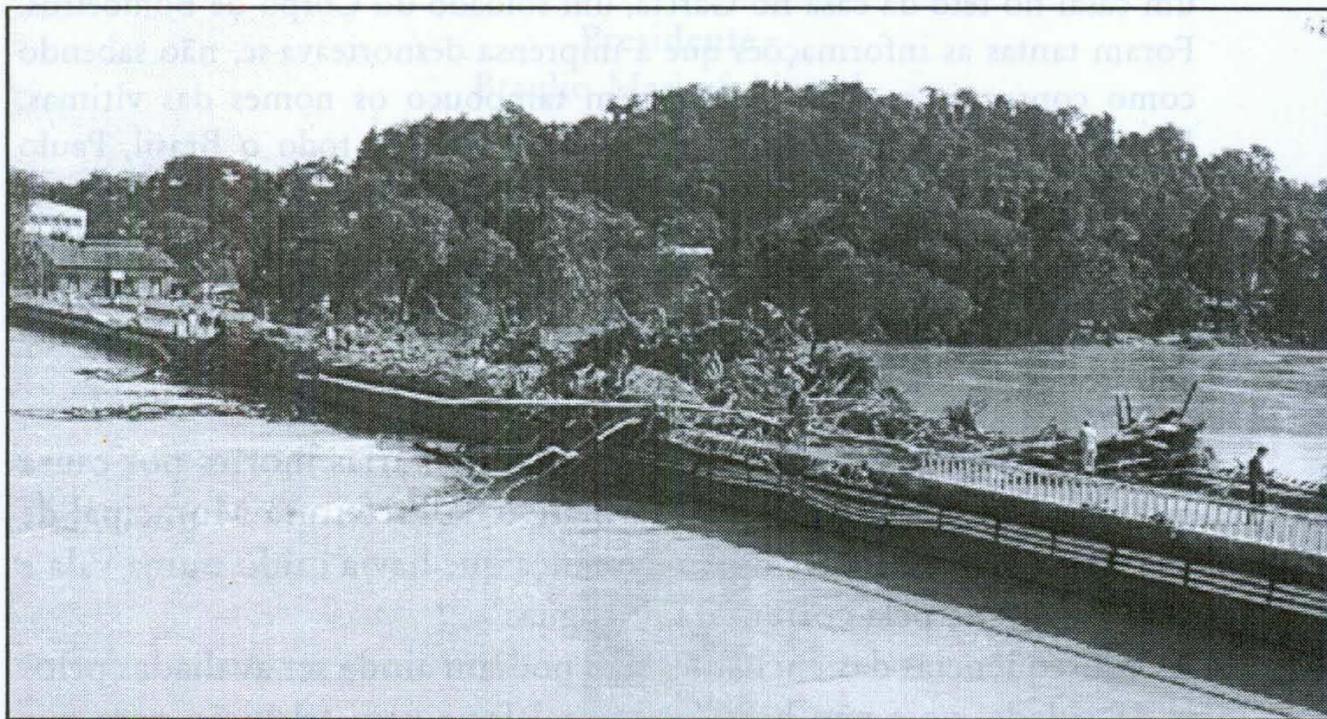
As conseqüências das enchentes não podiam ainda ser avaliadas pelos moradores da cidade, pois não havia rádio, telefone nem televisão para que fossem divulgadas as notícias. Porém, em outros Estados, as imagens e notícias causaram um impacto grandioso, capaz de levar a população brasileira em geral a um gigantesco movimento de solidariedade. Roupas, alimentos, cobertores, sapatos, enfim, vários produtos foram enviados para auxiliar os flagelados.

Em Blumenau, uma equipe foi montada pela Defesa Civil para distribuir todos os donativos. As situações eram complicadas. A idéia de cadastramento de flagelados excluía os não-atingidos do recebimento de alimentos. No entanto, muitas famílias não-atingidas abrigavam outras e sentiam dificuldades em conseguir alimentos. Outras tantas cozinhavam para várias refeições, objetivando economizar gás.

Logo chegaram as primeiras denúncias de desvios de alimentos e os caminhões que chegavam a Santa Catarina com alimentos foram obrigados a se dirigir primeiro à CEDEC (Comissão Estadual de Defesa Civil) em Florianópolis. Isso atrasava a chegada dos alimentos nos postos de distribuição e muitos deles ficaram sem alimentos.

Além destas situações, dos dramas vivenciados pela população, ainda havia a constituição de um enorme déficit econômico no município de Blumenau. Inúmeras indústrias como a Artex, Sulfabril, Teka e Mafisa tiveram suas dependências alagadas e muitos de seus maquinários danificados ou destruídos.

### Abaixa o nível das águas e aumentam os dramas:



Entulho na ponte Irineu Bornhausen, elo de ligação dos bairros Itoupava Seca - Itoupava Norte - Julho 1983.

Lama e destruição por todos os lugares. Era difícil saber por onde iniciar a limpeza. Mas nem bem as águas haviam saído das casas, os moradores iniciavam o ritual da reconstrução.

Neste momento, como forma de incentivar os moradores a começar a reconstruir a cidade, é que podemos observar a utilização de discursos que enalteciam o “povo ordeiro e trabalhador”. Discursos que pretendiam mostrar a auto-suficiência de sempre, mas que já começavam a perceber os limites, inclusive, financeiros, para dar a Blumenau novamente a sua “vida”.

“Depois das enchentes de julho, precedidas de várias cheias de menor porte e em seguida das enxurradas que se abateram sobre Blumenau nestes últimos dias, encontramos diante de uma população visivelmente traumatizada. Há comprovações médicas de que se agravaram os problemas de comportamento psicológico do povo que só vem suportando seus dramas pessoais porque sua maravilhosa vontade para o trabalho constituiu-se em exemplo para o Brasil. Blumenau não é uma cidade comum. Destacou-se exatamente pela força inquebrantável de sua gente na consecução de seus ideais e não foi por outra razão que chegou à condição de primoroso

modelo no contexto dos municípios brasileiros. Neste momento, entretanto, a cidade está pedindo socorro. (...) Blumenau precisa - e merece - a imediata adoção de um plano de emergência, envolvendo todos os setores da administração pública brasileira e catarinense, para salvar-nos do caos. Esgotaram-se os tradicionais rompantes de auto-suficiência que marcam o estilo da comunidade. Ela está, paradoxalmente, 'pedindo água'. Ou a acodem ou ela se afoga (...)"<sup>10</sup>.

Depois da constatação da amplitude dos estragos, população, poder público, comerciantes e industriais chegavam à conclusão de que era preciso mais do que o costumeiro ímpeto para o trabalho. Inúmeros conflitos na área política e econômica afloraram diante da realidade.

"Em Santa Catarina, está tudo sob controle. Vamos pensar agora na recuperação do Estado". Esta declaração do então Ministro do Interior, Mário Andreaza, caiu como uma bomba, alvoroçando as forças políticas locais e do Estado.



A destruição provocada pelas águas atingiu todos os setores da população.

Em Blumenau, foi criado na Assembléia o "Projeto Nova Blumenau" responsável pela coordenação dos trabalhos de reconstrução da cidade. No entanto, grandes empresários e muitos políticos não estiveram presentes no ato de criação deste projeto. Foram constituídas algumas comissões setoriais na oca-

sião: de recuperação de residências; de terrenos para particulares; de obras públicas; da indústria; do comércio; dos prestadores de serviços; do turismo; da saúde; da educação, cultura e esporte e agricultura e pecuária; da comunicação social; da organização comunitária; do plano diretor; do meio ambiente; da contenção de cheias; do incentivo aos produtos fabricados na cidade. Todas as comissões formadas eram coordenadas pelo Prefeito Municipal, Dalto dos Reis<sup>11</sup>.

O Governo Federal<sup>12</sup> determinou que o Conselho de Segurança Nacional (CSN) se encarregasse de administrar a reconstrução dos estados do sul, atingidos pelas enchentes. Isso causou um mal estar no meio político, principalmente entre os parlamentares de oposição (PMDB). Para estes parlamentares, tal deliberação do governo federal implicava o jogo pela disputa da presidência da República e problemas internos do PDS, dentro do governo.

O CSN era um órgão de assessoria ao presidente da República e era isso que inquietava os parlamentares catarinenses da oposição, haja vista que dentro do Ministério do Interior havia um órgão responsável, legalmente, para o trato das calamidades públicas. O deputado federal Walmor de Lucca afirmou na ocasião que:

“(...) tal interferência representa uma ‘distorção’ dos sistemas democráticos do Brasil. (...) Quando nós falamos que o autoritarismo continua vigente, essa interferência do Conselho de Segurança Nacional na vida do País, vem a demonstrar que a democracia que queremos, que desejamos, e que precisamos, está muito longe do modelo vigente atualmente”<sup>13</sup>.

Os parlamentares catarinenses discutiam a necessidade de uma “frente parlamentar” a fim de fazer pressão junto ao governo federal. Na ocasião, o governo do Estado estava nas mãos de Esperidião Amim (PDS) e isso, de certa forma, constituía-se numa limitação para o Estado, pois Amim apoiava o governo federal, ou pelo menos, não fazia críticas contundentes a ele.

Estrategicamente, os políticos locais conseguiram mobilizar parcelas da população para aumentar o poder de pressão frente ao governo federal. Em Blumenau, a população em geral participou de atos públicos para cobrar as promessas não cumpridas. Um destes atos foi sugerido em uma reunião que contou com mais de 600 pessoas ligadas a partidos políticos, líderes classistas e empresários. Logo após esta reunião, iniciou-se um movimento denominado: “movimento da solidariedade” que conclamava a população a participar do

ato público: “Você que perdeu seus móveis, sua casa, não perca também seu emprego. Venha participar da concentração da solidariedade, não só por você, mas também por SANTA CATARINA”<sup>14</sup>.

Neste ato, caravanas de outras cidades como: Timbó, Gaspar, Pomerode, Rio do Sul estiveram presentes, dando apoio e engrossando o movimento que contou com a presença de milhares de pessoas.

Entre os discursos realizados, na ocasião, identificamos a preocupação de micros, pequenos e médios empresários em assegurar mecanismos que pudessem salvá-los da falência. Desta forma, incluíam os trabalhadores nesta luta, pois a falência destas empresas, implicaria um aumento do desemprego. Outro fator que podemos observar é que aflorava um grande sentimento de regionalismo frente à demora do governo federal em atender às reivindicações do Estado:

“Os apelos são feitos na direção do governo federal, o mesmo que anos após injeta bilhões e bilhões de cruzeiros no Norte e Nordeste sem apresentar soluções. Ele criou ali a verdadeira indústria da seca. Esse governo esquece Santa Catarina que é, na verdade, a sua vaca leiteira. Parece que ele quer matar a galinha dos ovos de ouro para ver o que tem dentro deles. (...) Nós do Sul, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, estamos bem arrumados. Parece-me que o governo não demonstra nenhum interesse a esse povo que trabalha, que é ordeiro e que lhes dá sustentáculos para manter a nação”<sup>15</sup>.

Pedro Cascaes, um pequeno empresário, sugeriu que os 32 votos a que o PDS tinha direito na Convenção Nacional para eleger o novo presidente da República, fossem utilizados como instrumentos para fazer pressão e agilizar a liberação das verbas<sup>16</sup>.

Agravando ainda mais os conflitos políticos, em Blumenau, o prefeito municipal Dalto dos Reis, denunciava a marginalização para com os municípios chefiados pelo PMDB e os privilégios dados aos municípios comandados pelo PDS no que se referia à liberação de recursos financeiros. Segundo Dalto:

“Municípios do PDS que não foram sequer inundados receberam mais verbas que Blumenau. (...) A distribuição é uma marginalização aberrante, que salta aos olhos e compromete todo o trabalho sério do futuro”<sup>17</sup>.

No legislativo municipal, os vereadores do PDS acusavam a prefeitura de estar dando prioridade ao embelezamento da cidade e não à recuperação da

infra-estrutura urbana destruída pelas cheias. O vice-líder do PMDB, rebatia as críticas, dizendo que algumas empresas estavam realizando obras sem custos aos cofres públicos:

“Várias empresas e entidades estão auxiliando diretamente na reconstrução dos bens públicos destruídos pela última enchente”, afirmou ao citar a Hayashi que gastou dois milhões e meio de cruzeiros para reconstruir a praça Dr. Blumenau, que segundo ele, “talvez em retribuição aos inúmeros contratos feitos com a prefeitura e com o próprio Estado”<sup>18</sup>.

E ainda, o governo do Estado, através da criada Secretaria Extraordinária da Reconstrução, alegava que Blumenau não havia cumprido as normas legais exigidas para a liberação de verbas. Para alguns vereadores blumenauenses, tais normas se mostravam absurdas quando exigiam a formação de um colegiado com quase 200 nomes, mas para sair do impasse, o colegiado foi criado:

“Nós vamos formar o colegiado que o governo exige, vamos completar 200 nomes, e encaminhá-los a essa burocracia absurda, para trazer talvez algumas migalhas para o município. Entretanto, achamos a mesma totalmente dispensável, pois temos nossa secretaria montada em Blumenau, somos um povo ordeiro e trabalhador. Queremos é dinheiro para recuperar as obras destruídas”<sup>19</sup>.

Enquanto que as disputas e conchavos aconteciam na arena política, a população blumenauense, principalmente, as camadas mais empobrecidas, enfrentavam os inúmeros problemas ocasionados pelas sucessivas enchentes e enxurradas.

Durante todo o ano de 1983, essas sucessivas enchentes e enxurradas abalaram a vida dos trabalhadores, mas não só elas. Todo o país enfrentava uma crise econômica muito grande. Enquanto no extremo sul a luta era pela reconstrução do que havia sido destruído (isso para quem ainda podia), em outros vários locais do país surgiam manifestações contra a política econômica do governo federal. A recessão, o arrocho salarial e a grande onda de desemprego levou os trabalhadores do ABC (SP) a uma maciça paralisação. No dia 21 de julho de 1983, os jornais noticiavam que cerca de 150 trabalhadores haviam sido presos. Os ônibus e o centro da capital paulista eram ocupados por policiais. Desde dezembro de 1980 até outubro de 1983, só em São Paulo, haviam sido demitidos 426 mil e 800 trabalhadores<sup>20</sup>. Em Blumenau, em março de 1983, o número de desempregados chegava a mais de 20 mil.

Para o diretório regional do Partido dos Trabalhadores, Santa Catarina vivia uma dupla calamidade e era necessário fazer da solidariedade uma arma em favor da classe trabalhadora<sup>21</sup>:

“A participação da população não deve ser apenas com doações de recursos e prestação de serviços, mas deve se dar também na tomada de decisões, na gestão desses recursos. (...) Os prejuízos da crise devem ser socializados (...), recursos não faltam. Têm o empréstimo compulsório, o Finsocial, etc. A questão é a forma correta de canalizar os recursos para a classe trabalhadora”<sup>22</sup>.

## A idéia vem do Céu:

### “Campanha da Solidariedade”

O seu apoio e a sua responsabilidade participando no domingo as 16:00 horas na praça Dr. Blumenau é indispensável.

Mantenha seu emprego, o do seu irmão e o dos seus amigos.

#### **APOIE, COMPAREÇA**

Estarão presentes nosso governador Espiridião Amim, prefeitos das cidades atingidas, Sindicatos, Associações, clubes e todas entidades representativas.

Folheto distribuído à população convocando para a campanha.

No entanto, esta participação da população nas instâncias decisórias estava distante de se efetivar. O que podemos perceber é que, neste período de 1983, quando ocorreram as diversas enchentes, a população blumenauense era conclamada a participar de atos públicos, passeatas, mas não tinha oportunidade de influenciar diretamente nas decisões. O próprio “Projeto Nova Blumenau”

idealizado pela administração municipal para orientar o processo de reconstrução da cidade, não foi difundido nas comunidades. Muitas pessoas, inclusive comerciantes, diretamente afetados com as enchentes, não sabiam sequer da existência do projeto e a que ele se propunha:

“Nunca ouvi falar e para mim é uma novidade(...). Trabalho muitas horas por dia e não assisto televisão nem escuto rádio, nem tampouco leio jornais, por isso estou por fora de tudo o que acontece.(...)Se querem mesmo ajudar, que entreguem panfletos informativos, estes eu posso ler, daí saberemos o que estão querendo fazer”<sup>23</sup>.

Por outro lado, a própria população que, historicamente, viu-se alienada das discussões sobre a cidade, ainda não percebia a importância da sua participação e continuava a legitimar a concentração do poder nas mãos dos governos local, estadual e federal. A incipiente cultura participativa proporcionava

uma facilidade imperdível para que os poderes político e econômico se utilizassem da população e de seus dramas para conquistarem suas reivindicações.

Os microempresários é que passavam por maiores dificuldades financeiras, já que as grandes empresas: Teka, Sulfabril, Artex tinham maior capacidade monetária (capital de giro) e facilidades para encaminhar suas reivindicações junto aos poderes político e financeiro. Neste período, os baixos salários também eram justificados pelos danos causados pelas cheias.

Os microempresários queriam criar dentro da ACIB (Associação Comercial e Indus-



trial de Blumenau) uma diretoria específica para tratar de seus interesses. Isso levou a alguns atritos entre os micros pequenos e médios empresários em relação aos grandes empresários.

Muitas microempresas devido à crise econômica que se estendia por todo o país, tinham seus cadastros negativos e não conseguiam realizar financiamentos em bancos. Conseguir esses financiamentos e em condições subsidiadas e prorrogação no prazo de pagamentos de títulos, eram algumas das reivindicações dos microempresários, entre outras. Segundo eles, sem estas condições não poderiam manter o nível de emprego local, nem recuperar as instalações, maquinários e comprar matéria-prima para reinicializar o processo produtivo.

Algumas empresas como: a Brinquedos Hering, Intesa, Casas Hudersfield, Relojoaria Cronos, Casa Jaraguá, Pepsi, Indústria e Gráfica Cidade Jardim, Casa Coelho, entre outras, estavam, segundo a ACIB, prestes a pedir concordata. Outras indústrias recebiam propostas de outros municípios para saírem de Blumenau.

Deve-se considerar, também, o fato de que as grandes empresas, tinham a possibilidade de superar mais rapidamente as dificuldades porque o seu mercado de vendas era o externo. As pequenas e microempresas, no entanto, se limitavam ao mercado interno que, por ora, passava por uma crise e, ainda, enfrentavam a questão local das enchentes.

Através do “movimento da solidariedade”, já citado anteriormente, a ACIB (comissão de microempresas) conseguiu mobilizar a população e iniciar um processo de pressão junto às esferas governamentais.

Além disso, para colocar dinheiro em circulação e possibilitar a recuperação do consumo, a população teve a “oportunidade” de sacar o FGTS. Inicialmente, essa medida era restrita aos flagelados para que pudessem recuperar os bens perdidos. Porém, posteriormente, o FGTS foi liberado a todos os optantes. Esta liberação também foi precedida de manifestações e atos públicos na cidade.

Sem poder refletir muito sobre a questão e no ímpeto de resolver seus problemas, os trabalhadores se utilizaram da “oportunidade” e acabaram perdendo com tal situação. No dia limite para o saque do dinheiro do FGTS (30 de setembro de 1983) era, coincidentemente, a data da virada de trimestre da rede bancária. Os juros daquele trimestre ainda não haviam sido depositados (cerca de 31%) e os trabalhadores não usufruíram desses juros. A quantia não repassa-

da correspondia a quase 50% do que havia sido repassado pelo governo federal, a título de “fundo perdido”. Provavelmente, com esta manobra, o governo federal conseguiu recuperar parte das verbas liberadas para a recuperação do Estado. Os trabalhadores novamente pagaram a conta.

### O drama da população pobre:

“De súbito, a casa veio abaixo, literalmente. E agora? Numa sociedade humana, que não é de insetos, o flagelado não está sozinho. Em Santa Catarina, ‘O Pequeno Primeiro’ não é apenas ‘slogan’. É uma verdade inadiável. A solidariedade e a assistência estabelecem a diferença entre o racional e o irracional. Os pequenos estão recebendo crédito e material para a reconstrução das suas casas. E trabalham em regime de mutirão, o grande mutirão da solidariedade catarinense. Mais de quinhentas casas foram refeitas. E com a força do nosso trabalho, todas serão recuperadas ou substituídas. Com a graça de Santa Catarina”<sup>24</sup>.



Casa demolida pela fúria das águas da enchente de 1983.

Embora sendo este o discurso do governo do Estado, a população blumenauense, especialmente, as camadas mais pobres, estavam a mercê da própria sorte ou sujeitas às campanhas solidárias desenvolvidas a nível local.

A leptospirose se constituía em uma ameaça quase que inevitável devido ao fato de que, na limpeza das casas, as pessoas entravam em contato com a água e a lama das enchentes.

Mais de 95% dos poços superficiais das residências do município estavam com a água contaminada (coliformes fecais). Cerca de 20% da população, na época (1983), não possuía água tratada e aproximadamente 22% era atendida através de caminhão-pipa. Alguns estudos avaliavam que cerca de 70% a 80% das crianças freqüentadoras das escolas públicas tinham verminoses.

Com as enchentes, a população pobre da cidade de Blumenau ficava sujeita a várias doenças: cólera; febre tifóide; febre paratifóide; desintéria bacilar; amebíase; esquistossomíase; hepatite infecciosa; perturbações gastrointestinais; infecções nos olhos, ouvidos, nariz e garganta; cárie dentária; fluorose; bócio; saturnismo e metemoglobinemia<sup>25</sup>. Todas relacionadas à má qualidade da água.

Os resíduos sanitários das indústrias e das residências eram dragados para o rio pelo mesmo sistema que dava vazão às águas pluviais. Situação que se agravava devido à ausência de uma rede de esgoto sanitário adequado na cidade. Órgãos de saúde local indicavam que Blumenau obtinha um dos maiores índices de infecções do Estado por falta de saneamento básico (lixo e esgoto)<sup>26</sup>.

O Hospital Público Santo Antônio, atingido severamente pelas águas e tendo que se submeter a uma reforma, dificultou, em todo o ano de 1983, o atendimento à população. Além da morosidade na reconstrução, devido à falta de pagamento dos trabalhadores da construtora contratada, a capacidade de leitos foi muito reduzida.

Em todas as regiões da cidade, havia áreas onde ocorriam constantes deslizamentos. Casas foram destruídas e outras centenas estavam comprometidas.

Na Tatutiba III, Itoupava Central, a terra tremeu várias vezes e soterrou casas:

“Novos deslizamentos (...) espalham o medo, o desgosto e a tristeza no seio da população (...) em Blumenau: uma população que não tem mais do que a si mesma para buscar apoio. (...) Artwich Hoffmann, lavrador, está desmontando sua casa. Ela foi destruída em sua parte dos fundos, rachada em sua estrutura e levantada em seus pilares; não sabe para onde ir, só diz que precisa trabalhar. Artwich dorme na casa de Herbert (...), mas

agora longe de sua esposa, internada no Hospital Misericórdia de Vila Itoupava por problemas nervosos surgidos com a destruição da casa. Seus filhos estão espalhados pela vizinhança(...)"<sup>27</sup>.

A chamada "cidade jardim" estava repleta de lixões. Uma das comprovações mais evidentes do processo de pauperização dos moradores da cidade, foi o fato de que, em alguns lixões, muitos flagelados iam à procura de alimentos retirados de supermercados e outros estabelecimentos comerciais atingidos pelas enchentes. Mães e filhos saíam destes locais com caixas de mantimentos<sup>28</sup>.

Em alguns supermercados, produtos que estiveram em contato com as águas das cheias estavam sendo vendidos a preço mais baixo, fazendo com que a população se utilizasse deles. O Centro de Saúde interditou vários estabelecimentos por esta prática.

Na Rua Hermann Huscher, toneladas de dejetos de empresas têxteis foram depositados ao lado da estrada. Isso ocasionou um verdadeiro garimpo. Pessoas munidas de ferramentas como: pás, enxadas e enxadões e outras somente com as próprias mãos, procuravam produtos que pudessem ser reutilizados como: linhas, lã, zíperes, agulhas, pregadeiras, etc.: "Pobre vai comprar custa 5 ou 10 mil cruzeiros, então, porque não recolher quando as empresas jogam fora?"<sup>29</sup>.

A situação se agravava ainda mais para os moradores pobres frente à grande onda de desemprego. Nas ruas centrais da cidade, vendedores ambulantes e artesãos tomavam e dividiam as calçadas, gerando inúmeros conflitos com os lojistas. O CDL (Clube dos Diretores Lojistas), através de uma comissão, solicitou providências da administração pública frente a tal situação. A própria Igreja Matriz São Paulo Apóstolo, através do Frei Anselmo, colocou-se contra os ambulantes e artesãos, proibindo-os de ocupar a sua "propriedade". Segundo o pároco, os camelôs estavam explorando, estavam: "(...) se aproveitando de uma situação, pois não necessitavam (...), a maioria é picareta"<sup>30</sup>.

Acrescentou, ainda, que a grande maioria dos camelôs que se utilizavam do espaço da igreja era de fora de Blumenau, por isso, era necessário uma atitude enérgica por parte do poder público para acabar com "este aproveitamento da situação".

O poder público, atendendo às solicitações da igreja e dos lojistas, intensificou a fiscalização e proibiu a permanência dos ambulantes e artesãos nas ruas, embora prometendo agilizar um espaço adequado a eles.

Inúmeras famílias que haviam tido suas casas destruídas ficavam alojadas em escolas, igrejas, no prédio da Comissão Municipal de Esportes (CME). Outras viviam de favor em casa de parentes ou conhecidos. As dificuldades se avolumavam na medida em que as promessas pareciam cada vez menos palpáveis:

“(...) eu morava (...) no Anel Viário, e minha casa foi totalmente levada pelo rio. Eu só consegui salvar algumas coisas e tivemos que fazer tudo sozinhos porque ninguém foi ajudar (...). Agora nós estamos dormindo no chão, um chão frio que nos causou uma gripe que não sai mais. A prefeitura não me deu nada, nem comida, nem cobertores, nem colchões, nem roupa, nem calçado (...). Aqui nós não temos água, não tem cocho para lavar a roupa (...). Aqui não temos banheiro porque não tem água, tá tudo estourado e a gente toma banho de bacia. (...) Do jeito que está podemos até pegar tuberculose, porque aqui também pegou enchente e ainda está úmido. Eu não vou mais pedir nada pra ninguém, porque eu só gasto condução de ônibus e nós não podemos gastar pra não conseguir nada. (...) Agora eu sei que vamos nos entregar à sorte, porque não tendo mais casa, não tendo mais nada e ainda não ganhando ajuda de quem ajudou rico nessa enchente, é melhor deixar o barco correr”<sup>31</sup>.

“Temos recebido alimentos suficientes, mas a construção é muito ruim, não tem assoalho nem janela, de vez em quando as crianças estão doentes. Tá dando pra viver, mas a gente fica esperando que o pessoal da Prefeitura apareça aqui para dar algumas palavras, desde a enchente nunca mais apareceram aqui”<sup>32</sup>.

Enquanto os moradores desabrigados passavam por condições precárias, o governo acenava com a promessa de construção de 70 casas. No entanto, a demora causava apreensão. E ainda, era o governo estadual que prometia e dizia realizar a construção das casas, mas apelava para campanhas de doações de materiais. Isso prolongava mais ainda o sofrimento dos desabrigados.

Mesmo com inúmeros problemas vivenciados pelos moradores, a administração municipal iniciou uma campanha para recuperar a imagem da cidade a nível nacional. Em setembro de 1983, através de um “calçadão” na Rua XV de Novembro, foi lançada esta campanha com o slogan “estão voltando as flores à Blumenau”. O objetivo era mostrar ao país que Blumenau estava novamente preparada para receber turistas.

Já, na época, o turismo era a terceira maior fonte de divisas para o município e a recuperação do “status de cidade jardim” seria imprescindível para o reaquecimento da economia local. Em 1980, Blumenau recebeu o título de “Cidade Turística Brasileira”. Neste sentido, as próprias enchentes eram colocadas como fenômenos que não haviam aniquilado a capacidade de resoerguimento da cidade, através de um povo “ordeiro e trabalhador”:

“Alguns leves vestígios causados pelas águas (...) podem ser vistos na margem esquerda (...) do Itajaí que, como o Meno (sic!) em Frankfurt, atravessa a graciosa Blumenau das lembranças germânicas. De resto, tudo parece mais novo ainda, tintas claras nas paredes, verdes e flores nos canteiros, céu azul, cristais reluzentes nas vitrinas, schlachtplattes e chopes nas mesas e alegria nas faces da gente”<sup>33</sup>.

Para divulgar a cidade, a Secretaria de Turismo fazia uma verdadeira maratona, principalmente, no eixo Rio/ São Paulo. No estado do Rio de Janeiro, houve até a iniciação, ou um ensaio, do que viria a ser a Oktoberfest, oferecida aos agentes de turismo.

No entanto, não houve muito tempo para que a recuperação da cidade pudesse de fato ser observada. Menos de um ano depois, em agosto de 1984, uma nova enchente destruiu a cidade e colocou a população novamente em condições desesperadoras.

**ESTÃO VOLTANDO AS FLORES**

**DIA 9 de Outubro**

**LOCAL: CALÇADÃO**  
**Rua XV de Novembro**  
**DA TORRE DA IGREJA MATRIZ**  
**ATÉ**  
**ALAMEDA RIO BRANCO**

Shows, restaurantes ao ar livre, recreação, artesanato, flores, paraquedistas, demonstração trial (motos), C.F.G., Feira troca de brinquedos, acampamento escoteiro, desfiles de moda, bandas e danças típicas, skat, dominó, fliperama, pintura ao ar livre, Blumenália, Camerata Vocale, Escolinha de Artes, Grupo Vira-Lata.



Slogan usado e distribuído pelos meios de comunicação.

## Notas de Fim

<sup>2</sup> Suplemento do Jornal de Santa Catarina, 27/07/83.

<sup>3</sup> Revista VEJA, 20 de julho de 1983, p.27.

<sup>4</sup> Palestra proferida por Henrique Ramon Miede na reunião conjunta dos Lions Clubes de Blumenau, realizada no dia 24/08/83, em homenagem ao Exército Brasileiro.

<sup>5</sup> Jornal de Santa Catarina, 18 e 19/12/83.

<sup>6</sup> Idem.

<sup>7</sup> Suplemento do Jornal de Santa Catarina, 27/07/83.

<sup>8</sup> Arquivo Histórico "Prof. José Ferreira da Silva". Coleção Ecologia, Enchente 1983 (5.5.10.2. doc 19) s/d.

<sup>9</sup> Arquivo Histórico "Prof. José Ferreira da Silva". Coleção Ecologia, Enchente 1983 (5.5.10.3. doc 03).

<sup>10</sup> Jornal de Santa Catarina, 18 e 19/12/83.

<sup>11</sup> Jornal de Santa Catarina, 19/08/83.

<sup>12</sup> O presidente da República neste período era João Batista de Oliveira Figueredo que, na ocasião, estava realizando uma viagem internacional. Antônio Aureliano Chaves era o presidente em exercício.

<sup>13</sup> Jornal de Santa Catarina, 03/08/83.

<sup>14</sup> Parte do texto dos folhetos distribuídos para a população.

<sup>15</sup> Pronunciamento de Lauro da Silva, Presidente do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Fiação e Tecelagem de Blumenau. (Jornal de Santa Catarina, 09/08/83).

<sup>16</sup> Jornal de Santa Catarina, 09/08/83.

<sup>17</sup> Jornal de Santa Catarina, 11 e 12/09/83.

<sup>18</sup> Idem, 07 e 08/08/83.

<sup>19</sup> Declaração do vereador Beno Weiers (Jornal de Santa Catarina, 30/09/83).

<sup>20</sup> Jornal de Santa Catarina, 02 e 03/10/83.

<sup>21</sup> Talvez aí podemos dizer que o grande desafio que se colocava era tornar um sentimento humanista, um protesto ilusório que emanava dos trabalhadores numa luta política concreta contra a exclusão social. Por isso, segundo Marx, para os proletários "... a fraternidade humana não é uma frase vazia, mas uma verdade, e a nobreza da humanidade brilha sobre estes rostos endurecidos pelo trabalho.". (MARX In: SÉVE, 1975:33).

<sup>22</sup> Jornal de Santa Catarina, 23/07/83.

<sup>23</sup> Jornal de Santa Catarina, 25/11/83.

<sup>24</sup> Jornal de Santa Catarina, 15/09/83.

<sup>25</sup> Jornal de Santa Catarina, 21 e 22/08/83.

<sup>26</sup> Jornal de Santa Catarina, 13/11/83.

<sup>27</sup> Jornal de Santa Catarina, 15/10/83.

<sup>28</sup> Jornal de Santa Catarina, 21/07/83.

<sup>29</sup> Depoimento ao Jornal de Santa Catarina, 14/10/83.

<sup>30</sup> Jornal de Santa Catarina, 08/11/83.

<sup>31</sup> Jornal de Santa Catarina, 22/09/83.

<sup>32</sup> Jornal de Santa Catarina, 07/10/83.

<sup>33</sup> Folha de São Paulo. Caderno de Turismo, 28/10/83.

## Memórias

## Radioamador

*Apresentamos nesta coluna de memórias dois textos de autoria da Senhora Alda Niemeyer, uma das articuladoras do pedido de ajuda, salvamento de pessoas e divulgação do estado de calamidade em que se encontrava a cidade durante as cheias de 1983.*

*Os textos foram escritos em momentos diferentes. O primeiro, após as cheias, no qual lembra o importante papel realizado pelos radioamadores locais de cidades vizinhas, os quais anonimamente, durante dias ininterruptos, foram os responsáveis pelos contatos com os mais diferentes pontos do país e exterior para pedir auxílio e socorro. O segundo, escrito vinte anos depois da catástrofe (2003), como palestrante convidada da Comissão que elaborou um ciclo de estudos para avaliar a atual situação do Vale do Itajaí e os programas que foram desenvolvidos para sanar os problemas das cheias.*

O radioamador prefere falar a escrever.

Assim, vários amigos radioamadores não nos relataram por escrito suas aventuras e experiências durante aqueles perturbados dias de enchente. Mas sua modulação foi freqüente e tão ativa, que não podemos concluir este relatório sem mencioná-los.

Todos nos lembramos do Mota, PP 5 MA, Dr. Newton Motta, que foi a “eminência parda” nos 2 metros. Ele instalou uma antena no Hospital Santa Isabel, ensinou-nos a sermos breves e claros nos câmbios com os outros postos e nos deu coragem. Fez ver ao PP 5 AF, Alfredo Flatau e PP 5 DA, Dine Flatau, que deveriam “voltar a si”. Sentidos choravam ao lado de um bebê morto, mas era preciso voltar rapidamente a pensar nos vivos.

TEXTO:

ALDA NIEMEYER\*



\* É membro ativo do Clube de Radioamadores de Blumenau.

Sabemos de PP 5 CLG, Dr. Adilson, instalando um posto de atendimento médico no 23º. BI. Lá ficou em QRV durante as 24 horas do dia, atendendo a população, fazendo partos, dando àquela região isolada pelas águas, a segurança e eficiência do médico.

Recentemente, enquanto velamos PP 5 ACF, Caetano Deeke Figueiredo, lembramos dos dias em que ele atravessou a cidade de canoa, em águas traiçoeiras e lamacentas, para operar a sua estação junto ao Hospital Santa Catarina. Lá ele havia improvisado uma antena sobre a tampa de um panelão da cozinha do hospital. QRV sempre.

As modulações de nossos amigos de Pomerode, Jaraguá, Rio do Sul e Lages soam na nossa lembrança. Uma das primeiras vozes veio do Morro do Cachorro, de onde operou PP 5 JS, João J. Schneider, que passou notícias da região da rua Guilherme Jensen e Aeroporto Quero-Quero. Vale lembrar que não reclamou, quando ficou lá esquecido por algum tempo, sem comida. Foi sua, também, a modulação que ouvimos por último, quando falou “móvel aéreo” de um helicóptero perto de Porto União, para onde se dirigiu quando as águas aqui no Vale do Itajaí já se tinham acalmado.

Não podemos esquecer de PY 1 ASM, Nancy Moura, a eficiente operadora da “rede de Emergência”, base Rio de Janeiro. Ela está sempre presente quando alguma região do Brasil precisa de ajuda. Com ela trabalhou PY 1 SMV, Dr. Sylvio, que se apavorou quando soube que a caixa de isopor que trazia vacinas para a região das cheias, tinha sido violada. Não se cansou enquanto não viu chegar aqui a nova remessa que enviou, desta vez seguramente acompanhada por radioamadores.

A intenção de ninguém, naquelas horas, era de escrever sobre suas aventuras e seus feitos. Radioamador está aí, em primeiro lugar, para ajudar e servir. Deste modo, com certeza, há muitos que se empenharam sem medir esforço, risco ou cansaço, mas hoje seu trabalho pode estar incógnito. A todos esses “heróis anônimos”, a nossa lembrança e o nosso reconhecimento.

PP 5 WGI (atual PU 5 AGI) soube de uma senhora idosa que cuidava de um netinho de poucos dias. A mãe do nenê ficou isolada num outro bairro da cidade, não podendo retornar para amamentar o filho. Carente de alimentos, a avó não dispunha nem de leite em pó adequado para o bebê. Os pedidos de socorro foram sendo levados de boca em boca, de barco em barco e chegaram aos ouvidos de PP 5 WGI, que conseguiu arrecadar algumas latas de leite

em pó e água mineral. Pegou uma carona numa canoa, abaixo de chuva grossa, até o pé do morro. Subiu, achou a casa e tranqüilizou a vovó e o bebê faminto.

PP 5 GD – Jorge, superou a si mesmo. Sabendo que equipamento de radioamador não funciona sem energia elétrica e vendo a grande necessidade de comunicação no local onde se encontrava, passou longas horas carregando pesadas baterias de carro nos ombros através das águas. Além da dedicação fraterna, precisou empenhar nessa missão uma enorme dose de esforço físico.

Radioamador sabe se virar, sabe improvisar, principalmente em horas de aperto e emergência. PP 5 ACF – Caetano, juntou talento e imaginação aos seus conhecimentos técnicos. Precisava de uma sólida base para sua antena. Não vacilou: adaptou como suporte para a antena a tampa de uma das grandes painéis que se usavam no Hospital Santa Catarina. Seu trabalho durante a enchente foi importante e indispensável.

Incansável estava também PP 5 VK, Herbert Schlindwein, que viajou pelas estradas inundadas e perigosas, levando remédios, transportando pessoas.

Lembramos dos nossos colegas de Campinas, cidade que se declarou “cidade madrinha” de Blumenau. Lá também foram arrecadadas toneladas de donativos. Com faixas dizendo “S.O.S. – Blumenau”, lá foram montadas barreiras de solidariedade nas ruas. Valeu, amigos!

Mas, nos chegou ajuda também de além-mar. Os radioamadores de Sulz am Neckar, encabeçados por DJ 3 CJ, Friedhelm Wolber, arrecadaram uma tonelada e meia de donativos, transportando tudo para Stuttgart, de onde as remessas nos vieram via aérea.

O farmacêutico Karl-Heinz Schaeffer, DF 7 TZ, da cidade de Aalen/Würtemberg, embalou na sua farmácia remédios no valor de 2 mil marcos, e mandou para Santa Catarina, sem contar com qualquer ressarcimento.

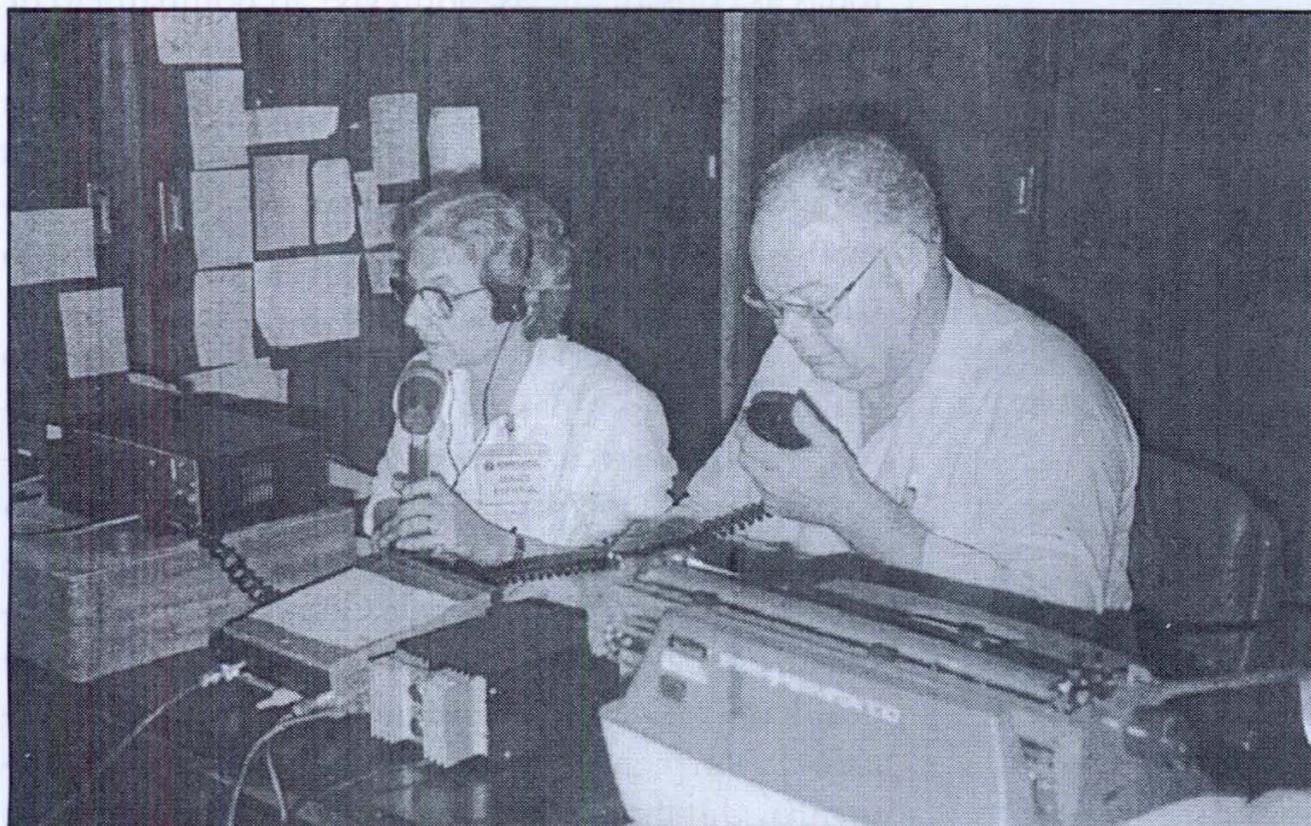
Da mesma cidade nos chegaram outras 3 toneladas de roupas arrecadadas e enviadas por iniciativa de DF 9 SE, Golo Wohlfart e sua esposa Trudel. Eles convenceram a Lufthansa e a Varig de transportar tudo sem qualquer tarifa, por tratar-se de ajuda a flagelados. Vale agradecer às duas companhias aéreas.

DF 9 SE e seus amigos DF 4 UV, Christof e DF 3 SZ, Wolfgang, receberam o apoio do diário “Schwäbische Post”, na abertura de uma conta bancária especial para “ajuda a Blumenau”. Com as doações obtidas foi restituída uma parte dos remédios ao generoso farmacêutico, com outra parte foram comprados pequenos HTs para o Clube de Radioamadores de Blumenau, e a última

remessa, em marcos alemães, foi utilizada para compra de tecidos para roupa de cama para a Casa São Simeão, em Blumenau.

O Clube de Radioamadores de Dortmund-Süd, comovido com um relatório transmitido na frequência, arrecadou também uma considerável quantia em dólares, para restituir o material esportivo perdido pela Escola Barão do Rio Branco.

O colega DF 9 CE, Georg, presidente do Lions Clube Wiesbaden-Nagold, por intermédio de PP 5 ASN, Alda, entrou em contato com o Lions Clube de Blumenau. O Clube da Alemanha tinha à disposição uma quantia para auxiliar na reconstrução do Hospital Santo Antônio. Ignoramos os fatos que interromperam este contato e, infelizmente, fizeram adormecer a tentativa de melhorar o Hospital Municipal.



Na estação montada na Telesc - a radioamadora Alda Niemeyer - P5ASN e o radioamador Hans Raun - PV5AHJ em trabalho.

Este relatório poderia ser bem mais volumoso, se tantos outros radioamadores nos recontassem suas vivências. Sabemos que, mesmo não escritas, há mil coisas interessantes a contar. E por isso, dedicamos a todos, estas páginas. Somos todos “Mosqueteiros do Éter”: um por todos, todos por um!

## Memórias

### Enchente de 1983

TEXTO:

ALDA NIEMEYER\*



Nasci em Joinvile, 83 anos atrás. Sou descendente de suíços, alemães e dinamarqueses. Cresci em Curitiba, onde terminei o Segundo Grau, antes de fazer uma viagem de passeio para a Alemanha, em abril de 1939. A passagem de volta estava marcada, reservada e paga para 12 de outubro, quando no dia 1º de setembro estourou a Segunda Guerra Mundial. Fiquei presa na Alemanha, sem poder sair de lá, até o final da guerra.

Cursos de Enfermagem me levaram à Cruz Vermelha. Vi a guerra de perto, com todo o horror e todas as conseqüências. Sobrevivi ao bombardeio de 13 de fevereiro de 1945, na cidade de Dresden, por um milagre de Deus. Saímos dos destroços da nossa casa que foi acertada em cheio por uma bomba, corremos pelo fogo, conseguimos nos salvar. Andei 150 quilômetros a pé, grávida do meu segundo filho, passando frio e fome.

Meu marido era Capitão da Organização Todt, organização para-militar, responsável pela parte técnica, abastecimento e reforço das forças armadas. Ele morreu. Nosso primeiro filho havia nascido em 1944. Depois da guerra fui, com os meus dois filhos pequenos, repatriada pela Comissão Militar Brasileira, que funcionava junto à ONU. Meu passaporte brasileiro foi regularmente prolongado pelo Consulado de Portugal, que cuidou dos brasileiros na Alemanha, durante toda a guerra. Voltei para Curitiba em 1947, com o primeiro transporte de repatriados, no navio Santarém.

Anos depois casei novamente com o médico Dr. Êrico Niemeyer e vim com ele para Blumenau, em 1956. Nasceram os outros filhos, foram seis ao

\* Membro ativo do Clube de Radioamadores de Blumenau.

todo. A família hoje é grande, com os netos e uma bisneta. Em nenhuma cidade, em nenhum lugar vivi tanto tempo, tantos anos, como aqui em Blumenau. Sou blumenauense de coração.



PP5ASN - Alda Niemeyer na sua estação de radioamador.

Este breve intróito é somente para os senhores saberem quem sou. Estou aqui hoje, como radioamadora, falando em nome de todos os radioamadores de Blumenau e de todo o Vale do Itajaí, que mantiveram os seus equipamentos em funcionamento durante estes dias de tensão, de medo, de desespero e angústia que vivemos durante a grande enchente de 1983.

O radioamador brasileiro tem sua legislação bem definida pelo Ministério de Comunicação. Isto também faz do nosso hobby, uma ocupação bem séria. E, já o primeiro artigo desta legislação reza que, em caso de emergência, de calamidade pública, o radioamador está à disposição de sua cidade, da comunidade, do Exército, da Prefeitura e da Defesa Civil.

Além disso, por um decreto, os radioamadores pertencem à Reserva

do Exército. Por isto podemos ser chamados para prestar serviços, com ou sem nossos equipamentos; podem ser requeridos somente nossos equipamentos, ou até só nós pessoalmente, para trabalhar nas emergências.

Estas palavras são só para que os senhores possam imaginar o que significou para nós o chamado e a tarefa que ficou destinada aos radioamadores, quando as águas do rio Itajaí-Açu começaram a subir muito acima do esperado.

Já havia radioamadores em alguns pontos estratégicos da cidade. Na Prefeitura, como Diretor da Defesa Civil, estava o Sr. José Nóbrega, PP5JN; no comando do 23º. BI estava o seu comandante, Cel. Antônio Bascheroto Barreto, PT2AB. O médico do batalhão era Dr. Adilson, PP5CLG. Além deles ainda estava ativo o Major Mansueto Tontini, PP5MT. Desta forma logo se pensou em rede de radioamadores, para não faltar comunicação na hora que fosse interrompida a comunicação normal por telefone.

Os meus equipamentos, na nossa casa, estavam ligados todos os dias, passando notícias de Florianópolis e outras cidades para o Nóbrega, na Prefeitura.

Isto funcionou até o dia 7 de julho de 1983, quando recebi de Florianópolis o aviso de que as águas iriam subir a 14 metros, ou mais. Larguei o microfone e fui ao telefone. Este bateu, antes de eu pegar nele.

E, uma voz de uma emissora de rádio disse: “Ouvimos seu câmbio com Florianópolis. A senhora está ligada, está no ar, pode passar a notícia para nossos ouvintes.” Ciente dos artigos da legislação, pedi desculpas ao radialista e disse: “...Não estou autorizada a passar notícias recebidas, a não ser para a Defesa Civil, na Prefeitura. O senhor deve ter um repórter lá, este pode lhe dar todas as informações!” O homem ficou chateado de tal forma que, semanas depois, quando tudo já estava normalizado na nossa cidade, o Clube de Radioamadores recebeu uma carta da rádio, reclamando falta de coleguismo, e de não ter passado notícias diretamente. O presidente na época era Caetano Deeke de Figueiredo, PP5ACF. Ele foi comigo para a rádio, e daí este mal-estar entre profissionais e amadores foi esclarecido.

A minha estação em casa, só foi desligada e empacotada, quando numa noite ficou sem força elétrica. A minha experiência pessoal na rede de radioamadores começou logo depois, quando a Embratel e a Telesc descobriram (não sei como) que havia um radioamador na Ponta Aguda. Fui requisitada na hora.

Sáímos da nossa casa, quando as águas atingiram nossos joelhos, deixando para trás amontoados de móveis, tudo levantado acima de 80 centíme-

tros. Diga-se de passagem, a água suja e barrenta atingiu nossa casa por dentro na altura de 1 metro e 35 centímetros. Faltava um palmo para esta água atingir o bojo do piano de cauda Yamaha, colocado em cima de mesa e escrivaninha. Os livros - haviam 4.700 na época na nossa biblioteca - ficaram boa parte debaixo da água e da lama.

Vi tudo isto quando, numa canoa, remada por três homens da Embratel cheguei a casa, em busca das antenas. Rodeamos a casa a remo, subimos para o sótão e tiramos as antenas e os fios coaxiais. De volta à Embratel, montei a antena para 2 metros numa janela, perto da oficina, onde instalei meu equipamento. Os homens subiram para montar a antena de 40 metros. Enquanto isto, perambulei pelas dependências da Embratel. Descobri um banheiro, totalmente molhado e abandonado, limpei-o. Achei a cozinha, descobri feijoada enlatada e arroz. Dei uma de cozinheira e, fiz rapidamente café, para encher as térmicas vazias. Achei toda a cozinha bem abastecida, faltava só uma mão feminina no fogão. Estava eu lá!

E, depois de toda estação montada, peguei os meus microfones. Primeiro o dos dois metros: PP5ASN, portátil Embratel QRV. Falei com o Tontini, no batalhão, o coordenador da rede de radioamadores, que havia se formado neste meio tempo, nas 23 ilhas da nossa cidade.

Avisei também que poderia transmitir em 40 metros, de Blumenau para todo o Brasil.

Entrei na rede de Emergência Brasileira, que é sempre magistralmente levada pela Radioamadora Nanci, PY1ASM, no Rio de Janeiro. Onde uma região do Brasil precisa de ajuda, lá esta a Nanci, organizando ajuda de todas as formas possíveis. Para nós aqui no vale do Itajaí foi providencial,

Um médico no Rio, também radioamador, conseguiu vacinas, remédios e seringas em quantidades enormes, transportados pela Força Aérea até Florianópolis ou Navegantes, onde haviam radioamadores recebendo tudo, para distribuir.

Sobre a cidade paravam, sempre quando o tempo, o nevoeiro e a chuva o permitiram, os helicópteros levando, buscando, trazendo tudo que era necessário. Quantas vezes ouvimos o nome do Cel. Bambini, incansável nestes dias, prestando ajuda. Muitas vezes orientado por um radioamador a bordo, que conhecia as regiões sobrevoadas.

Eu, na minha “estação-portátil”, logo tive contato com um radioama-

dor em Ituporanga. O Wilfredo - PP5WF me passava de hora em hora as condições da represa de lá. Fiquei arrepiada, quando o Wilfredo me disse: "Hoje às 5h15min da manhã a barragem começou a transbordar, às 7 horas transbordava 40 centímetros, as 8 horas 70 cm, com duas comportas abertas. E o calor vai provocar mais chuva!" Calculávamos o tempo que o volume de água levava até chegar a Blumenau, deixando destruição e desespero, tristeza e morte em todo seu trajeto.



Vista do Forum de Blumenau tomado pelas águas - julho-1983.

Todas notícias eu transmitia regularmente para a Defesa Civil, na Prefeitura de Blumenau, e também para o Quartel, assim como todas as informações recebidas de Taió e Ibirama. Precipitação, nível da água, condições nos vertedouros, volume pluviométrico, condições climáticas de todas as regiões, informações importantíssimas, anotadas e retransmitidas para a Prefeitura e o Quartel, e todas as outras entidades interessadas, onde havia radioamadores garantindo a comunicação.

Além disso, tinha ainda as informações das outras estações de nossos colegas, tanto daqui da cidade de Blumenau, como de Rio do Sul, de Taió, de

Porto União, Itajaí-Navegantes, e demais localidades.

Como ficamos sentidos, quando o Alfredo-PP5AF, instalado na Fábrica de Gazes Cremer pediu encarecidamente, urgentemente, um helicóptero, para levar um bebê doente pro Hospital. Tivemos lágrimas nos olhos, quando Alfredo disse: “O helicóptero finalmente chegou, mas a criança faleceu agorinha!” Depois desta mensagem ele desmaiou de tristeza, cansaço e desespero. Quem assumiu o microfone foi a esposa dele, Dine, PP5DA, que continuou firme ali, até que o Alfredo se restabeleceu.

Consolou a todos nós o Dr. Newton Motta. PP5MA, dizendo: “Temos que pensar nos vivos e continuar o trabalho!”

Via radioamadores, com que falamos em 40 metros, conseguimos da “Indústrias de Águas Ouro Fino”, em Curitiba, 937 dúzias de sacos plásticos, com 1 litro de água potável cada, transportado gratuitamente para Blumenau por caminhos difíceis e, depois aqui distribuídos pela própria Embratel, pelo Exército e pela Prefeitura.

Radioamadores da Alemanha, com que tive contato, via outra estação de um amigo, PP5AUX - Walter Kaeser, em Porto Belo, mandaram 6 toneladas de roupas. Tudo estava muito bem empacotado, em caixas grandes, firmes e seguras. Um radioamador alemão, farmacêutico, sem vacilar, juntou remédios no valor de dois mil marcos e mandou para cá, sem perguntar quem restituísse este valor. Outro radioamador de Brusque traduziu as bulas para o português, antes de entregar a caixa. Tudo foi transportado pela Varig e pela Lufthansa por tarifa ZERO, tendo radioamadores metidos nesta organização. Outro grupo de radioamadores de uma outra cidade alemã juntou uma quantia expressiva em dólares, para a Escola Barão do Rio Branco, que havia perdido todo material esportivo. Esta quantia, isto estes radioamadores souberam depois, serviu de base para o novo Ginásio de Esportes desta nossa escola. Radioamadores em ação!

Muitos fatos desta enchente e do trabalho dos radioamadores ficaram registrados num livro, que por insistência do Cel. Barreto, foi escrito e lançado. Ele viu o material sobre este assunto que eu havia juntado, para que futuramente os meus netos pudessem ver, como nós, dentro das nossas medidas possíveis, tentamos ajudar a população do vale do Itajaí. Sabendo, perfeitamente, que o progresso corre com botas de sete-léguas, melhorando e aperfeiçoando os equipamentos, enquanto nós nos virávamos em 1983 do melhor jeito possível, muitas vezes improvisando. Um dos amigos, por exemplo, carregou baterias de

carros nos ombros por quilômetros, sabendo que o outro colega estava sem alimentação elétrica nos seus equipamentos, que, só para esclarecer, trabalham com 12 volts das baterias, na falta de força elétrica.

Foi para nós, radioamadores de Blumenau, a primeira vez que mostramos nosso serviço à comunidade. Ser radioamador não significa que ficamos num blá-blá-blá nas frequências. Somos úteis sempre e a todos. Isto acontece no mundo inteiro, onde existe uma estação de radioamador.

Talvez para muitos dos senhores aqui é novidade que, na catástrofe em Manhattan, quando os Tween Towers vieram abaixo, na hora do salvamento, todos os grupos de bombeiros, a Cruz Vermelha e todos outros grupos de voluntários, tiveram um ou dois radioamadores ao seu lado, fazendo comunicação, chamando ajuda, ambulâncias, um padre talvez, etc.

Depois disto, no mundo inteiro os radioamadores ficaram bem melhor conceituados. Formaram-se grupos dentro das Defesas Cíveis, em quase todos os países. Enchentes, terremotos, deslizamentos, tornados, temporais, fogo, tudo precisa de ajuda.

Nós aqui no Brasil temos agora a RENER, Rede Nacional de Emergência de Radioamadores. Estamos diretamente ligados à Defesa Civil, trabalhando de mãos dadas, como aprendemos a fazê-lo, enquanto as águas inundaram nossa cidade. Blumenau foi cidade-pioneira de trabalho da Defesa Civil e Radioamadores juntos. “Não há Defesa Civil, sem Radioamadores” já disse o saudoso Cel. Barreto, que formulou as primeiras regras da Defesa Civil aqui na cidade, depois dos dias catastróficos de 1983. Agora o IPA, o CEOPS e a Defesa Civil levados bravamente por novos homens, jovens e ativos, com novos meios de comunicação, bem aperfeiçoados e modernos, garantem a segurança. São outros e novos modos de ajuda, eficiente na prevenção.

Mas nós, os radioamadores de Blumenau, continuamos juntos à Defesa Civil da nossa cidade, para o que der e vier; chuva, deslizamentos ou outras emergências, estamos sempre prontos para servir. Isto, apesar de todos estes novos meios de comunicação, de todas as inovações técnicas.

E, se tudo falhar, nunca, mas, nunca vai falhar a boa vontade de servir e de ajudar do radioamador.

Obrigada!

**Memórias**

**1983 – A Grande Enchente<sup>1</sup>**

TEXTO:  
ANTÔNIO  
BASCHEROTTO  
BARRETO<sup>1</sup>



As águas de julho fluíram sobre Santa Catarina. As águas se foram, deixaram marcas, nas almas mais que na terra. A natureza se reconstituiu sem cicatrizes, as fábricas se recompõem mais modernas, os homens que as tinham, puderam reencontrar os núcleos de sua própria têmpera. O que junta os homens mais do que os interesses são as idéias.

**O Estado – 14 jul 83**

A enchente de 83 deixou 65 mortos e 300 mil desabrigados. O sofrimento e os prejuízos foram gerais. Ingo Zadrozny, dono da Artex, passou quatro dias em cima do telhado de sua casa, com uma arara debaixo do braço. Fritz Mailer declara que em 1983 não houve o alerta para a enchente porque ninguém mais pensava que pudesse acontecer nova cheia. O pior é que praticamente choveu o ano inteiro. Diz, também, que várias são as causas das enchentes: bloqueio das águas no canal da barra do rio, em Itajaí; as pontes estreitas, do rio que bloqueiam suas águas; os pilares retangulares ou quadrados das pontes, que acumulam detritos (eles deveriam ser feitos em forma de cunha, para evitar este problema); a barragem do leito da BR 101.

A enchente começa quando o volume de água (vazão do rio) em Blumenau atinge mais de 1.300 m por segundo. Aí o rio sai do seu leito. A bacia da Usina do Salto tem uma extensão de 12 mil km<sup>2</sup>. Toda a bacia é dividida em sub-bacias com o seguinte percentual de participação: Salto = 3%; Indaial = 4%; Timbó = 9%; Cedros = 5%; Apiúna = 4%; Ibirama = 3%; Dolman = 28%, Ituporanga e Taió = 44%.

<sup>\*</sup> Na época da enchente de 1983, era comandante do 23º. Batalhão de Infantaria, e assumiu o comando da Defesa Civil durante este período de flagelo na região do Vale do Itajaí.

<sup>1</sup> Fonte: AHJFS - Coleção Ecologia - Enchente - 5.5.10.12doc.9

### Jornal de Santa Catarina de 27 jul 83

Blumenau ficou com seu sistema telefônico desativado. A estimativa dos prejuízos no sistema rodoviário, ferroviário e portuário de Santa Catarina é de ordem de CR\$ 55 bilhões. Dois terços da atividade econômica de Santa Catarina estiveram paralisados durante a enchente de julho atingindo diretamente 7 mil das 10 mil e 700 indústrias. O faturamento caiu 77 bilhões de cruzeiros. O ICM sofreu perda de 50%. No Vale do Itajaí, 2.800 indústrias foram afetadas.

A opinião generalizada a respeito da operação socorro que foi montada pelas forças militar e civil durante a tragédia que assolou o estado, é de que ela foi a mais perfeita e bem sucedida que já se fez no país. E os resultados falam por si.

O número de vítimas das águas, da fome, do frio e da doença é sem dúvida pequeno, em vista da dimensão da calamidade. Os méritos desta grandiosa mobilização devem ser, para se fazer justiça, divididos entre todas as forças que participaram das ações.



Soldados do 23º Batalhão de Infantaria no serviço de salvamento das vítimas das cheias.  
Rua 7 de Setembro - julho/1983.

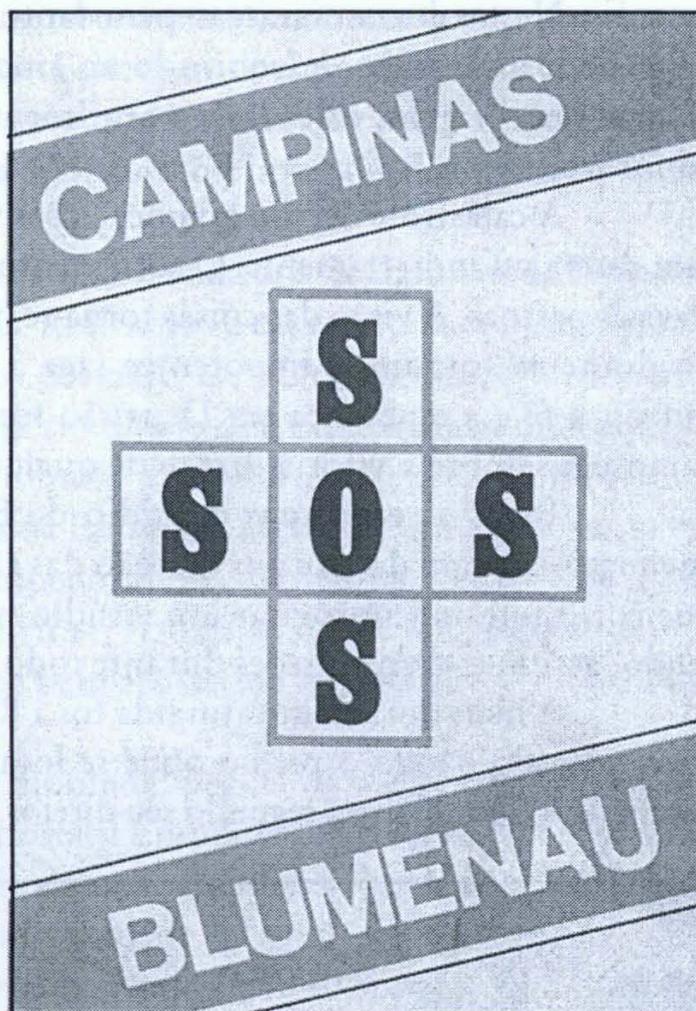
Aos militares, pelo seu poder decisivo de comando, organização e ação heróica de salvamento; aos civis que souberam atender em todos os sentidos aos apelos dos flagelados; a todas as entidades e empresas que se envolveram na coordenação das campanhas de auxílio ao Sul.

O resultado deste trabalho incansável de todos demonstra o seu sucesso. Das ações de transporte e salvamento se destacaram os militares das três armas. Dia e noite estavam mobilizados milhares de homens do Exército, Marinha e Aeronáutica, com aviões Hércules, Búfalos, aviões civis e uma frota de 20 helicópteros. Toneladas e toneladas de alimentos, agasalhos e donativos de toda ordem foram arrecadados através de inúmeras campanhas desencadeadas no país e no exterior.

O espírito de solidariedade do povo brasileiro com a gente flagelada do Sul, se fez presente. Campanhas foram desencadeadas por instituições, doadores anônimos, artistas, desportistas e empresas como: Cruz Vermelha Brasileira, Rede Brasil Sul - RBS, LADESC, Universidade Federal de Santa Catarina, Assembléia Legislativa de Santa Catarina, Rede Bandeirantes, Programa Flávio Cavalcanti, Rede Globo, Roberto Carlos, Jogos de futebol em Goiânia, Brasília e Florianópolis, Kleiton e Kledir, As Frenéticas, Paulinho da Viola, Diana Pequeno, VASP, VARIG, TRANSBRASIL e Cruzeiro.

Solidários com o drama dos flagelados, até os detentos do Rio e São Paulo doaram um jantar, que resultou na remessa de toneladas de alimentos.

70% do parque fabril foi atingido. Sete empresas de Blumenau tiveram perdas totais que chegaram a quase CR\$ 6 bilhões.



Adesivo distribuído na cidade de Campinas - SP. com o objetivo de ajudar Blumenau - 1983.

Nestas horas amargas para tantos flagelados, o homem chega mais perto de Deus e acaba descobrindo no amor a fórmula mágica de reencontrar-se com suas origens, calcadas no sentimento cristão, que prevaleceu de forma admirável.

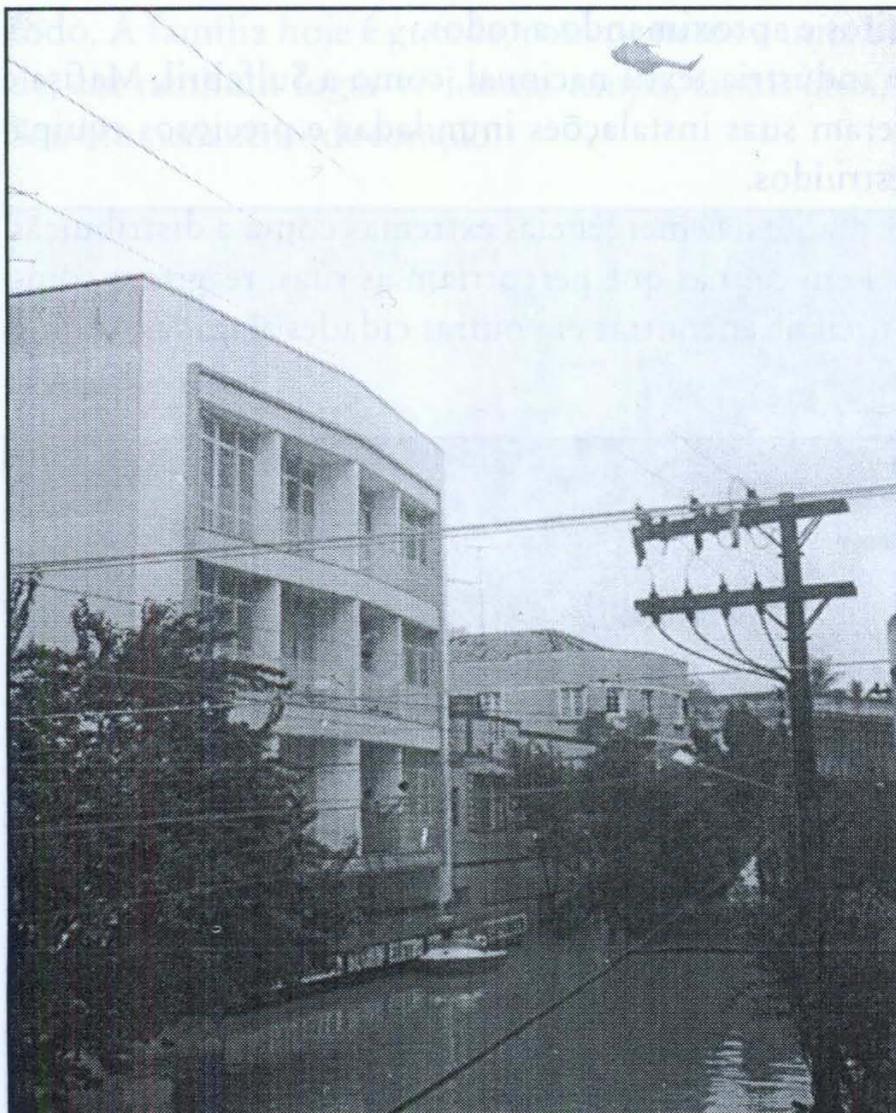
A catástrofe deixou grandes lições vivenciais àqueles que dela participaram direta ou indiretamente. O sofrimento é sempre amargo, mas amadurece e eleva as pessoas. A visão das coisas torna-se mais realista. A ciência como o poder do dinheiro tornam-se impotentes face à tragédia. A confiança em si e nos outros, a fé e a esperança em Deus são forças de altíssimo valor positivo que garantem sempre a vitória diante de qualquer problema.

Todas as emissoras de rádio de Blumenau tiveram prejuízos com a enchente e saíram do ar, com exceção das rádios Blumenau AM e Tropical FM, que conseguiram improvisar um estúdio na varanda de uma residência, mantendo, assim, as transmissões durante todo o período de cheias.

A mais duramente atingida foi a Rádio Nereu Ramos. Seu transmissor ficou alagado e todo o prédio onde se localizavam os estúdios e administração submersos. Os prejuízos, segundo seu diretor, Evelásio Paulo Vieira, foram totais.



Interior do Museu da Família Colonial; acervo que esteve submerso nas águas da cheias de 1983.



Rua Curt Hering - 1983.

As principais manchetes do Jornal de Santa Catarina, durante a calamidade foram: “Santa Catarina - os saldos da tragédia”, “Blumenau está arrasada”, “Programa de emergência visa recuperar economia”, “Cadastro vai orientar distribuição de comida”, “Comida não chega”, “Um novo susto com a subida das águas”, “ICM cai 50%”, “Estragos da enchente serão reconstruídos”, “S.O.S. o Vale pede socorro”, “População nos morros procurando abrigo”, “Férias coletivas nas empresas evitam desem

prego e amenizam prejuízos”, “As imagens da tragédia”, “Dragagem do Itajaí-Açu é a solução”, “Identificados os primeiros mortos das enchentes”, “Blumenau começa a reconstrução e empresários preparam pedidos”, “Reconstrução só com muito dinheiro”, “Ponte interditada deixa 5 mil famílias isoladas”, “Saúde alerta sobre os perigos do lixo”, “Amin admite falhas na Defesa Civil”, “Volta a chover e o Itajaí-Açu está subindo” e “Santa Catarina pede socorro”.

A Sociedade Recreativa e Esportiva Ipiranga, fundada em 1893, festejaria em 1983 seus 90 anos. Tudo estava pronto para a comemoração desta data festiva. A tragédia não poupou o clube, destruindo parcialmente seu patrimônio.

Os habitantes de Blumenau descreveram a situação como “a maior de todas as cheias”. O julho de 1983 ficará vivo por muito tempo na lembrança dos blumenauenses. A desgraça uniu ricos e pobres pela necessidade de sobrevi-

vência, banindo preconceitos e aproximando a todos.

Pesos pesados da indústria têxtil nacional, como a Sulfabril, Mafisa e Tecelagem Kuehnrich tiveram suas instalações inundadas e preciosos equipamentos danificados ou destruídos.

O blumenauense diante de emergências extremas como a distribuição de leite, pão e água potável em canoas que percorriam as ruas, reagiram como uma ordem e disciplina difícil de encontrar em outras cidades alagadas, submetidas às mesmas privações.



Vista da empresa Albany, localizada na região da Itoupava Baixa - julho-1983.

Em decorrência dos prejuízos sofridos, esta empresa transferiu suas instalações para o município de Indaial.

Blumenau, da mesma forma como tem Know-How para enfrentar enchentes, tem agilidade e vigor para sair delas. Com os primeiros sinais sensíveis de melhora do tempo, a população começou a organizar-se em mutirões para reconstruir o que as águas barrentas do rio Itajaí-Açu devastaram.

Sobravam, de qualquer forma, imensos desafios para o futuro. As cenas falavam por si; o espetáculo patrocinado pelas enchentes deixou um rastro de amargura. Lama e prejuízos por todos os cantos. O flagelo das inundações não poupou a ninguém, homens, mulheres, crianças, pobres e ricos.

### Solidariedade

Cargueiros da VARIG e Hércules da FAB carregados de mantimentos chegavam a Florianópolis para a distribuição aos municípios atingidos pelas cheias.

Vindos de São Paulo, Bahia e Rio de Janeiro, as cargas incluíam botes de fibra de vidro para o auxílio no resgate das vítimas, água potável e materiais de limpeza.

TRANSBRASIL e VARIG se incorporaram à rede de apoio para o transporte de mantimentos e outras mercadorias.

Acompanhadas de palavras de conforto às vítimas das cheias, enviou o Papa João Paulo II enviou CR\$ 14 milhões para os três estados do sul. Em consequência, Santa Catarina recebeu CR\$ 9 milhões.

### Revista Manchete – 1983

Foi mais que um desastre. Foi uma catástrofe. E chegou num momento em que o país precisa respirar esperança, e não safras e indústrias perdidas. O dilúvio que se abateu fisicamente sobre o Sul e moralmente sobre todo o país atingiu 290 municípios. Mas os brasileiros demonstraram coragem e solidariedade. Começaram a operação Arca de Noé, para salvar o possível. E 350 mil flagelados estão sendo socorridos, como em Ilhota, SC, um dos municípios mais duramente atingidos.



Casas de comércio atingidas pelas águas - julho/1983.



Rua Antônio da Veiga, em primeiro plano as instalações da FURB.

Não há adjetivos que descrevam as proporções da enchente que inundou o Sul do país nas duas últimas semanas. Em Santa Catarina, o Estado mais afetado, 150 das 199 cidades foram atingidas. Algumas ficaram inteiramente submersas pelas águas. Outras foram transformadas em espécies de arquipélagos, onde as pessoas, perplexas, se aglomeram à espera do salvamento, ou pelo menos de água e comida, numa situação no mínimo desesperadora.

“Nós vamos ter garra e reconstruir este Estado”, diz o governador Esperidião Amin.

### **FURB**

Os prejuízos sofridos pela Fundação Educacional da Região de Blumenau, em virtude da enchente, são incalculáveis, tendo em vista que as águas invadiram várias dependências daquele educandário, até o nível de 3 metros de altura.

### **Solidariedade**

Apesar dos momentos difíceis que a enchente em Santa Catarina proporcionou durante vários dias, as manifestações de solidariedade de vários estados e países, têm se transformado no maior exemplo de união dos povos.

Necessário também destacar o auxílio oriundo dos municípios vizinhos, como Indaial, Pomerode, Timbó, Rodeio e Ibirama. O município de Indaial enviou a Blumenau vários ônibus para transporte de flagelados que foram abrigados em pontos e residências daquele município. Já o município de Timbó, diante da situação de calamidade pública, encarregou-se de preparar cerca de 10 mil sanduíches, diariamente, para distribuição aos flagelados.

Solidariamente, o Clube Veleiros da Ilha, da capital, colocou várias lanchas e homens à disposição dos flagelados, numa importante participação e prova de união.

### **Perdas nas microempresas**

José Luiz Castilho Pujol, diretor de uma empresa de artesanato e móveis entalhados, que funcionava à rua Luiz de Freitas Melro, em Blumenau, teve sua empresa totalmente destruída. As paredes desabaram e o estoque de matéria prima, produtos acabados, foi tudo arrastado pelas águas, inutilizando também as máquinas de fabricação, bem como seu escritório.

Além disso, também sua residência à Alameda Rio Branco foi totalmente atingida, causando perda total de seus pertences domésticos. Com ele trabalhavam cerca de 15 operários. Ele calcula um prejuízo em torno de 15 milhões. Caso não receba ajuda, terá condições sequer de terminar o processo de limpeza de sua empresa.

Eduardo Olinger, proprietário de uma mercearia e produtora de componentes eletrônicos, no centro da cidade, perdeu toda sua produção e o próprio maquinário (cerca de quatro metros d'água dentro da empresa). Com ele trabalhavam cerca de 20 pessoas. Momentaneamente não há o que fazer. Sequer fazer limpeza, pois as águas carregaram o que restou da empresa.

Olinger lidera um grupo de pequenos empresários que defendem a criação de um departamento especial na Associação Comercial e Industrial de Blumenau para cuidar especificamente de assuntos de interesse da pequena empresa. Ele chega a sugerir ainda - em postura mais radical - a criação de uma associação específica que congregue microempresários, caso a ACIB não atenda às reivindicações apresentadas.

### **Na Hermes Macedo, prejuízo de CR\$ 600 milhões**

A loja Hermes Macedo, em Blumenau, segundo o gerente local, Rui

Fernandes, teve um prejuízo da ordem de 600 milhões de cruzeiros, em função da marca de 1,85 metros de água dentro da loja.

Duas lojas e três depósitos foram atingidos. Contando com 219 funcionários, a Hermes Macedo voltou às atividades precariamente no dia 19 último, ficando, portanto, 19 dias totalmente paralisada.

Apesar do prejuízo, a empresa, segundo a mesma fonte, não mediu esforços afim de socorrer suas lojas, para num esforço redobrado, voltar a atender a população de Blumenau.

Além da filial em Blumenau, foram atingidas as filiais de Rio do Sul, Taió, Xanxerê, Joaçaba, Porto União, União da Vitória e Mafra.



A lama em frente ao Grande Hotel, ao lado da Rua 15 de Novembro.

### **Após a catástrofe, a procura de lugares mais seguros para morar**

Também o ramo imobiliário sofreu alterações com as cheias ocorridas no Estado de Santa Catarina. Os aluguéis de apartamento e residências localizadas em regiões mais altas da cidade sofreram uma elevação assustadora. A compra e venda de imóveis passou a ser a transação comercial do momento. Muitas

peças, mesmo possuindo casa própria, começam a se desfazer do imóvel, em busca de um local seguro.

Preços caíram e preços sofreram alterações. Dois extremos que podem ser constatados. Assustadoramente, os pontos altos da cidade passaram a ser procurados e questionados para uma possível moradia, isto poucos dias após as águas baixarem.

Por outro lado, residências e terrenos, mesmo que situados na região central do município – porém, sujeitos às enchentes – sofreram um decréscimo em seu valor. As empresas imobiliárias estão recebendo um número expressivo de pessoas, diariamente, em seus escritórios. A cena se repete: uns se desfazem do

imóvel, outros, aguardam na fila, para a aquisição do mesmo.



Fila de flagelados para pegar água potável - julho/1983.

### Reconstrução

A ordem é reconstruir. Feitos os primeiros levantamentos, o posicionamento da classe empresarial tem sido claro. Reativar a produção, mantendo o mesmo quadro de empregos que havia antes das cheias.

Os prejuízos de somente sete das grandes empresas de Blumenau, para se ter uma idéia melhor do quadro, podem chegar a 6 bilhões. A Mafisa, malharia de Blumenau, sofreu perdas estimadas em CR\$ 1,5 bilhão; a Albany, mais de 4,5 milhões de dólares; a Hering

Brinquedos e Instrumentos Musicais, em torno de CR\$ 300 milhões; Indústria Têxtil Schulz, em pouco menos de CR\$ 250 milhões; a Cristal Blumenau, cerca de CR\$ 130 milhões; e ainda há a Teka e Sulfabril, que não tiveram os valores calculados.

### **Cadastro**

A Unidade Militar do 23°. Batalhão de Infantaria iniciou um trabalho de consolidação do quadro geral de flagelados, visando disciplinar a distribuição de alimentos aos necessitados, segundo o Coronel Antonio Bascherotto Barreto.

A medida visa esclarecer as divergências de informações com relação à quantidade de alimentos disponível para a comunidade flagelada de Blumenau.

Elaborado com base num levantamento cadastral realizado por militares e lideranças comunitárias, o relatório contém informações de todas as regiões atingidas pelas cheias, medida que possibilitará a distribuição de um cestão de alimentos de 15 em 15 dias.

Concluído o documento, o mesmo será entregue às autoridades municipal, estadual e federal. Os postos de distribuição e recebimento de mantimentos, afirmam que o número em vestuários, oriundos de várias localidades é bastante expressivo.

Torna-se difícil, entretanto, atender às necessidades alimentares dos flagelados, enquanto não for totalmente disciplinado o trabalho de distribuição. Enquanto desenvolve-se este trabalho, nos postos de recebimento e distribuição de alimentos, a quantidade ainda é considerada insuficiente. No entanto, garante o comandante do 23°. Batalhão de infantaria, tão logo o cadastramento seja concluído, a situação normalizar-se-á.

### **Comandante do 23°. BI quer ação comunitária**

No último dia 16, o comandante do 23°. Batalhão de Infantaria, Coronel Antônio Bascherotto Barreto, lançou uma nota de ação comunitária sobre as enchentes que se abateram sobre o Estado.

A nota é a seguinte:

“Simbolicamente Deus levou 6 dias para fazer o mundo e no sétimo ele descansou, porque acreditou na sua mais perfeita obra, que é o homem.

Os homens do Vale do Itajaí, principalmente os de Blumenau, durante

este período de trauma, medo, solidão e de reflexão, sentiram que o mundo foi feito com amor, e que o homem deve dar continuidade a isto.

Fomos testados e sentimos quão pequenos somos perante esta manifestação da natureza.

Se é hora de reflexão, também é hora de ação. Ação solidária, ação comunitária e ação de reconstrução moral, espiritual e material.

O blumenauense que sempre teve este espírito sabe que o trabalho em conjunto, ordenado, sem egoísmo, fará com que a nossa cidade, o Vale do Itajaí e todo o Estado de Santa Catarina, se tornem ainda mais belos e grandiosos do que antes deste pesadelo traumático que vivemos nestes 7 dias.

Portanto, o oitavo dia é meu, é teu, é nosso.

*Ajudas externas dos nossos irmãos estão vindo e virão, mas sem a nossa ação comunitária, de nada adiantarão.”*

### Dados Gerais

- ✓ Setor público municipal sofreu prejuízos de CR\$ 7 bilhões.
- ✓ Setor têxtil, perdas de CR\$ 35 bilhões.
- ✓ População: 170.000 habitantes.
- ✓ 40.000 a 50.000 desabrigados.
- ✓ 120.000 flagelados.
- ✓ 2ª. arrecadação de Santa Catarina.
- ✓ Conseqüências: colapso das obras públicas; plano de governo municipal inviabilizado; aumento do desemprego; retraimento do turismo; diminuição do poder aquisitivo da população com o respectivo reflexo na arrecadação do município; bloqueio no processo de instalação ou expansão de empresas; comprometimento do orçamento do município, da ordem de CR\$ 2.016.173.174,00.
- ✓ Recursos federais prometidos: CR\$ 12 bilhões para o DNER consertar estradas catarinenses; CR\$ 4 bilhões para o DNOS aplicar na represa de Ibirama; CR\$ 1,5 bilhões para o COBAL pagar os alimentos de emergência.
- ✓ Prejuízos calculados em CR\$ 12.868.842.623,00.

*Blumenau, 02 de maio de 1995.*

## Entrevista

### Uma experiência vívda - 1983

**ENTREVISTADO:**  
**CEL. ANTÔNIO  
BASCHEROTTO  
BARRETO**

**ENTREVISTADOR:**  
**GUENTER JOSÉ  
MORSCH\***



*Esta entrevista foi realizada no ano de 1990, pelo acadêmico do curso de História, Guenter José Morsh com o Cel. Antônio Bascherotto, o qual durante as cheias de 1983, exerceu um importante papel à frente do comando do 23º Batalhão de Infantaria, no sentido de organizar o salvamento de vidas e manter a ordem num momento de catástrofe que a cidade e região do Vale do Itajaí vinham atravessando. O objetivo da publicação deste depoimento é trazer para o leitor a experiência vivenciada pelo Cel. Antônio Bascherotto. Na época da entrevista ocupava o cargo de Secretário Municipal do Meio Ambiente.*

*G.M.: É uma satisfação entrevistar o senhor. Gostaria que falasse de sua pessoa e da experiência vivida no cargo do comandante do Batalhão durante a enchente de 1983.*

*A.B.: Meu nome é Antonio Bascherotto Barreto e entre 1982 e 1983 comandeí o 23º. Batalhão de Infantaria, Unidade do Exército sediada em Blumenau. Comandava o Batalhão, quando em junho, julho e agosto de 1983, tivemos a grande enchente. Esta foi a maior enchente em termos de duração em Blumenau porque os níveis dos rios estiveram elevados durante quarenta dias. Tivemos um índice de 15,37m, mas não foi a maior, pois já tivemos enchente em Blumenau, de 16,80m, como a ocorrida em 1880. Porém, pela duração, nível da água e pela surpresa como o povo foi colhido, esta enchente realmente trouxe grandes prejuízos parte econômica mudando a*

\* Aluno do curso de História na época.

O entrevistado Coronel Antônio B. Barreto faleceu em 28/08/2002.

partir daí o modo de viver do blumenauense. Avaliar prejuízos é um dado apenas razoavelmente confiável. Nós não pudemos mensurar detalhadamente o que foi perdido, o que foi destruído e o que ficou irrecuperável. Podemos dizer que os prejuízos em toda Santa Catarina chegaram à ordem de 12 bilhões de cruzeiros, e em Blumenau entre 2,5 a 3 bilhões de cruzeiros.

*G.M.: Baseado na experiência e considerando as enchentes anteriores e posteriores a 1983 e aquelas que provavelmente ocorrerão, o que o senhor diz dos poucos recursos destinados, talvez para a contenção definitiva das enchentes?*

A.B.: Realmente, conseguir eliminar os problemas das enchentes no Vale dos Itajaí-Açu é muito difícil. Explico o porquê: existe uma corrente que diz que as cheias atuais foram conseqüência do desmatamento. Eu pergunto: em 1880, nós não tínhamos desmatamento na região do Vale, pois ele não era ocupado, apenas índios e poucos colonizadores estavam adentrando via Blumenau e o rio chegou a 16,80m, a maior enchente. Muitos afirmam que é a ocupação dos vales que provoca esta grande enchente. Eu pergunto: e em 1880, quando nossas várzeas não eram ocupadas? Bem, a enchente aqui é causada por uma série de fatores. O principal deles é a precipitação pluviométrica, não só em quantidade como em duração, aliada ao problema da maré, quando está ou não enchendo a foz do rio. Existe também o problema do desmatamento, a ocupação dos vales e o fenômeno de “El Nino”. Toda essa conjugação leva a uma maior ou menor subida do rio e conseqüentemente a uma enchente. Quais as providências que se pode tomar? Sabemos que o Governo Federal empregou uma fortuna de recursos, fazendo essas barragens que não são soluções definitivas. Segundo os técnicos, elas poderão baixar o nível em 2 a 2,50m. Houve a retificação do rio na jusante de Blumenau, região de Gaspar e Ilhota, melhorou a fluidez do rio. É a solução? Não! É apenas solução parcial. Melhora o escoamento do rio. Para Blumenau isso é muito importante, mas para Gaspar, Ilhota e Itajaí não o é. Se diminuir o nível aqui por certo aumenta lá. A foz do rio tem sempre o mesmo tamanho, que é de afunilamento: o rio só se espraia após um nível muito alto quando passa por cima da BR 101, como em 1983 e vai por essas grandes baixadas de Navegantes, canal de fuga de Armação, etc. As obras melhoram, as barragens também,

além do projeto de um túnel desviando o rio dessa sua alça aqui no centro da cidade, mas é um projeto caríssimo e o poder público não tem condições de fazê-lo. O que proponho sempre, é termos medidas preventivas que minimizem os efeitos de uma enchente. É a estruturação de uma defesa civil bem montada, treinada e preparada, que em caso de necessidade atuará na defesa da vida e dos bens dos blumenauenses. Temos também que fazer uma educação ambiental, despoluir primeiro a mente, para despoluir depois o rio. Não permitir que se entupa bocas de lobo, que se jogue saco de lixo no ribeirão, pois cada lixo servirá como barragem ao escoamento normal das águas, represando o curso do rio mais à montante. Tudo isso tem que ser feito: defesa civil, obras, educação ambiental. Quero fazer uma observação. Eu prefiro mil vezes o aumento lento das águas do rio, do que o que aconteceu na Itália e Alemanha onde houve arrebentação de represa e desceu aquele volume imenso de água, galopeando e destruindo tudo. Então, é preferível que nós enfrentemos bem estruturados uma cheia que nós sabemos, não passará de 17,00m, do que enfrentar outros problemas. Com relação a obras, idéias existem. Colocá-las em prática, custará muito caro. Muitas obras já foram feitas, precisamos de mais algumas. O que nos interessa é a medida preventiva, alertar a população, preparar a população. Se a população tivesse sido alertada em 1983 com antecedência, metade ou até três quartos dos prejuízos não teriam acontecido.

*G.M.: Pelo que falou, o senhor não acredita numa solução definitiva para as enchentes, mas que é necessário fazer obras para minimizar o problema. Pelo fato dessas obras não estarem concluídas, não existe uma falta de vontade política dos órgãos competentes ou será que a população de Blumenau precisa conviver por muito tempo ainda com o temor das enchentes?*

A.B.: Veja bem. O problema da enchente jamais será resolvido, pois nós homens não podemos enquadrar o rio de modo que não haja mais enchente, por motivo muito simples: nós pertencemos à nossa mãe natureza, que comanda o fenômeno que ocorre em Blumenau, com mais chuva ou menos chuva, e não temos condições no momento, de controlar isso aí. Nós não temos condições de desviar uma massa polar que venha carregada de chuva, de

desviar o “El Niño”, aquela corrente de ar que bloqueia a subida da massa polar em direção ao norte do país e ao oceano. Então temos que vestir a carapuça, tentando resolver o problema como o homem pode resolver dentro de suas limitações. Segundo aspecto: Fazer ou não fazer as obras. O problema está localizado na bacia do Itajaí-Açu, afeta diretamente a comunidade blumenauense e comunidade do Vale. Atinge de maneira um pouco menor atinge o Governo do Estado de Santa Catarina, que deixa de arrecadar os impostos. Têm o trauma de ferimento e morte de seus filhos, arca com a reconstrução de obras e estradas que foram destruídas, mas com uma projeção menor do que para as comunidades atingidas. E finalmente para o Governo Federal é só mais um fenômeno. A cabeça pensante que está em Brasília não sente na carne o que nós sentimos aqui, por isso, não há muito empenho em resolver os nossos problemas. Também nós não temos o peso político que deveríamos ter. Por que digo isso? Nós temos excelentes representantes e temos medíocres representantes. Morei muitos anos em Brasília. Vi como o político nordestino briga pelo seu partido, faz um forró tremendo, mas, quando se trata de atender a um pleito do Nordeste, todos se unem, penduram a camisa do partido e vestem a camisa da terra deles. Isso dificilmente ocorrer aqui em Santa Catarina. O Estado, sabe-se que é um estado produtor, de gente trabalhadora. Tem a Oktoberfest, tem boas praias, temos as Veras Fischer, mas, nós não temos aquele lastro, aquele peso de exigir o que por direito, por trabalho, nós adquirimos. Estas obras ficam passando de ano para ano e não são terminadas nunca. Outras, que devem ser feitas também não o são. Fugindo ao assunto, temos um exemplo típico, a BR 101, onde as vidas de nossos conterrâneos são ceifadas diariamente e não se toma uma providência para duplicação da rodovia. E eu pergunto: Quanto produz Santa Catarina para o Brasil e qual é o peso da economia catarinense, o peso da cultura catarinense e o trabalho de seus filhos? Nós injetamos muito no Brasil, mas em troca, da federação recebemos muito pouco. É por isso que nossas obras andam se arrastando por aí e se não houver uma consciência única em Santa Catarina, de pressionar quem deve ser pressionado, isto é, o Governo Federal, nós não vamos resolver ou minimizar os problemas da bacia.

*G.M.: O senhor acredita então que é fundamental a união do Estado para pressionar*

*o Governo Federal, caso contrário não há como dispor dos recursos necessários?*

A.B.: Positivo. Uma barragem ou outra obra de maior efeito custa uma fábula de dinheiro. Não será Taió, Blumenau ou toda a região que conseguirá tocar uma obra dessas. Isso exigirá vultuosas quantias, muitas vezes necessita de financiamento de organismos internacionais. Veja que um projeto simples, desse do DNAE, das estações termométricas, para medir a altura do nível do rio. Estas estações a um custo de CR\$ 250.000,00 por mês, estão sendo desativadas, (uma hora ativa, outra desativa) e não há interesse. A pessoa está em Brasília, a subdireção do projeto está em Curitiba-PR. Se nós assumíssemos isso, ou os responsáveis morassem aqui em Blumenau, haveria o máximo empenho para que suas famílias não fossem atingidas, e não permitiriam que um projeto desses fosse desativado. Pelo contrário, estariam procurando o *know how* e equipamento mais afinado para resolver o problema.

*G.M.: Há dois anos estou em Blumenau e por ocasião de uma pequena enchente ouvi quem dissesse: “Assim que baixar a água mudarei desse local”. Mas isto efetivamente não acontece ?*

A.B.: Vamos fazer uma análise do padrão cultural da comunidade de Blumenau. Nós brasileiros, aqui recebemos uma injeção muito grande de cultura européia, do que há de mais refinado, não resta nem dúvida! Por isso mesmo nossa região se diferencia das demais regiões do Brasil, pelo seu progresso, pela sua cultura mais adiantada. Veja bem, uma característica do povo brasileiro é a de não prever, de deixar acontecer. Nós somos mais cigarras do que formigas. Isso é fácil de explicar: o germânico, o italiano, o norte-americano e o russo, são obrigados a trabalhar nos meses que a natureza lhes oferece para produzir alimentos, estocar alimentos e produzir os seus bens, porque ele sabe que nos meses que a temperatura baixar até 40°C, ele está a um fio da morte. A natureza ensinou a estes povos a previdência, a olhar mais em frente, a prever mais adiante a uma temporada de inverno e se preparar para não morrer com o rigoroso frio e de fome. No Brasil isso não acontece. Quantos se lembram da enchente de 1983? Quantos estão preocupados? Estão sendo construídos

prédios em áreas sujeitas a inundação e sabe-se que para atender um prédio numa enchente é um Deus nos acuda, pois, é preciso abastecê-lo com água, alimentos, é gente doente com ataque de nervos, elevadores não funcionam, não tem energia elétrica, estourou o esgoto, fossa, dezenas de problemas. Tudo isso ocorreu em 1983 e cada dia que passou depois daquela calamidade, foi um dia de esquecimento, foi amortecendo e ainda há uma meia dúzia de obcecados aqui na comunidade que ficam falando e reprisando a necessidade de medidas, providências, etc. Esta é uma característica do povo ou da grande maioria. Modificar isto é difícil. Só através da educação, haverá um despertar de consciência, e mesmo assim é uma luta difícil. Agora, nós da Defesa Civil, temos um lema que vou dizer agora: A Defesa Civil de Blumenau pode passar 100 anos sem ser empregada, mas, não pode passar um minuto sem estar preparada. Assim deve ser o habitante de Blumenau, à semelhança de sua Defesa Civil, deverá estar preparado para uma eventual enchente e ele poder sobreviver e se safar bem.

*G.M.: Em curto prazo, além da Defesa Civil preparada, o que está sendo feito e o que precisa ser feito para minimizar o efeito das cheias?*

A.B.: A Defesa Civil tem que se estruturar. Já escolhemos núcleos de defesa civil e seu núcleo central. Estamos na fase de ministrar palestras, orientar o pessoal, escolher lideranças, para que sejam treinadas para o caso de enchente. Isso é o que deve de ser feito. Estamos montando um caderninho de Defesa Civil para que cada família tenha as instruções de como fazer, o que fazer e quando fazer. Isso é o nosso trabalho. Também é necessário orientar e propor ao poder público, medidas que possam objetivar a minimização dos efeitos dessas cheias. Como já disse, fazer uma comporta aqui, uma retificação ali, não permitir grandes desmatamentos, enfim, um conjunto de medidas que vão resultar sem dúvida numa melhor possibilidade do povo defender-se do problema.

*G.M.: Quer dizer que em curto prazo, não há perspectiva de que sejam feitas obras que aplicam o que a engenharia dispõe de mais moderno, em tecnologia, desvio do leito ou outros projetos?*

A.B.: Não. Não acredito, nem há condições. Estamos numa fase da vida política e econômica do Brasil em que o gigante está como o aidético, sem forças, mas anda. Não há condições de lançar-se em grandes projetos. O grande projeto da União neste momento e nos dias futuros, será conter a inflação, melhorar o nível de vida do povo, redimensionar as grandes empresas, por aí, que estão dando déficit todo ano, entregando-as a particulares para ver se há recuperação além de informatizá-las e aperfeiçoá-las, tornando-as lucrativas. Então, não há condições nesse momento, de a Nação fazer grandes investimentos. O que poderá ser feito é concluir as obras iniciadas que estão num terceiro e quarto estágio, faltando pouco para que se termine.

*G.M.: Muito obrigado. Agradeço ao senhor em nome do Curso de História da Furb, por ter me recebido para esta entrevista. Serviu para que eu tivesse outras idéias, outra visão do problema das enchentes. A pesquisa é assim, no final leva-nos a uma conclusão.*

A.B.: Eu agradeço a oportunidade de falar aos companheiros que estudam história que realmente sempre foi uma matéria que encheu meus dias de estudante. Sempre gostei de História e estou à disposição de todos. Infelizmente não posso dizer aqui que em termos de enchentes nós deveríamos aprender com a experiência dos outros. Em Blumenau não ocorre isto. Em todas as enchentes nós aprendemos e sofremos com nossas próprias experiências. Mas é um alerta para vocês. Este trabalho de pesquisa é válido, porque como sempre digo, temos que abrir as portas e janelas de nossa mente, do nosso coração, para enxergarmos o que existe no mundo ao nosso redor. Enxergar o positivo, o negativo, fazer avaliações e na hora de termos oportunidade de ter uma função pública ou uma função qualquer dentro da comunidade, poder com o nosso conhecimento, com nossas razões, apresentar argumentos, soluções aos problemas que ocorrem. O maior problema de Blumenau é a enchente. Esse realmente é um problema seríssimo. Obrigado!

## **Burocracia & Governo**

### **Levantamentos estatísticos dos danos causados pela enchente de julho de 1983**

#### **Setor da Economia: Secundário**

No chamado setor de transformação, as indústrias afetadas pela enchente de julho do ano passado, classificadas no conjunto entre grandes (15), médias (18) e pequenas (249), totalizaram 282, o que corresponde ao percentual de 41% do universo de indústrias instaladas no município.

Estas empresas, no seu conjunto, são responsáveis por quase 30.000 empregos diretos. Comparando-se com o total da população economicamente ativa do setor, pouco mais de 41.000 pessoas, tem-se uma idéia do grau de paralisação do trabalho nas indústrias da região.

Em valores de 83, as empresas afetadas apresentavam um faturamento bruto trimestral acima dos 44 bilhões de cruzeiros, pondo em relevo a extensão dos prejuízos enquanto perdurava a série de pequenas cheias que tinham seu início em maio até culminar na grande enchente do mês de julho.

As perdas propriamente ditas ultrapassaram a casa dos 10 bilhões de cruzeiros, entendidas neste particular os prejuízos com bens de capital (máquinas e equipamentos), estoques de matéria-prima, instalações físicas e outros. As chamadas perdas com o "custo de oportunidade" (faturamento não realizado) alcançaram a cifra dos 28 bilhões de cruzeiros, elevando as perdas globais (físicas + vendas não consumadas) para qualquer coisa próxima dos 40 bilhões de cruzeiros. Comparando-se aos valores declarados no movimento econômico deste ano (ano base 83),

---

Fonte: Secretaria de Indústria e Comércio. AHJFS - Coleção Ecologia - "Enchentes - 5.5.10.12doc.01.

aquele valor representa parcela ponderável de quase 25% (!) da participação do setor no referido movimento.

O total das necessidades financeiras reclamadas pelo setor para fazer frente ao volume de prejuízos, incluídas neste tópico os encargos financeiros oriundos de compromissos não saldados, custos de financiamento e rotatividade dos estoques (capital de giro), juros bancários etc., foram orçados para algo em torno dos 21 bilhões de cruzeiros, excluindo-se deste montante os prejuízos decorrentes das expectativas frustradas pelas vendas não efetivadas.

As necessidades financeiras para atendimento ao quadro de pessoal, mormente encargos sociais e salários, ficou avaliada em 4 e meio bilhões de cruzeiros.

O prazo médio de recuperação destas empresas, até que estivessem em condições de apresentar os níveis de produção anteriores, foi estimado em 52 dias.



As águas na Rua 15 de Novembro atingiram o setor terciário causando enormes prejuízos.

Levantamento estatístico dos danos causados pela enchente de jul/83:

Município:	Blumenau
Empresas atingidas:	282
Nº de empregados:	29.247
Faturamento Trimestral:	44.033.116
Prazo médio de recuperação:	52 dias
Perdas:	10.649.175
Perdas faturamento no período:	24.340.265
Necessidades financeiras pessoal:	4.547.391
Total das necessidades financeiras:	21.570.325

### Setor da Economia: Terciário

No setor terciário da economia (comércio, serviços e outros), as cheias que ocorreram no mês de julho do ano passado atingiram diretamente a 832 estabelecimentos comerciais e/ou de serviços, correspondendo a um percentual de 31,5% do total das empresas instaladas no município.

Esta situação acarretou ao setor um prejuízo da ordem de quase 10 bilhões de cruzeiros em valores de 83, contabilizando-se neste montante as perdas em estoque de mercadorias, instalações físicas e outros bens patrimoniais.

No conjunto, os estabelecimentos afetados apresentavam um faturamento bruto trimestral de aproximadamente 30 bilhões de cruzeiros, sendo que no período em tela as perdas de faturamento foram estimadas em torno de 11 bilhões de cruzeiros, representando o chamado “custo de oportunidade.”

O global dos prejuízos do setor alcançou cifra superior a 21 bilhões de cruzeiros (perdas físicas + receitas não realizadas), o que representaria qualquer coisa próxima a 20% do movimento econômico do setor declarado este ano (ano base 83).

O montante do aporte de recursos destinados a cobrir os prejuízos do setor ficou orçado em 25 bilhões de cruzeiros, agregando-se a este valor as despesas financeiras com financiamentos, rotatividade de estoques (capital de giro), juros bancários, etc.

Aproximadamente 12.000 funcionários estiveram momentaneamente paralisados, a maioria deles enquanto durou a recuperação do setor que consumiu, em média, 36 dias.

Levantamento estatístico dos danos causados pela enchente de jul/83:

Município:	Blumenau
Empresas atingidas:	832
Nº de empregados:	11.867
Faturamento Trimestral:	28.088.027
Prazo médio de recuperação:	36 dias
Perdas:	9.249.692
Perdas faturamento no período:	11.177.560
Total das necessidades financeiras:	25.134.313



Enchente de 1983 - Comércio da Rua 15 de Novembro atingido pelas águas.

### Considerações finais

Ainda não se dispõe de levantamentos estatísticos mostrando a ocorrência de desemprego nestes dois setores da economia provocado pelas enchentes do ano passado. A dificuldade na obtenção desses dados reside no fato de que a situação tende a se confundir com uma conjuntura fortemente recessiva onde já vinha anteriormente predominando queda nos níveis de produção e conseqüente desalojamento de mão-de-obra. Some-se a isso a perda do poder aquisitivo, imposto por um severo controle dos salários que tem seu agravamento a partir da aprovação do Decreto nº 2065. Como pano de fundo, a espiral inflacionária que as autoridades econômicas reconhecem como difícil de jugular (sic). Isto reunido enseja o aparecimento da conhecida “causação circular cumulativa negativa”: menor renda, menor consumo, menor produção, menor arrecadação, menor investimento, menor emprego...

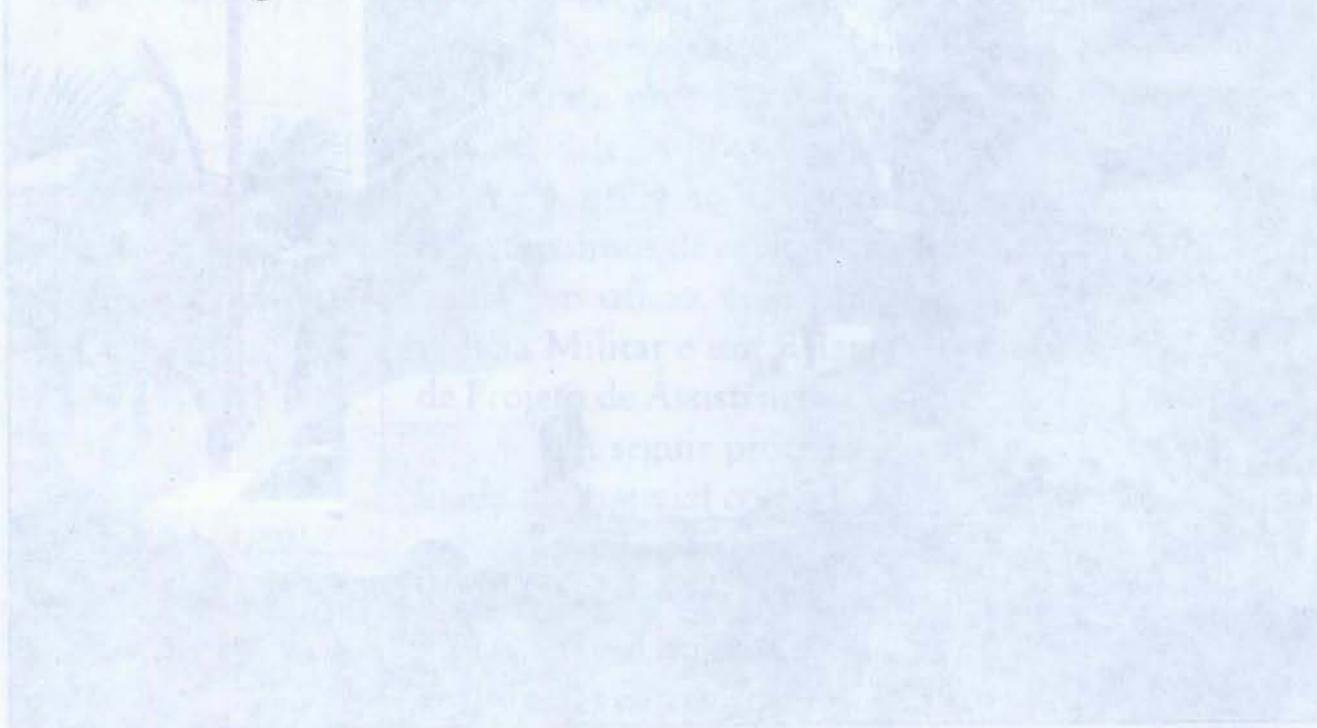


Enchente julho-1983. Foto tirada do pátio da Catedral São Apóstolo - vista das Ruas Padre José Maria Jacobs e Curt Hering tomadas pelas águas.

Assim, neste quadro de extrema adversidade econômica, fica difícil dissociar do quadro global da economia, a verdadeira extensão da componente “enchente” e seus reflexos isolados.

O senso comum parece mostrar que os efeitos das enchentes atingem com maior contundência, no setor secundário, ao micro e pequeno empresário, justamente aqueles que amiúde vêm lutando com extremas dificuldades na condução de seus negócios, e no setor terciário a administração pública que há alguns anos vêm sofrendo o estrangulamento deliberado da União que não operacionaliza adequadamente a transferência dos recursos que de há muito vem sendo reclamados pelos Estados e Municípios.

No primeiro caso, presenciamos as micro e pequenas empresas fechar suas portas, desempregando seus operários, simplesmente porque o elevado custo financeiro do dinheiro inviabiliza-lhes o acesso àquela fonte de recursos; no segundo caso vemos o poder público, notadamente o municipal, incapacitado sequer de recuperar o patrimônio público destruído pela força das águas, uma vez que apenas os recursos provenientes dos impostos, fundo de participação, transferências e outros, mal cobrem as despesas de custeio, reduzindo ao mínimo a margem de investimentos.



## Crônicas do Cotidiano

### 1983 – 20 anos depois

TEXTO: URDA  
ALICE KLUEGER



Está fazendo vinte anos! Só me dei conta quando a imprensa começou a falar, e vi que a minha sobrinha Laura, que então tinha quatro meses, já está com vinte anos. Céus! Parece que tudo foi ontem, e agora, quando olho para as fotos de então, a minha garganta se fecha e eu quero chorar.

Eu penso que para nós, blumenauenses, existe o ANTES e o DEPOIS da Enchente de 1983, pois o que vivemos naquela ocasião (muita outra gente do Estado também viveu) foi lição e prova para modificar a vida. Lembro-me como naquele mês de julho de 1983 a minha conta estava repleta de dinheiro – era, ainda, o tempo em que eu ganhava bem – mas todo aquele dinheiro não me permitia comprar qualquer comida, ou um golinho de água potável que fosse. Eu escrevi as coisas acontecidas comigo e na minha casa num livro que se chama “Vem, vamos remar”, e que teve lá suas 4 ou 5 edições – no momento está esgotado, mas logo logo terá nova edição na praça, só para a gente se lembrar.

Escrevendo, agora, de novo estou de garganta fechada, querendo chorar, pelo que foi triste, sim, mas também pela beleza que a Enchente de 1983 nos trouxe. Claro, vinte anos depois muita gente esqueceu, e muita gente nova nasceu, mas eu não esqueço com facilidade. E lembro das coisas bonitas da solidariedade: do meu vizinho industrial, que nunca falara com ninguém das redondezas (na verdade, ali onde eu morava na época, no bairro Bom Retiro, em Blumenau, os vizinhos absolutamente não se conheciam mesmo), e que mandou alguém da sua casa que ficava num morro recolher trigo em

\* Escritora e Membro da Academia Catarinense de Letras.

todas as outras casas onde o houvesse, e abriu como que uma padaria na sua cozinha. Vinha uma canoa, depois, distribuir o pão, assado em todo o tipo de pirex ou forma, e aquilo foi uma das coisas mais bonitas da Enchente.

Só que o trigo durou pouco, 4 ou 5 dias. E na primeira “pegada”, o rio dominou a cidade por 14 dias inteiros. (Ele subiu 12 vezes, naquele ano.). Então, ficamos à mercê da caridade pública, mas da caridade pública mesmo. E então eu me lembro da outra cena mais bonita que vi então: lá pelo 13º, 14º dia, já não sei, eu consegui atravessar o morro que vai do Bairro Bom Retiro até o Bairro da Velha, em Blumenau. Ali há uma estrada calçada, e alguém mais velho, no apuro em que todos estavam, lembrou-se de que fazia décadas que uma pequena nascente que havia lá sobre o morro tinha sido canalizada por baixo da estrada, e foi lá e localizou aquele olho d’água escondido num barranco. E trouxeram bambus, e fizeram uma bica que despejava um fio d’água sobre a calçada. E, subindo aquele morro, numa fila que parecia interminável, as pessoas, munidas de baldes ou panelas, aguardavam pacientemente a vez de se abastecerem naquele fio d’água que a natureza dava espontaneamente. E lá na fila estavam os gordos profissionais liberais com as mãos cheias de anéis, e as mulheres simples que trabalhavam de faxineira, e as mulheres ricas com suas mãos bem tratadas, e os homens mal alimentados que talvez estivessem desempregados – todos, numa igualdade nunca vista na cidade, realmente tinham ficado iguais: eram apenas pessoas que estavam com sede, e que precisavam levar água para a sua gente. A necessidade nivelara todas as classes sociais, e aquela fila de sobrevivência era respeitada por seres humanos que tinham virado mesmo seres humanos, e que eram capazes de sentir em conjunto que aquela água salvadora era uma água sem privilégios. Talvez nunca mais se veja algo semelhante em Blumenau. Eu lembro que naquele dia eu também chorei.

Vinte anos depois muita gente esqueceu daquilo, da fila da água, da fila do pão amanhecido com margarina que vinha de helicóptero de alguma outra cidade caridosa – mas eu me lembro de tudo muito bem. Uma enchente pode ser uma coisa muito bonita!

## Documentos Originais

### Das Colônias alemãs no Brasil

**TEXTO:**  
**DR. F**  
**HOFMEISTER**



Desde seu retorno do Brasil foram solicitadas ao autor, diversas vezes, informações sobre as condições deste país exótico, tanto que concluiu ser bem vindo, ao leitor, um resumo de suas experiências. Na sua opinião, o que mais condiz com seu objetivo é tentar relatar a experiência pela qual a maioria dos colonos passa desde o dia da chegada neste país desconhecido, até os tempos mais tranqüilos quando casa e a propriedade já lhes pertence, podendo então considerar garantida sua existência.

Embora o seguinte relato deva ser entendido de maneira generalizada para todas as colônias do sul do Brasil, sendo que a maior parte foi visitada pelo autor no início dos anos setenta, ele tinha em mente principalmente Blumenau onde permaneceu durante alguns meses, conhecendo assim bem as condições lá existentes.

A maneira rápida como, muitas vezes, estas colônias desenvolveram fica evidenciado pelo aumento de habitantes que, desde 1872, cresceu de 7.000 para 20.000. As ilustrações anexas demonstram construções, bem ao estilo europeu, emolduradas pela mata virgem<sup>1</sup>.

O tempo não muda em nada quanto à maneira do colono construir seu lar desde que aqui chegou, pois ainda hoje ele age do mesmo modo na afastada periferia do distrito, como há quarenta anos os primeiros recém-chegados faziam no centro. Onde hoje existem ruas largas e confortáveis, foram abertos, com muita dificuldade, caminhos através do crepúsculo da mata.

\* Tradução: Annemarie Fouquet Schünck - Transcrição do alemão: Curt Hoeltgebaum.  
1 Deixamos de publicar as ilustrações devido à falta de visibilidade das imagens.

**Von Dr. F. Hofmeister**  
**Mit Originalzeichnungen von demselben.**

Seit seiner Rückkehr aus Brasilien ist der Verfasser so häufig um Auskunft über die Verhältnisse jenes exotischen Landes gebeten worden, daß er annehmen muß, eine zusammenfassende Darstellung seiner Erfahrungen werde dem Leser nicht unwillkommen sein. Er glaubt seinem Zweck am besten zu entsprechen, wenn er zu schildern versucht, was die meisten der Ansiedler vom Tage ihrer Ankunft in dem fremden Lande bis zu jenen ruhigeren Zeiten, in denen sie Haus und Hof ihr eigen nennen und ihre Existenz als gesichert ansehen können, ungefähr zu erleben haben. Wenngleich die folgenden Schilderungen auch ganz allgemein zu verstehen sind und auf alle Kolonien Südbrasilien, deren größten Teil Schreiber dieses anfangs der siebenziger Jahre besuchte, passen, so schwebte ihm dabei doch Blumenau vor allem vor, da er dort mehrere Monate gewilt und die Verhältnisse genau kennen gelernt hat. In welcher rascher Weise sich diese Kolonien oft entwickeln, beweist die seit 1872 von 7.000 auf 20.000 gestiegene Einwohnerzahl jener Ansiedlung. Auch die dem Text beigedruckten Ansichten zeigen, umrahmt vom jungfräulichen Urwald, schon Gebäulichkeiten ganz europäischen Stils. Die Zeit ändert nichts an der Art, wie der Kolonist im Anfang sein erstes Heim gründet, dem derselbe bewerkstelligt dies heute an den inzwischen hinausgerückten Grenzen der Bezirk genau so, wie vor vierzig Jahren die ersten Ankömmlinge an der Stelle des heutigen Zentrums. Wo man nun auf breiten Straßen bequem dahinfährt, bahnten sie sich auf halbdunklen Urwaldspicaden mühsam ihren Weg.

Nach einer Fahrt von siebenzig Tagen, während welcher die circa 5.500 Meilen betragende Strecke zurückgelegt wurde, geht das Auswandererschiff auf dem Itajahy vor Anker. Vor dem erstaunten Kolonisten liegt die neue Heimat in der ganzen Pracht tropischer Vegetation. Die Ausschiffung beginnt sogleich: jeder ist froh, dem einförmigen Leben an Bord und dem ewigen Einerlei der Schiffskost entfliehen zu können. Mit den Lanschen und Booten werden die Habseligkeiten samt den Auswanderern den Rio do Itajahy hinaufgeschafft in die acht Leguas von der See entfernte deutsche Kolonie Blumenau oder Brusque, um vorläufig in dem langen, großen Auswandererschuppen einquartiert zu werden. Je eine Familie oder drei Junggesellen zusammen erhalten in diesem aus vielen Abteilungen bestehenden Gebäude je einen der Verschlüge. Hier bleiben nun die Neuangekommenen vorerst und beziehen von der Direktion der brasilianischen Staatskolonie täglich ihre Rationen, welche sie sich selbst kochen müssen. Für einen Arzt ist auch gesorgt.

Após uma viagem de setenta dias e aproximadamente 5.500 milhas percorridas, o navio de emigrantes lança âncora em Itajaí. Diante do admirado colono se descortina toda a beleza da vegetação tropical. O desembarque é imediato, todos estão felizes de poderem escapar da vida monótona e da alimentação uniforme do navio. Os emigrantes e seus pertences são levados de lancha, oito léguas rio Itajaí acima, até a Colônia Blumenau ou Brusque, onde são alojados provisoriamente nos grandes barracos para emigrantes.

Cada família, ou três solteiros juntos têm à sua disposição um compartimento neste barraco de inúmeras divisões. Aqui, os recém-chegados ficam por enquanto e recebem da direção da Colônia brasileira a alimentação diária, que eles mesmos precisam preparar. Um médico também está à disposição.

Seja a cavalo ou a pé, diariamente são empreendidos passeios em grupo para onde já existe terra demarcada. Caso os recém-chegados decidirem por uma região, em geral num vale onde a terra, os vizinhos, etc. condizem com suas expectativas, eles comunicam à direção e recebem, caso queiram, um crédito para adquirirem ferramentas, machado, etc. e se instalam em sua propriedade. A partir deste momento acaba todo tipo de subvenção e qualquer fornecimento da parte do governo brasileiro.

O colono se encontra sozinho diante da mata virgem com o machado na mão. Agora começa o tempo mais difícil, são dois a três anos de vida dura, cheia de privações! Quanto mais adolescentes a família tiver, tanto melhor, tudo vai mais depressa, pois eles podem ajudar.

Para o solteiro é um período deprimente, sente a falta de ajuda que lhe era tão natural na Europa, precisa cozinhar, lavar e costurar e, o pior de tudo é a solidão no longínquo país. Ainda pode considerar-se feliz, caso permaneça saudável.

Como primeiro abrigo é erguido um rancho ou uma cabana com folhas do palmiteiro, cujo tronco serve como escora, e as folhas são usadas para a cobertura. O palmito é a parte interior da coroa do palmiteiro e serve como alimento. Em primeiro lugar é necessário retirar a vegetação rasteira, um trabalho difícil, pois a taquara mais parece um tapete verde.

Porém as bananeiras, cujos frutos são excelentes, são preservadas na medida do possível, assim como as palmeiras. Os troncos são cortados até o

Täglich werden nun gruppenweise zu Pferde oder zu Fuss Ausflüge nach allen Richtungen, wo schon Land vermessen ist, unternommen. Haben sich die Ankömmlinge für eine Gegend (meist in einem Flußthal gelegen) entschieden, wo Boden, Nachbarn etc ihnen zusagen, so melden sie bei der Direktion ihr Los an, erhalten, wenn gewünscht, noch auf Kredit Handwerkzeug, Axt etc. geliefert und begeben sich auf ihr Besitztum. Von nun an hört jede Subvention und Lieferung von seiten der brasilianischen Regierung auf. Der Kolonist steht auf eigenen Füßen mit der Axt in der Hand vor dem jungfräulichen Urwald. Nun beginnt die schwerste, entbehrungsreichste Zeit, zwei bis drei Jahre harter Arbeit! Je mehr halberwachsene Kinder da sind, desto besser und schneller geht alles von statten, denn sie können mithelfen. Für einen einzelnen ist diese Periode niederdrückend, er muß Handreichungen vermissen, die in Europa ganz selbstverständlich waren; eigenhändig muß er jetzt kochen, waschen, nähen; dabei ist er so entsetzlich allein im fernen Lande, und glücklich ist er noch zu nennen, wenn er nur gesund dabei bleibt.

Zur ersten Unterkunft wird nun ein sogenannter Rancho oder eine Hütte aus Palmwedeln errichtet, indem man die Palmschäfte als Stützen, die Wedel als Dach verwendet, während der Palmkohl, d. H. Das Innere der Krone, gleich als Nahrung dienen kann. Nun wird erst das Unterholz größtenteils entfernt (Bananen jedoch, die gute Früchte liefern, sowie Palmen schon man nach Möglichkeit), eine Arbeit, die bei dem alles zu einem grünen Filz zusammenwebenden Taquararohr (Schlingbambus) nicht gering ist! Alsdann werden die Stämme alle nach einer Richtung zur Hälfte angehauen, ein Urwaldriesenbaum aber, welcher, mit seinen Ästen und durch Schlingpflanzen mit den anderen verbunden, dem Ganzen einen Halt gibt, unversehrt erhalten und zuletzt dieser ebenfalls zur Hälfte durchgehauen. Kommt nun der mittags gegen ein Uhr regelmäßig sich einstellende Seewind, so stürzen mit Krachen alle wohl einen halben Morgen Fläche bedeckenden Bäume zusammen und werden vollends gekappt. Nach vierzehn Tagen wird Feuer an dies nun einigermaßen trockene Chaos von Ästen und Zweigen angelegt und dasselbe verbrannt. Man nennt diese Prozedur in Brasilien Roçaschlagen. In die kaum abgekühlte Erde wird die erste Saat von Mais, schwarzen Bohnen etc. gelegt. Die Nachbarn helfen sich gegenseitig ein größeres Kolonistenhaus errichten; die größte Arbeit ist gethan. Aber wie viel kleinere bleibt noch für Frau und Kinder im Hause zu thun? während der Mann, bis die Ernte reif ist, häufig auf Tagelohn geht. Doch habe ich wenige Kolonisten gesehen, welche in zwei bis drei Jahren nicht eine Kuh, ein Pferd, mehrere Schweine und ganze Herden von Hühnern gehabt hätten und nun bei weniger Arbeit ein besseres Leben

meio, todos em uma direção, porém o gigante da mata que interliga outras árvores com seus galhos ou cipós e, que serve como suporte é mantido intacto até o fim, finalmente seu tronco também é cortado até ao meio.

Por volta de uma hora da tarde começa regularmente o vento do mar. Este faz com que as árvores numa extensão de meio *Morgen* tombem com estrondo, quando então são definitivamente cortadas.

Após catorze dias é colocado fogo neste caos de galhos secos. Este procedimento é conhecido no Brasil como queimada. A primeira semeadura de milho e feijão preto, etc. é feita na terra recém esfriada.

Os vizinhos ajudam uns aos outros na construção de uma casa maior. O trabalho mais difícil está feito. Porém, quanto serviço menor ainda precisa ser feito pelas mulheres e crianças dentro de casa! Enquanto isso o homem freqüentemente trabalha como diarista até a hora da colheita.

No entanto, vi poucos colonos que não tivessem conseguido em dois, três anos uma vaca, um cavalo, vários porcos e muitas galinhas, levando aqui uma vida melhor e com menos trabalho do que na velha pátria. A liberdade individual é ilimitada, não há polícia, nem cobradores de impostos, nem guarda noturno, etc.

Mesmo assim, são raros os delitos. A igualdade de posição e o mesmo destino têm um efeito tranqüilizador e reconciliador. A vantagem é que as pessoas moram afastadas umas das outras, a abstinência do álcool e o freqüente contato com a natureza também são benéficos.

Desse modo não existem muitos motivos para brigas, embriaguez, leviandade e inveja. No caso de aparecer um vagabundo, que queira continuar com sua maneira de viver neste país de liberdade e de ajuda mútua, receberá logo no início muitas “diretas indelicadas”, tanto que em pouco tempo terá saudades da liberdade na Alemanha, onde podia agir a seu modo sem ser perturbado.

Em pouco tempo ele faz um exame de consciência e se torna um membro útil da humanidade ou sucumbirá. Não há tantas diversões como na Alemanha, mas existem sociedades como: sociedades de tiro, sociedades de canto, grupos de leitura, etc.

Em toda grande cidade brasileira há o “Germânia”, um clube alemão

fürten als im alten Vaterland. Dabei ist die persönliche Freiheit unbeschränkt, Polizei, Steuereintreiber etc. gibt's nicht (nicht einmal Nachtwächter!) und doch sind Verbrechen selten. Die Gleichheit der Stellung und des Loses wirkt beruhigend und versöhnend. Von Vorteil ist der Umstand, daß die Leute weit auseinander wohnen, ebenso die Enthaltung vom Alkoholgenuß und der ständige Verkehr mit der Natur. So manche Ursachen zu Streit: Betrunkeneheit, Übermut, Neid, fallen fort. Kommt nun wirklich einmal ein rechter "Thunichtgut" hinüber und sucht sein Treiben dort fortzuführen, so erhält er im Lande der Freiheit und Selbshilfe gleich von Anfang an allenthalben so "unzarte Winke", daß er sich bald wieder nach unserem sogenannten "unfreien" Staatsleben zurücksehnt, in welchem er viel ungestörter sein Wesen trieb. In kurzer Zeit hält auch er Einkehr in sich selbst, wird ein nützliches Glied der Menschheit oder geht unter. Vergnügungen sind nicht in dem Maße wie in Deutschland zu haben, doch bestehen Vereine: Schützengesellschaft mit eigenen Schützenhaus, Gesangsvereine, Lesezirkel etc, und in jeder größeren brasilianischen Stadt die "Germania", ein deutscher Klub zur Unterhaltung, welcher bei den Brasilianern hoch in Ansehen steht.

Ist es den meisten anfangs recht sauer geworden, sich durchzubringen, so sind die an Arbeit gewöhnten Leute nach Überwindung der ersten Schwierigkeiten verhältnismäßig zufrieden und lassen oft Verwandte nachkommen. Schnell reich können sie allerdings nicht werden, doch von Nahrungssorgen kann nicht die Rede mehr sein. Mit der Zeit werden sich die Verkehrswege bessern, die Kolonisten werden exportieren und rascher wohlhabend werden. Nach den ersten sechs Jahren fangen die Abzahlungen des Landes und der Werkzeuge in Raten an die Regierung an. Hat der Mann jedoch Unglück gehabt, so tritt Stundung oft auf Jahre hinaus ein; die brasilianische Regierung ist coulant und thut für ihre Einwanderer alles billig zu Fordernde, soweit ihre Beamten selbst ihr nicht im Wege stehen.

So gestaltet sich ungefähr die Sache auf Staatskolonien mit durchgängig gutem Klima und fruchtbarem Boden, welche südlich von Rio de Janeiro liegen. Nach Privatkolonien auszuwandern, die mehr oder minder den Zweck haben, ihren Eigentümer zu bereichern, oder nach Staatskolonien nördlich von Rio de Janeiro in den Tropen hat immer ein Risiko für den Einwanderer. Beinahe alles Unglück, welches deutsche Kolonisten dort betroffen und welches sie stets der Regierung in die Schuhe schoben, hat seinen Ursprung in der falschen Wahl des Zieles oder Ortes, wohin sie sich wendeten oder zu gehen verleiten ließen und von dem sie kaum den Namen wußten. Der deutsche Kolonialverein hat daher sich ein großen Verdienst erworben durch die Einrichtung eines

de entretenimento, o qual é muito considerado pelos brasileiros.

Mesmo que para a maioria o início tenha sido muito duro, as pessoas acostumadas ao trabalho se sentem felizes após superarem as dificuldades, e muitas vezes mandam vir seus parentes. Eles não conseguem enriquecer rapidamente, no entanto, não têm problemas quanto à alimentação.

Com o decorrer do tempo as estradas vão melhorar, os colonos conseguirão exportar e, assim se tornarão prósperos. Após seis anos começa a amortização da terra e das ferramentas ao Governo.

Se uma pessoa teve algum infortúnio, o Governo concede um adiamento da dívida por muitos anos. O Governo brasileiro é condescendente para com a solicitação do imigrante, desde que seus próprios funcionários não atrapalhem.

É mais ou menos assim que as coisas acontecem nas colônias do Governo, ao sul do Rio de Janeiro, onde de modo geral o clima é bom e o solo é fértil.

Emigrar para colônias particulares, que geralmente visam enriquecer o proprietário, é sempre um risco para o imigrante, bem como o é para as colônias ao norte do Rio de Janeiro, nos trópicos. Praticamente toda desgraça que afetou os colonos alemães, pelo que sempre culpavam o Governo, tem origem na escolha errada do lugar para onde foram ou deixaram se levar, tanto que mal sabiam o nome do local.

O mérito conquistado pela Sociedade Colonial Alemã foi instalar um escritório de informações para emigrantes com a finalidade de prevenir estes erros.

Nenhum país é tão injustamente difamado como o Brasil. O motivo é o seguinte: o artífice e o colono acostumados ao trabalho, de um modo geral, vivem bem, eles não escrevem artigos para publicação, o máximo que fazem é mandar vir seus parentes. Enquanto, aqueles que usam a caneta, os intelectuais não acostumados ao trabalho braçal, os escritores, etc, normalmente vivem uma situação crítica, escrevem artigos inflamados e fazem estardalhaço por mil daqueles que vivem bem.

Após alguns anos de muito trabalho, o colono consegue os meios para

Auskunftsbureau für Auswanderer, welches den Zweck verfolgt, Mißgriffen nach dieser Richtung hin vorzubeugen.

Kein Land ist so mit Unrecht verschrieen wie Brasilien. Es hat dies in folgendem seinen Grund. Dem arbeitsgewohnten Handwerker, Bauern geht es fast ausnahmslos gut, er schreibt nichts in die Öffentlichkeit, läßt höchstens seine Verwandten nachkommen; dagegen dem mit der Feder gewandteren, der Handarbeit ungewohnten Gelehrten, Schreiber etc, geht es durchgängig recht mißlich, und dieser schreibt nun lange Brandberichte in die Öffentlichkeit und macht Lärm für tausend andere, denen es ganz gut geht. Seinen einfachen Lebensunterhalt findet dort nach den ersten Jahren schwerer Arbeit jeder in der Folge ohne viele Mühe, daher auch das Fehlen von Bettlern in den Koloniebezirken. Regel jedoch ist: wer in Europa einigermaßen sein Auskommen hat, der wandere lieber gar nicht aus; der Arbeiter aber mit starker Familie, welcher hier bei harter Arbeit stets mehr zurückkommt, ist der rechte Mann dorthin.

In jeder Kolonie ist der Stadtplatz das Zentrum des Verkehrs und bietet besonders Sonntags ein buntes Bild ganz deutschen Volkslebens. Hier befinden sich die Direktion, der Auswandererschuppen, die Kaufläden, das Konsulat, Wirtshäuser etc. Wohl mehrere Dutzend Pferde stehen hier gesattelt unangebunden auf dem freien Grasplatz durcheinander, während ihre Reiter in der Kirche sind oder in den Wirtschaften, Kegelbahnen, dem Schießhaus sich vergnügen. Ohne Pferd kann ein Kolonist, der oft sechs bis acht Stunden weit weg wohnt, nicht auskommen – alles reitet, die Kinder zur Schule, die Frauen in die Kirche; auch bei Taufen und Leichenbegängnissen steigt man zu Pferd. Ja, nach dem Ball, der hie und da im Schießhause veranstaltet wird, begleiten die jungen Herren ihre Tänzerinnen zu Pferde nach hause, und ein solcher Ritt in der fast tageshell erleuchteten Mondnacht durch die tropische Vegetation ist zauberhaft. Wenn der laue Nachtwind in den hohen Palmenwedeln rauscht, leuchtende Käfer zu tausenden die Luft durchschwirren, so bleibt selbst das Herz des Naturkinds von dieser Poesie nicht unberührt. Müssen Mann und Frau zugleich fort und haben nur ein Pferd, so nimmt die Frau hinter dem Mann im Sattel Platz. Daß die Leuten, die in Europa noch nie ein Pferd bestiegen, die possierlichsten Situationen vorkommen, ist selbstverständlich.

Handel, Wandel, Schiffahrt und Verkehr ist beinahe ausschließlich in den Händen der Deutschen, welche daher von den Brasilianern hoch angesehen sind und alle anderen Nationen fast ganz verdrängt haben. Wer nicht deutsch versteht, kann oft in solchen Koloniedistrikten wie Blumenau kaum verkehren und reisen, indem Leute, die schon sechzehn bis siebenzehn Jahre dort wohnen (wie mein Reisebegleiter Grassmann) des Portugiesischen noch nicht mächtig

sua modesta subsistência e, no futuro conseguirá ainda com menos esforço, por isso a ausência de mendigos na região da Colônia.

Regra a ser seguida: quem tiver um bom rendimento na Europa é melhor não emigrar; mas o trabalhador com família numerosa, que apesar do trabalho duro somente regride, este é o homem certo para cá.

Em cada colônia o Stadtplatz é o centro de atividades e oferece, especialmente aos domingos, uma visão colorida da cultura alemã. Aqui se encontram: direção, barraco dos imigrantes, consulado, hospedaria, etc. Enquanto os cavaleiros estão na igreja, ou se divertindo na hospedaria, em canchas de bolão ou no clube de tiro, várias dúzias de cavalos selados andam soltos num grande pasto.

O colono não vive sem o cavalo pois, às vezes, mora distante seis a oito horas. Todos montam a cavalo, as crianças para a escola, as mulheres para a igreja. Também usam o cavalo para ir a batismos e enterros.

Após os bailes, realizados de vez em quando na sociedade de tiro, os jovens cavalheiros acompanham as dançarinas para casa a cavalo. É encantador um passeio destes através da vegetação tropical numa noite enluarada. Nenhum coração resiste ao encanto do vento farfalhando nas palmeiras e de miríades de vaga-lumes pelo ar.

Caso homem e mulher queiram sair juntos e somente tem um cavalo, então a mulher senta na sela atrás do homem. Para pessoas que nunca montaram um cavalo na Europa, é natural acontecerem situações engraçadas.

Os alemães conseguiram afastar praticamente todas as outras nacionalidades, no que se refere ao comércio, à navegação e ao tráfego, que estão quase exclusivamente em suas mãos, sendo por isso muito respeitados pelos brasileiros.

Quem não fala alemão, muitas vezes, mal consegue circular e viajar nestes distritos coloniais, enquanto pessoas como o meu acompanhante Grassmann ainda não dominam o português, apesar de morar há mais ou menos dezesseis, dezessete anos lá.

De um modo geral somente são usados artigos alemães; a nacionalidade em si não dilui através de várias gerações, os costumes permanecem. Ainda mais: os brasileiros da redondeza aderiram em parte a esses costumes, ultima-

sind. – Es werden durchgängig nur deutsche Waren verbraucht; die Nationalität wird selbst durch mehrere Generationen hindurch nicht verwischt, Sitten und Gebräuche bleiben die alten, gewohnten. Ja noch mehr: selbst die umwohnenden Brasilianer nehmen zum Teil diese Sitten und Gebräuche an, wie beispielsweise in neuerer Zeit auch bei ihnen zur Weihnachtszeit der deutsche Christbaum zu leuchten pflegt. In jedem früher Eingewanderten habe ich den lebhaften Wunsch rege gesehen, wenn auch nur so viel zu erübrigen, um einmal wieder die alte Heimat sehen zu können. Nirgends in anderen Ländern und Weltteilen habe ich in gleich ausgesprochener Weise und so allgemein dieses Gefühl für Altdeutschland wahrgenommen. Die Begeisterung im Jahre 1870/71 soll unbeschreiblich gewesen sein. Jeder Neger in Rio de Janeiro kennt seit dieser Zeit *a bandeira allemanhá*, von der er früher keine Ahnung hatte.

In solcher Weise sind die Errungenschaften der glorreichen Jahre zuerst und unmittelbar den Deutschen im Auslande zu gute gekommen. Achtung gebietend stehen sie in Brasilien als geschlossene Einheit da, und dem einwandernden deutschen Patrioten mag es eine Beruhigung sein, daß das nachkommende Geschlecht sich treu zu den Traditionen seiner Alvordern bekennt.

Um indes auch die Kehrseiten nicht zu verschweigen, sei noch bemerkt, daß hie und da der Ankömmling von den sogenannten *mal de terra* (Aklimationsfieber) erfaßt wird, namentlich in den frischen Rodungen. Aber der gesunde Volkssinn ergriff in findiger Weise ein einfaches, billiges Mittel. Schreiber dieser Zeilen sah nämlich des öfteren in Kolonistenhäusern Flaschen, in denen eiserne Nägel mit dem sauren Saft unreifer Limonen übergossen waren. Von dieser Eisenlösung nimmt der Erkrankte einigemal des Tages, das übrige der Zeit überlassend. Wenn nun aber auch der Kolonist in dieser wie in anderen Berziehungen während der ersten Jahre nicht eben reich gebettet ist, so stählt doch die Hoffnung, nach einigen Jahren ein schuldenfreies, schönes Heim zu besitzen, seine Kräfte; freudig mag er sich mühen, blüht doch seinen Kindern meist eine sorgenfreie Zukunft. So möge denn ein gütig Geschick dem arbeitsamen Kolonisten seine Mühen belohnen und mit jedem Axtschlag, den er thut, um weiter in den Urwald vorzudringen, leuchte die Sonne deutschen Geistes, deutscher Humanität in das Dämmerdunkel seiner fernen neuen Heimat.

HOFMEISTER, F. "Aus den deutschen Kolonien in Brasilien". In: **Über Land und Meer**. Allgemeine Illustrierte Zeitung. III. Band, 1885-1886. Stuttgart, Verlag von Deutschem Verlags-Anstalt, p. 1758-1765.

mente o pinheirinho ilumina seu Natal.

Eu percebi em todos os antigos imigrantes o desejo de economizar o tanto, para, pelo menos uma vez, ainda rever a velha pátria. Em nenhum outro lugar do mundo senti tão intensamente este sentimento para com a velha pátria. O entusiasmo em 1870/71 foi indescritível. Desde esta época todo negro no Rio de Janeiro conhece a bandeira alemã, da qual antes disso nem fazia idéia.

Assim, as conquistas destes anos gloriosos foram benéficos para o alemão no exterior. Eles se impõem respeitosamente como uma unidade cerrada e para o imigrante alemão patriota deve ser uma tranqüilidade que a geração futura se declare fiel às tradições de seus ancestrais.

Mas, também não podemos omitir um outro aspecto e registramos, que muitos recém-chegados foram acometidos pelo “mal da terra” (febre de aclimatização), sobretudo no desmatamento. Mas, o bom senso popular descobriu uma medicação simples e barata. Muitas vezes, o autor destas linhas viu em casas de colonos, garrafas que continham suco de limão verde e pregos de ferro. O adoentado toma diariamente desta solução, o resto corre por conta do tempo.

Se o colono por um ou outro motivo não se tornou abastado durante os primeiros anos, ele é fortalecido pela esperança de ter após alguns anos um belo lar livre de dívidas; ele se empenha com alegria, pois o futuro de seus filhos está garantido.

Que o colono trabalhador seja recompensado pelo seu esforço e tenha um destino benigno, que a cada machadada para adentrar na mata o espírito e senso humanitário alemão iluminem, a cada manhã, sua longínqua nova pátria.

## **Pesquisas & Pesquisadores**

### **Um estudo da história da prostituição na sociedade blumenauense entre os anos de 1890 e 1990. Parte II**

*TEXTO:*

*CELSO KRAMER<sup>1</sup>*

*SANDRO LUIZ*

*CIFUENTES<sup>2</sup>*



## **6. O que encontramos nos documentos e nas fontes**

Realizamos, durante os dez meses da pesquisa, de março a dezembro de 2000, levantamento da documentação no Arquivo Histórico José Ferreira da Silva, em Blumenau, nos jornais que ali são guardados, buscando localizar e copiar matérias sobre prostituição. Ali estão guardados jornais desde o final do século XIX até nossos dias.

Ao todo selecionamos 74 reportagens de jornal, publicadas entre os anos de 1899 e 2000, sendo a maioria relacionadas com o tema da prostituição. Mas devemos salientar desde já que, em certos períodos, os jornais omitiam-se de falar diretamente da prostituição, provavelmente pelo controle que se exercia sobre a linguagem empregada nos jornais, para que não tratassem de assuntos tão mundanos, para não corromper a alma das pessoas. Selecionamos também 15 artigos de revistas, de circulação nacional e regional e realizamos entrevistas com seis pessoas, entre elas um padre, uma professora de História da Universidade Regional de Blumenau, que possui livro publicado sobre a Mulher no Vale do Itajaí, e com quatro moradores vizinhos de casas de prostituição. Selecionamos ainda um ofício, encaminhado ao 10<sup>a</sup> Batalhão de Polícia Militar e um Relatório Mensal de atividades de Projeto de Assistência à Prostituição.

A seguir procederemos a análise mais detalhada do material coletado e selecionado. Com os artigos de jornais faremos uma análise periodizada, separando as reportagens por década. Após isso faremos a análise do material coletado em revistas e em seguida das entrevistas, e do ofício.

<sup>1</sup> Professor de filosofia do Departamento de Ciências Sociais e Filosofia da FURB.

<sup>2</sup> Graduado pelo Curso de História da FURB.

### 6.1 Artigos de jornais da década de 1890/1899

Entre os anos de 1890 e 1899, eram todos publicados em alemão, a língua na qual os jornais eram escritos e publicados nessa época em Blumenau. O alemão também era o idioma mais falado nos espaços públicos e privados da cidade.

Dos jornais publicados em alemão, selecionamos uma série de 15 reportagens, todas sobre uma mesma temática, publicadas entre os meses de julho e outubro de 1899, por ocasião da morte de uma jovem imigrante alemã e o respectivo julgamento de um suspeito como responsável pela morte da mesma. Todas as reportagens foram publicadas nos jornais *Blumenauer Zeitung* e *Urwalsbote*, os dois jornais de Blumenau na época.<sup>3</sup>

Pesquisar a prostituição em uma cidade com tradição alemã, marcada por uma cultura cristã acentuada, excessivo zelo pelos valores morais do chamado *moralismo cristão*, numa época em que os poucos meios de comunicação estavam sob o controle das famílias tradicionais, gente *de origem*, como se costumava dizer, não é tarefa fácil. Os dois jornais, o *Blumenauer Zeitung* e o *Urwalsbote*, eram controlados pela elite da moral e dos bons costumes.

O município de Blumenau, no final do século XIX, ainda era uma cidade pacata, onde as pessoas se conheciam, tratavam-se pelo nome, sabiam da vida uns dos outros. A leitura de um conjunto de reportagens publicado pelos dois jornais, entre os meses de julho e outubro de 1899, nos fez perceber muitos elementos da vida blumenauense da época, seus costumes, a maneira de conduzir a vida, onde o público e o privado se mesclam, onde é difícil ou até impossível estar ou permanecer no anonimato. Todas as pessoas que chegavam eram vistas, vigiadas, controladas, encaminhadas a ocupar um lugar já determinado no município, de acordo com sua origem e habilidade, que eram conhecidas por apresentação prévia, antes de sua chegada, ou por investigações após sua chegada, através de informações de pessoas que já conheciam os que chegavam, ou através de correspondências, enviadas antes ou depois da pessoa “nova” chegar à cidade. Isto pode ser visto nos dois trechos de jornal que transcreveremos a seguir:

Como meu constituinte expressou o desejo de anular o contrato que existia entre ele e o senhor Heinrich Brandes, proprietário de uma farmácia aqui nesta cidade, incumbiu-o seu chefe de procurar um sucessor e por motivos de princípios comerciais, solteiro. Como antigamente o Senhor Sprenkmann,

como amigo e colega de uma entidade acadêmica, com o apelante mantinha correspondência e ao mesmo tempo pronunciara o desejo de substituí-lo em seu cargo, caso pretendesse deixá-la e como meu constituinte queria voltar à Alemanha escreveu ao seu amigo que correspondia às suas exigências porque era solteiro, convidou-o a vir e ocupar seu cargo e para isto ainda lhe foram fornecidos os respectivos meios financeiros.<sup>4</sup>

De seu tutor e tio desta infeliz senhorita, deputado Frank em Milz Meiniger, está em nosso poder uma carta que contribui para o esclarecimento de várias coisas. Em primeiro lugar soubemos que Louise Eberwein perdeu seus pais quando ainda escolar e com seus dois outros irmãos fora educada na casa do tio. Todo esforço do tio visava dar aos filhos de sua irmã uma boa educação, ele não poupou sacrifícios pessoais para dar-lhes uma boa formação que lhes facilitasse enfrentar a vida com dignidade. Louise era a mais talentosa entre os irmãos, trazia sempre alegria ao seu tio por seu caráter gentil e comportamento de boa moral. Em seus diversos empregos, sempre recebeu os melhores empregos como cozinheira e dona de casa sempre recebeu os melhores boletins e nunca existiu qualquer dúvida sobre seu comportamento moral. (...) também os de sua irmã recebessem o mesmo tratamento neste sentido dando-lhes desta forma em todas as situações da vida a respectiva segurança moral, e o tio está convencido que Louise não perdeu a sua moral.<sup>5</sup>

Percebe-se, assim, um rigoroso controle sobre a população que vinha a Blumenau. Um controle sempre perpassado pelo moralismo. Algum comentário venenoso por parte de um morador local a respeito de uma pessoa recém chegada poderia arruinar-lhe definitivamente a vida.

Com relação aos anos entre 1890 e 1899, tivemos aceso apenas a este conjunto de reportagens que se referisse à questão da moral da época. Embora as reportagens tratem da questão da moral, da vida pública e da moral pública, em nenhum momento referem-se a termos como prostituição, sexo ou equivalentes. Os termos que aparecem nas reportagens são: “pessoa de boa índole”; “comportamento moral exemplar”; “comportamento moral duvidoso” ou “comportamentos não recomendados a uma pessoa de família”. Pelo rigoroso controle exercido sobre as pessoas, acreditamos que neste período (1890 a 1899) ainda não havia casos nem casas de prostituição em Blumenau.

## 6.2 Artigos de jornais da década de 1900/1929

Excepcionalmente, com relação a este período, faremos a análise conjunta de três décadas. Esta análise conjunta justifica-se pelo fato de não havermos conseguido artigos de jornais sobre o tema da prostituição entre 1900 e 1919. Somente na década de 20 é que existem algumas reportagens sobre o tema. A primeira reportagem sobre prostituição no município de Blumenau, que conseguimos encontrar, data do dia 06 de fevereiro de 1926, publicada no Jornal *A Cidade*. Não sabemos, exatamente, em que ano surgem os primeiros casos de prostituição na cidade, mas pressupomos ter sido entre 1910 e 1920.

Vale salientar que, entre o final do século XIX e o ano de 1926, algumas transformações significativas ocorreram. Ao contrário do que se verificava 27 anos antes, em 1926 já não se exercia o mesmo controle individualizado sobre cada uma das pessoas do município. Pelo que se pode ver na reportagem do dia 06 de fevereiro de 1926, a cidade de Blumenau já admitia pessoas com índole diferente daquela preconizada sobre as pessoas *de bem*, como pode ser visto no trecho a seguir:

Num dos mais prósperos distritos desta comarca vivia com sua esposa e numerosa prole, um colono que à custa de muitos sacrifícios e de muitos esforços conseguira relativa prosperidade e a estima de seus vizinhos e conhecidos pelo modo correto com que sempre procedera. Homem de seus quarenta e tantos ou cinqüenta anos, fora sempre um chefe de família exemplar e dedicado, honesto e trabalhador. Há umas semanas atrás veio à esta cidade onde meteu-se em uma pandega com um grupo de amigos e com estes, depois de muito instado, foi à casa de umas mulheres de má nota. Como quase sempre cede aos encantos que se avistam em tais prostíbulo, o pobre colono dali levou o germen de uma doença venérea que se declaram dias depois, obrigando-o a ir consultar um médico. (...)<sup>6</sup>

Como se vê na reportagem, o cenário da cidade de Blumenau já é outro, com outros atores. Através deste artigo de jornal não se consegue saber como ocorre a entrada de mulheres para a prostituição em Blumenau, que, com exceção desta reportagem, praticamente isolada sobre o tema nos jornais locais, usando inclusive o termo prostíbulo, continua sendo uma cidade que zela pela moral e pela boa formação familiar. Isto pode ser visto na propaganda

de pomada Minâncora, publicada em 1929:

A grandeza da nossa Pátria depende da cultura moral, intelectual de seus filhos. A grandeza e felicidade de cada um deles depende da boa ou má escola paterna que viram com os olhos e beberam com a inteligência. A boa escola é: moralidade, instrução, justiça, higiene e economia. Seja econômico; compre só o indispensável na vida, mas artigo de lei, de valor real. Pois bem, assim como os dentes e o corpo, a cabeça e cabelo também precisam de higiene e asseio constante. Para isso use a PETROLINA MINANCORA, que é um tônico capilar ideal microbicida esterilizante do couro capilar (...)<sup>7</sup>

A propaganda, mesmo sendo sobre um produto de consumo, faz apelos explícitos para a cultura moral, o que aos dias de hoje parece um contrassenso. Mas para a época era o código pelo qual as pessoas se comunicavam. Foucault talvez diria que era um dispositivo de poder, através do qual se exercia uma regulação, um controle sobre o pensamento, a linguagem e o modo de ser da população. Poderia discutir-se até onde os termos cidadania e ética, tão em voga na atualidade, se prestam a esse tipo de regulação. Até que ponto os termos cidadania e ética podem ser tomados como dispositivos.

### 6.3 Artigos de jornais da década de 30

Conforme já assinalamos acima, os jornais da cidade de Blumenau, com exceção daquela reportagem de 1926, não tocam mais no assunto da prostituição, durante as décadas de 1930 e 1940. Mas houve um jornal que circulou na cidade de Blumenau por cerca de um ano. Este jornal, *Die Volkszeitung*,<sup>8</sup> era um jornal com outras características dos jornais da cidade. Enquanto os demais jornais de Blumenau mantinham-se voltados para a cultura da elite, para a reprodução do ideal puritano, da moral elitizada, o jornal *Die Volkszeitung* tem características populares, versa sobre os acontecimentos que envolvem as pessoas no seu cotidiano.

No jornal *Die Volkszeitung*, encontramos quatro reportagens sobre prostituição, publicadas em apenas quatro meses (entre abril e julho de 1930). As reportagens nos permitem perceber de que maneira a prostituição começou em Blumenau. Segundo o jornal, havia um controle sobre a emigração na Alemanha; moças solteiras, mesmo maiores de idade, precisavam de alguém que as

acompanhasse para conseguir autorização para emigrar. Para isso, mulheres de mais idade (chamadas então de mulherzinha velha ou velhota), encarregavam-se de traficar moças alemãs para trabalharem na prostituição. O jornal, em matéria intitulada “Uma Casa dos Prazeres na Rua São Paulo?”, como matéria de capa, assim expressa:

(...) em companhia de uma mulher suspeita de tráfico de escravas brancas aportaram no Porto do Rio (de Janeiro) (...) sobre o destino infeliz dessas moças no inferno dos vícios no Sul. (...) Pois não existe nada mais horrível e humilhante que uma mulher, com o seu consentimento ou não, ser explorada como objeto de prazer como é comum num bordel.<sup>9</sup>

Os termos “escravas brancas”, “vício”, “horrível” e “humilhante” dão a dimensão de como a prostituição é encarada pela mentalidade da época. Ou seja, longe de ser visto como um trabalho, uma profissão ou uma atividade ou ocupação de livre escolha da pessoa, a prostituição é vista apenas com um olhar moralista, uma visão negativa do sexo como prazer. Reproduz a mentalidade cristã que foi elaborada durante a Idade Média e reforçada pela Biologia do século XVIII, do sexo como função. Para os cristãos medievais tinha função no Plano Divino, de assegurar a Deus a continuidade do seu plano de Reino; para os biólogos da Ciência Moderna, como função reprodutora, sexo apenas como função biológica, sem dimensão afetiva, amorosa, de prazer.

Outra constatação, além da visão moralista, é a criminalização progressiva do sexo. O sexo, exercido por prazer, fora da função procriadora, socialmente instituído e moralizado na família, é tratado criminalmente, como caso de polícia, conforme pode ser visto nas reportagens do jornal *Die Volkszeitung*:

Segundo um abaixo assinado enviado ao Prefeito do município e outro ao delegado de polícia, um inferno destes está localizado na Rua São Paulo. (...) Por ordem do prefeito, um oficial da polícia, na surdina da noite foi averiguar pessoalmente as denúncias para cumprir a lei. Se realmente se tratasse de uma casa de prazeres, tinha que se resolver a questão. (...) O peso do amor comprado tem que ser reprimido. Trata-se de jovens cujos pais têm que ser chamados à ordem e responsabilidade. Onde está a Lei? (...) Que moças/meninas com apenas 14 anos de idade de tradicionais famílias blumenauenses estão expostas diariamente a este perigo.<sup>10</sup>

O bordel localizado no caminho para a Altona foi desativado pela polícia. O imóvel ainda não foi limpo porque ainda não se encontrou quem adquirisse os móveis por um bom pagamento.<sup>11</sup>

Está na hora de nossos bordéis também serem controlados e fiscalizadas as origens e idade de suas integrantes.<sup>12</sup>

Além da criminalização do sexo e da prostituição, mais uma temática que aparece nestas reportagens é o pensamento dos médicos higienistas, que vão estar na base de um complexo conjunto de práticas que visam organizar a cidade. Estas práticas vão dar conta de criar mentalidades instituídas, regradoras do comportamento de cada indivíduo<sup>13</sup>, disciplinando seu cotidiano. Aparecem nos discursos expressões como *limpeza*, *perigo*. Estes conceitos são médicos, mas não são os médicos que vão agir. O discurso médico torna-se saber que vai instruir os juristas na constituição de leis para regradar o espaço urbano e os espaços institucionais. As leis dão o suporte às ações do poder público, da prefeitura, da vigilância sanitária, da polícia<sup>14</sup>. As reportagens do jornal *Die Volkszeitung* dão exemplos claros desse processo:

(...) Uma coisa é certa: na Rua São Paulo, uma das mais movimentadas da cidade, não pode existir um bordel. As autoridades são unânimes: a via principal tem que estar livre e limpa.<sup>15</sup>

(...) isto também diz respeito à comunidade, pois a casa e o terreno têm que estar limpos, senão a vigilância sanitária tem que interferir (...) mas onde falta a esposa, o besourinho sempre cai novamente. Neste caso, não seria melhor tirar as armadilhas ou destruí-las? (...) Quando esta horrível situação vai acabar? Queremos que a principal via de Blumenau seja difamada?<sup>16</sup>

Com certeza as expressões *livre e limpa* da reportagem do dia 23 de abril de 1930 não se referem a impedimentos físicos ou a sujeira, mas sim a impedimentos de ordem moral, que expõe as filhas e filhos da classe moralista da cidade ao contato com gente pobre, livre sexualmente, que assume outra condição de vida, outra concepção de corpo, de sexo, de trabalho, de divertimento. São as pessoas que aqui são consideradas sujeira. É contra elas, pelo local que se situam na cidade, que se exercerá uma ação sanitária, jurídica e policial: “O bordel localizado no caminho para a Altona foi desativado pela polícia.”<sup>17</sup>

### 6.4 Artigos de jornais da década de 1940/1959

Como já assinalamos, os jornais mais tradicionais de Blumenau, aqueles que, mesmo trocando de nome, continuaram a existir ao longo da primeira metade do século XX, com exceção de uma única reportagem, não trataram do assunto da prostituição. Até 1959, não encontramos nenhuma reportagem que abordasse o tema. Se não fosse aquela reportagem de 1926 e o jornal *Die Volkszeitung*, poder-se-ia ter a impressão que em Blumenau não teria existido prostituição. Desta forma justifica-se novamente que tratemos as duas décadas, a da 1940 e a de 1950, conjuntamente.

As únicas notícias relacionadas a sexo, publicadas pelos jornais da cidade neste período, tratam da Educação Sexual a ser dada nas escolas oficiais e do novo Código Penal Brasileiro. Todas estas reportagens foram publicadas entre janeiro de 1940 e dezembro de 1941.

Chama muito a atenção o modo como a educação sexual é encarada, a relevância que é dada ao tema. Embora não se esteja tratando especificamente da prostituição, mas o mesmo olhar, já descrito acima quando da análise das reportagens da década de 1930 sobre a corporeidade, sobre o sexo, sobre a questão do prazer, estão presentes. Agora com força muito maior e mais intensa, pois tornou-se disciplina escolar. O sexo foi pedagogizado, tornado discurso científico<sup>18</sup>. Encontrou-se uma maneira de falar sobre sexo publicamente, de tal forma a constituir um dizer a verdade sobre o sexo de forma moralizada, pedagogizada, disciplinada, sem causar rubor aos moralistas de plantão.

O disciplinamento torna-se muito mais eficiente quando se disciplinam os conceitos, as energias e as intensidades com as quais o indivíduo poderia se insurgir. Disciplinar o sexo, tornando-o discurso científico é muito mais eficiente do que reprimi-lo, negligenciá-lo ou bloquear seus mecanismos. O sexo, nas sociedades modernas, onde as ciências tornaram-se o mecanismo de produção de verdades, segundo Michel Foucault, é um dispositivo de poder, a serviço da sociedade disciplinar e de controle.

Todos estes elementos estão claramente presentes nos discursos vinculados pelos jornais neste período:

A Escola Normal de Pernambuco do Brasil acaba de dar mais uma demonstração eloqüente de alto grau de compreensão que possui a respeito da

verdadeira função da pedagogia, fazendo incluir no programa (...) a educação sexual (...) Sem a educação sexual toda tarefa educativa pode ser desfeita pela conduta imprópria que o educando siga neste particular e que repercute, de forma evidente e indiscutível, sobre as suas demais reações bio-físicas, tornando-o não só inadaptável a si mesmo como ao ambiente social em que vive. A pedagogia moderna tem que ver o indivíduo em bloco, sem discurar nenhum aspecto de sua vida, para poder educá-lo convenientemente. Ministrá-lhe todas as formas de educação e negar-lhe a educação sexual é realizar uma tarefa incompleta. Ninguém pode ser bem educado sem haver recebido uma educação completa, e esta não existe sem a educação sexual.<sup>19</sup>

Um dos problemas mais apaixonantes da pedagogia moderna, quer pela sua transcendental repercussão moral, quer pela sua grande importância social, é o da co-educação dos sexos na escola.<sup>20</sup>

(...) a vida de um ser não reside apenas no próprio ser, mas resulta sempre da luta de dois fatores: do corpo do animal (herança) e do conjunto de fatores ambientes (educação). A procriação precisa deixar de ser um ato inconsciente e isto só se pode conseguir no dia em que, por uma educação higiênica pré-nupcial, a criar nos cônjuges a consciência da gravidade do problema da procriação.<sup>21</sup>

Embora os documentos deste período não nos autorizem, pode-se imaginar como a prostituição era vista neste contexto intelectual e moral. A vigilância do comportamento, das intenções das pessoas comuns da sociedade, educadas, não para o sexo prazer, mas para o sexo-função. O moralismo de plantão dificilmente poderia estar apto a tolerar os casos de prostituição, pelo menos nos lugares mais visíveis da cidade. As reportagens selecionadas por nós da década de 1960 nos darão uma idéia destas relações de saber-poder sobre o sexo, a disciplina e a prostituição.

### 6.5. Artigos de jornais da década de 1960/1969

Diferente do que vinha ocorrendo nas décadas anteriores, na década de 1960 há uma mudança significativa dos jornais do município de Blumenau em relação à prostituição. A atitude, predominante até o final dos anos de 1950, era de omissão em relação ao assunto. Já na década de 1960 passa-se a

falar extensivamente da prostituição.

Percebe-se, nas diversas reportagens, uma regularidade na perspectiva de abordagem do tema que perpassa os discursos nas diferentes abordagens da prostituição. Um dos temas-chaves ainda é a moralização do espaço público. Entenda-se por espaço público a área central da cidade, onde circulam as “pessoas de bem”, as ilustres autoridades e os proprietários dos maiores bens do município, com suas famílias. Não estão contemplados nesta idéia de espaço público as ruas e bairros mais afastados, onde só circulam os pobres, os trabalhadores. Outra linha temática é tratar o assunto da prostituição judicialmente, amparando-se no Código Penal e na ação policial.

Dois elementos que aparecem com mais clareza na questão da prostituição são, por um lado a cretinice de ilustres homens públicos que, nos palanques, nos tribunais e em sua função pública, como vereadores, escrivãos, policiais, recriminam, condenam, desprezam e criminalizam tanto a pessoa da prostituta como a prostituição, mas são também clientes, freqüentadores dos bordéis e de prostitutas de rua. Por outro lado, o que parece incomodar mais não é a existência pura e simples da prostituição, mas sim o local onde ela ocorre.

Várias são as ações, na década de 1960, no sentido de transferir a prostituição para locais mais afastados do centro da cidade, como a região do Encano, tanto do lado esquerdo quanto direito do rio Itajaí... Transcrevemos a seguir alguns trechos das reportagens da década de 1960 por nós selecionadas para ilustrar nossas afirmações:

Um fato clamoroso e revoltante ocorre em Blumenau, para vergonha da sociedade cristã e civilizada de que fazemos parte: menores são explorados por caftens mais do que conhecidos e “manjados”. Para tanto basta apenas percorrer as alcolvas que proliferam pelos quatro cantos, e onde, não raras vezes, se encontram representantes do Poder Público confraternizando com estes marginais, alguns dos quais por várias vezes já estiveram envolvidos com a justiça. (...). Se a prostituição é **um mal incurável**, os seus efeitos ruinosos no entanto podem ser minorados, graça a uma ação enérgica das autoridades, inclusive do juizado de menores que deve dedicar maior atenção ao sério problema.<sup>22</sup>

O jornalista Ezio Lima, ex-diretor do seminário CORREIO SULINO, foi condenado por Tribunal Especial de Júri (...), julgamento realizado a 19 de fevereiro, à prova de detenção de um ano. Nosso colega de imprensa, profligando

os costumes, condenou a existência e funcionamento de prostíbulos no local denominado Bico Verde, responsabilizando as autoridades judiciárias. Absolvido no primeiro julgamento, foi mandado a novo júri pelo Tribunal de Apelação, e no segundo julgamento recebeu sentença, por três votos a dois contra.<sup>23</sup>

O delegado de polícia da cidade levantou poeira de um velho problema, que pertence muito mais à História do que a ele próprio. Reorganizou-se contra o meretrício (...). Começou por convocar todos os proprietários de bordéis para uma palestra informal em seu gabinete, colóquio esse considerado pela autoridade como “importante”. À reunião compareceu toda a fauna do submundo (...). O assunto tratado foi a mudança de local dos prostíbulos. A autoridade informou aos presentes, todos em estado de dúvida, que desejava ver no prazo improrrogável de 60 dias, as arapucas em outro local. (...). A seguir o titular do Delegado apontou o local onde todos os proprietários deveriam construir suas casas de encontro.<sup>24</sup>

O vereador Osvaldo Ollinger afirmou no plenário da Câmara Municipal que a Rua XV de Novembro encontra-se em situação verdadeiramente calamitosa, repleta, de prostíbulos em toda sua extensão.<sup>25</sup>

A Secretaria de Segurança Pública vai abrir inquérito para apurar a responsabilidade do Escrivão Andrade, da DRP<sup>26</sup> de Blumenau, na escaramuça<sup>27</sup> que tomou parte na zona do baixo meretrício da cidade, quando, embriagado, trocou socos e pontapés com o vereador Friedel Schipmann que se encontrava igualmente em lastimável estado de lucidez.<sup>28</sup>

Denunciamos mais de mil vezes, por esta página, fatos de maior tristeza que vinham acontecendo em pleno centro citadino, transformado em quartel general da máfia integrada por mundanas e rufões. Afirmamos mais de uma centena de vezes que, insolúvel o problema, ele acabaria se transformando em tragédia. Tínhamos razão. O primeiro crime aconteceu ante-ontem à noite e uma meretriz de apenas 16 anos foi morta estupidamente por um rufão. (...) Não raro recebíamos em nossa sede, denúncias de chefes de família, moradores nas imediações, que vinham reclamar contra os abusos praticados por malandros, meretrizes, desclassificados. Nada foi feito, nenhuma medida foi tomada. O resultado está aí – um crime frio e estúpido a enlutar nossa cidade.<sup>29</sup>

Pelo Sr. Promotor Público da Primeira Vara, foi encaminhada à Justiça, no dia 17 deste mês a seguinte promoção criminal (...) pelas 16h do dia 13 de maio do corrente ano, nesta cidade, Isolina Farias, qualificada e presa em flagrante, mantinha e explorava habitualmente, por conta própria, casa de prostituição (...) Isolina Farias, que possui também prostíbulo em Encano, município de Indaial...<sup>30</sup>

Na reportagem do dia 18 de fevereiro de 1964 aparece também a expressão *mal incurável*, que faz perceber uma outra abordagem da prostituição. Em todos os sentidos ela era um mal. Mas a partir da década de 1960 mudou-se o discurso. Não se trabalhava mais com o pressuposto de que se deveria acabar com a prostituição. Nitidamente os discursos passam a tratá-la como um problema, sobretudo para o centro da cidade, de onde ela deveria ser removida, mas não falam mais em acabar com a prostituição, e sim removê-la para locais marginais, onde ela pode ser tolerada como um mal necessário<sup>31</sup>. Na maioria dos casos, a prostituição, na concepção de médicos e moralistas defensores da família, acima de tudo, deve ser tolerada, como mal necessário, como função reguladora, pois, segundo estes, o homem tem necessidades que poderiam desestabilizar ou até mesmo acabar com o casamento, não fosse a existência de prostitutas.

### 6.6 Artigos de jornais da década de 1970/1979

Na década de 1970 vê-se uma mudança ao longo de seus dez anos. Do início dos anos 70 até por volta de 1975, ainda se reproduz o discurso da década anterior. Trata-se a prostituição unicamente como caso de polícia, prendendo, ora as prostitutas, ora os donos das casas de prostituição, ora ambos, fecham-se casas que ainda resistem em permanecer em locais mais próximos ao centro. “As mariposas presas, que antes eram soltas após 24 horas, atualmente são julgadas e condenadas”, afirma o Jornal *A Nação*, em reportagem do dia 07 de junho de 1975. Mais adiante, na mesma reportagem afirma que

(...) os bares e casa de tolerância atualmente fechados, com seus proprietários processados e condenados em tempo recorde, o que possibilita que pouco a pouco o meretrício vá sendo controlado (...) o único resultado nesse tipo de batalha é a disciplina e a regulamentação desse setor, fazendo com que as mariposas sejam deslocadas para áreas sub urbanas, longe das vistas da sociedade (...). Esse mercado sexual traz

dupla conseqüência negativa: influência perniciosa no seio da sociedade e o ajuntamento de toda sorte de criminosos que, numa estranha simbiose, parasitam as meretrizes.<sup>32</sup>

Aparecem na reportagem, além das questões já levantadas na década de 60, a associação entre prostituição e crime. Essa tendência vai se direcionar, nas décadas seguintes, para a associação entre prostituição, tráfico e consumo de drogas.

A partir de 1975, com toda “revolução sexual” que toma o mundo, as mudanças significativas no modo de vestir, de dançar e se divertir, da população em geral, mas principalmente da mulher, que vai, progressivamente conquistando espaços e identidades próprias, verifica-se uma mudança também nos discursos sobre a prostituição. Vão se integrar ao discurso sobre prostituição, temáticas como condições de trabalho, associações de prostitutas e condições de vida das mulheres que trabalham na prostituição.

Em Paris um grupo de prostitutas convocou ontem a imprensa para anunciar a criação de uma Confederação Nacional de quase 20 mil prostitutas oficiais, com o objetivo de combater a perseguição policial.<sup>33</sup>

Legalizada em termos jurídicos, mas reprimida tenazmente, a prostituição vive suas contradições, até agora, insolúveis. (...) Ano passado, escolhido pelas Nações Unidas como Ano Internacional das Mulheres, alguns representantes, sobretudo de países europeus, lançaram apelos da tribuna, à humilhante condição em que vivem certas mulheres que, para sobreviverem, tem que mercadizar (SIC) seu próprio corpo (...) As mulheres não podem largar o emprego enquanto não cumprem na íntegra o contrato firmado entre a madame, a prostituta e o intermediário. Estigmatizadas e mal vistas, essas casas são pouquíssimo freqüentadas. Não é a toa que a prostituição tenha, atualmente, uma posição mais livre e flexível.<sup>34</sup>

Embora a polícia não deixe de se fazer presente em muitos casos, reprimindo, espancando, prendendo, a prostituição em si, deixou de ser crime. Apenas a exploração da prostituição continua sendo crime. Talvez seria o caso de perguntar porque só a exploração do trabalho das prostitutas é crime, enquanto a exploração dos operários é legal. Isto não significa nenhuma contravenção penal?

### 6.7 Artigos de jornais das décadas de 80 e 90

Nas décadas de 1980 e 1990, os discursos, tanto nos jornais quanto nas revistas, vão abandonar a perspectiva do moralismo e da repressão dos anos anteriores. A prostituição parece haver conquistado seu lugar na sociedade. Não queremos afirmar que há uma aceitação pacífica por parte das pessoas. Ainda existem muitas fantasias no imaginário social das pessoas a respeito da prostituição. Os preconceitos ainda são muito grandes. Em alguns casos ainda há formas de repressão policial. Mas os discursos veiculados nos jornais já não ficam vociferando contra as prostitutas ou contra a prostituição. Ao contrário, vai se discutir as condições de trabalho, os ganhos e a exploração econômica. Quando a prostituição se torna visível nos locais mais centrais da cidade, imediatamente aciona-se a força policial para reconduzi-la ao “seu lugar”, ou seja, à margem, escondida dos olhos do público. Toleram-se, nas áreas mais centrais da cidade apenas a prostituição de luxo, aquela que não parece prostituição. São as chamadas acompanhantes de executivos, mulheres jovens, bem vestidas, excelentes consumidoras dos produtos da sociedade capitalista. Contra essas não há repressão. Elas *servem* a alta sociedade e não causam tumultos, desordem e às vezes tornam-se esposas de luxo de “figurões”.

Os temas principais que vão conduzir os discursos, tanto nos jornais quanto nas revistas, são a prostituição infantil, a progressiva preocupação com a prostituição de menores e, neste sentido, muitos promotores públicos, juízes, delegados de polícia, associações, movimentos pastorais, organizações governamentais e não governamentais, nacionais e internacionais vão despender esforços para combater o que muitos classificam como o mal do século. Um outro tema bastante discutido na imprensa escrita é sobre as causas sociais, econômicas e culturais que levam à prostituição. Discute-se muito sobre as condições de trabalho, a dignidade humana das profissionais do sexo, como também são chamadas nestas duas últimas décadas, o que até meados da década de 1970 era impossível. A entrada em cena dos travestis que atuam na prostituição (fazendo dela seu meio de ganhar a vida) também vai ocupar parte das discussões na imprensa.

Nestas últimas duas décadas os jornais e as revistas tratam abertamente da prostituição. É farto o material sobre o tema. Muitos repórteres chegam a freqüentar bordéis, ruas e bares onde ocorre a prostituição, para poderem fazer

reportagens que reflitam mais fielmente o mundo da prostituição, como vem sendo chamado.

Em 19 de outubro de 2000, o Sr. José Carlos Goes encaminhou Ofício ao 10<sup>a</sup> Batalhão da Polícia Militar de Blumenau, solicitando “*ronda permanente e diária - até a solução do caso - na Rua Max Aldemann s/n - Itoupava Norte. Trata-se de um caso de perturbação do sossego alheio, surgido há mais de instalado um barzinho para encontro de prostitutas com seus clientes.*”

Se, por um lado, os artigos de jornais da década de 1990 deixam de bater na tecla da ordem pública, a população das áreas mais próximas ao centro, mantém-se vigilantes quanto à idéia de ordem, de perturbação do sossego, etc. O teor do ofício, bem como seu destino, ou seja, a polícia, deixa clara a mentalidade disciplinada e disciplinadora que se faz presente na população. Significa que as estratégias empregadas, nas práticas discursivas e não discursivas ao longo das décadas de 1920 a 1960 foi eficiente. Produziu-se na população um sentimento de ordem e intolerância com os grupos minoritários, diferentes, que possam ameaçar o modo disciplinado com que as instituições e as relações das pessoas se constituem. Confirma-se, desse modo, a tese que anteriormente levantamos, de que há tolerância, compreensão e até preocupação com a situação das prostitutas, desde que elas não ameacem os espaços disciplinados e moralizados pelas classes dominantes.

### 6.8 Resultados das entrevistas

Realizamos entrevistas com um padre, uma professora de História, da Universidade Regional de Blumenau, e com pessoas que moram nas imediações de wiskerias ou casas de prostituição.

Em todos os casos, verificamos uma postura de compreensão da prostituição. Chama a atenção como o padre buscou as razões históricas, sociais e econômicas para falar da prostituição, sem uma atitude moralista, condenatória. Não legitimou a prostituição, mas também não a condenou, buscou compreendê-la.

No caso da professora de História, o que chamou a atenção foi a forma breve como tratou o assunto. Afirmou que a contribuição da mulher prostituta foi nula para a construção da história do município de Blumenau e que os jornais por ela pesquisados não se referiram à prostituição.

Já as entrevistas com os moradores de áreas próximas às casas de pros-

tituição confirmaram aquilo que verificamos nos jornais. Por um lado, eles subjetivaram o discurso da ordem que deve existir em uma cidade e que não pode haver casas de prostituição no centro da cidade, que estes estabelecimentos devem ficar mais nas margens. Por outro lado, confirmaram que as casas de prostituição foram se instalando na periferia nas décadas de 1960 e 1970, época em que os jornais revelaram maior debate sobre o problema da prostituição no centro da cidade e que se intensificou a perseguição às prostitutas e às casas de prostituição, prendendo, condenando as pessoas envolvidas com a prostituição na região mais central da cidade, bem como fechando os estabelecimentos aí existentes.

### 6.9. Finalizando, concluindo

Segundo dados da Vigilância Sanitária de Blumenau, a cidade tem hoje 31 estabelecimentos registrados como “Bar e Wisqueria” e como “Bar e Lanchonete”, que funcionam como pontos de encontro entre prostitutas e clientes, onde, na maioria, desenvolvem-se atividades de prostituição, inclusive com quartos. Segundo dados do Apoio Social, trabalham cerca de 300 mulheres, diretamente como prostitutas, na cidade. Esse número deve ser maior, se levarmos em conta as mulheres que atuam através de agências e as que atuam de forma autônoma, através de anúncios de jornais ou com rede de clientes.

Esses dados nos revelam que a atividade da prostituição tem, não só se mantido, como se expandido em Blumenau. Se levarmos em conta a localização atual da quase totalidade dos estabelecimentos, nas regiões periféricas da cidade, percebemos também que as ações desenvolvidas pelo poder público, pela imprensa e pela mobilização da *comunidade*<sup>35</sup> foram eficientes. Conseguiu-se “limpar” o centro da cidade. Mesmo que, em alguns pontos do centro, na madrugada, se encontrem prostitutas e travestis oferecendo programas.

Retomando nossas perguntas de pesquisa, podemos, agora, respondê-las, com alguma fundamentação.

A primeira questão, *“De que maneira os discursos e práticas das autoridades civis, religiosas e policiais influenciaram a prostituição em Blumenau?”*, pode ser aliada com a quarta e a sexta questões, respectivamente, *“Por que, atualmente, as casas de prostituição localizam-se, notadamente às margens da BR 470 e atrás do Campo do BEC e “Por quais regiões da cidade deve-se traçar o mapa da prostituição em Blumenau?”*. Através de nossas pesquisas podemos

concluir que os discursos e as práticas influenciaram a prostituição disciplinando-a, instituindo-lhes modos e locais específicos para atuarem. Por diversas estratégias, que vão desde as reportagens preconceituosas e agressivas publicadas em jornais, até a ação policial e jurídica, prendendo, processando, condenando, obtiveram-se efeitos notáveis sobre a idéia de urbanidade e limpeza (disciplina e controle), não só sobre a prostituição, mas também sobre as pessoas da sociedade em geral.

A prostituição, que desde o seu início, por volta de 1915 a 1920, até as décadas de 1950 e 1960, estava localizada na região central da cidade, conseguiu ser deslocada, banida para as regiões periféricas da cidade, como a BR 470, a Rua Bahia, depois da Ponte do Salto, e o beco atrás do Campo do BEC. Este último local, embora próximo ao Centro da Cidade, fica fora da vista de quem circula pela cidade, não agridindo o olhar, a *imagem* da cidade, sobretudo para os turistas e as *famílias de bem* que moram aqui. É um beco escondido, que muita gente nem sabe que existe.

Sobre a segunda pergunta “*Quais as formas de resistência das prostitutas no período entre 1890 e 1990?*”, os documentos consultados pouco se manifestam. Na década de 1960, quando a polícia estabelece um prazo de 60 dias para que os estabelecimentos se transfiram para *outras áreas*, um jornal comenta sobre o “risco de as prostitutas e os donos de estabelecimentos fazerem manifestações, passeatas e protestos no centro da cidade, o que ficaria muito mal para a imagem da cidade”,<sup>36</sup> caso a polícia queira fechar os estabelecimentos que não conseguirem se transferir esse prazo. Destas falas, pode-se deduzir que alguma forma de mobilização e resistência tenha havido, sobretudo nos anos de maior agressão às mulheres e aos estabelecimentos, embora nunca tenham criado nenhuma organização, associação ou sindicato próprios. Talvez pela alta rotatividade nos locais de trabalho e pela condição precária de liberdade com que elas estão vinculadas aos estabelecimentos.

Sobre a pergunta “*Ser Prostituta rompe com a moral tradicional ou é uma forma de solidificá-la?*”, pela análise dos documentos podemos verificar que, pelo envolvimento de vereadores, policiais, escrivãos na prostituição, estes, que são os defensores da moral tradicional, a prostituição, que acompanha toda a história da civilização ocidental, não significa nenhum rompimento com a moral tradicional. Ao contrário, é sua outra metade, é a que viabiliza os discursos moralistas dos *homens de bem*. Até mesmo o conceito de mal necessário

inscreve-se nesta ótica de abordagem. Desta forma, já estamos respondendo a quinta questão “*De que forma o conceito de mal necessário atuou na sociedade blumenauense na relação com a prostituição?*”, sendo que a atuação do conceito pode ser verificado pela ação de transferir os prostíbulos para regiões periféricas, sem nunca eliminar a prostituição por completo. Muitas autoridades que reprimiam o meretrício durante o dia, eram seus clientes à noite, vivenciando a dinâmica do prazer que, em seus discursos moralistas condenavam.

Sabemos que nossas conclusões são muito provisórias, parciais e com várias deficiências. Grande parte do material por nós selecionado ainda merece análises e abordagens mais aprofundadas. Também os processos criminais e os registros de Ocorrência Policial, os BOs, não puderam ser pesquisados pela escassez do tempo. Também eles podem apresentar dados significativos para reconstituirmos a história da prostituição e da sociedade blumenauense.

### Notas de Fim

<sup>3</sup> A tradução das reportagens para o português, a que tivemos acesso, foi feita por Edith Sophia Eimer e publicadas na Revista *Blumenau em Cadernos*.

<sup>4</sup> Publicado no *Blumenauer Zeitung*, 12.08.1899, n. 32. Tradução publicada na Revista *Blumenau em Cadernos*, Tomo XXX (10): 1989 p. 347.

<sup>5</sup> Publicado no jornal *Blumenauer Zeitung*, 29.07.1899, n. 30. Tradução publicada na Revista *Blumenau em Cadernos*, Tomo xxx (10): 1989, p. 353-54.

<sup>6</sup> *A Cidade*, 06.02.1926, p. 02.

<sup>7</sup> *A Cidade*, 28.09.1929.

<sup>8</sup> O jornal *Die Volkszeitung* era publicado em alemão e tivemos que contratar uma tradutora. Portanto, as reportagens deste jornal que utilizaremos foram traduzidos por Ute Petersen, estudante do Curso de história da FURB e que também trabalha como tradutora.

<sup>9</sup> *Die Volkszeitung*, 23.04.1930, ano 1, p. 01.

<sup>10</sup> *Die Volkszeitung*, 23.04.1930, ano 1, p. 01.

<sup>11</sup> *Die Volkszeitung*, 04.06.1930, ano 1.

<sup>12</sup> *Die Volkszeitung*, 07.07.1930, ano 1.

<sup>13</sup> Cf Michel Foucault, no livro *Em Defesa da Sociedade*, publicado pela Editora Martins Fontes, São Paulo, 1999.

<sup>14</sup> Ver a esse respeito o livro de Roberto Machado *DANAÇÃO DA NORMA*. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1978.

<sup>15</sup> *Die Volkszeitung*, 23.04.1930, ano 1, p. 01.

<sup>16</sup> *Die Volkszeitung*, 26.04.1930, ano 1.

<sup>17</sup> *Die Volkszeitung*, 04.06.1930, ano 1.

<sup>18</sup> A respeito do disciplinamento dos saberes, dos corpos, dos pensamentos, das ações possíveis a um indivíduo, ver Michel Foucault, no livro *Em Defesa da Sociedade*, publicado pela Editora Martins Fontes, São Paulo, 1999.

Ver também o livro *Corpos Dóceis, Mentis Vazias, Corações Frios*. Didática, o discurso científico do disciplinamento, de Ierecê Rego Beltrão, publicado pela editora Imaginário, São Paulo: 2000.

<sup>19</sup> *A Cidade de Blumenau*, 20.01.1940, n. 28, p. 01.

<sup>20</sup> *A Cidade de Blumenau*, 14.02.1940, n. 35, p. 02.

<sup>21</sup> *A Cidade de Blumenau*, 11.05.1940, n. 58, p. 02.

<sup>22</sup> *Ronda*, 18.02.1964. p. 06.

<sup>23</sup> *Ronda*, 31.03.1964. p. 05.

<sup>24</sup> *Ronda*, 24.05.1964. p. 05.

<sup>25</sup> *Ronda*, 11.06.1964. p. 05.

<sup>26</sup> DRP= Delegacia Regional de Polícia.

<sup>27</sup> escaramuça: luta

<sup>28</sup> *Ronda*, 07.11.1964, p. 03.

<sup>29</sup> *A Cidade*, 02.02.1968.

<sup>30</sup> *A Nação*, 21.05.1969, p. 8.

<sup>31</sup> A respeito da prostituição como mal necessário, ver Magali Engels, no livro *Meretrizes e Doutores, saber médico e prostituição no Rio de Janeiro*. Ed. Brasiliense, 1989. Ver também Margarete Rago, no livro *Os prazeres da Noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo*, Ed. Paz e Terra, 1991.

<sup>32</sup> *A Nação*, 07.06.1975, p.8.

<sup>33</sup> *A Nação*, 17.06.1975, p.01.

<sup>34</sup> *A Nação*, 13.02.1979, p. 05.

<sup>35</sup> O termo está em itálico porque não designa o total da comunidade blumenauense, mas apenas aquela parcela que, nas regiões centrais e áreas mais nobres da cidade, conseguiram livrar-se da presença dos prostíbulos. Não envolve as pessoas da comunidade das áreas periféricas, para onde foram deslocados os estabelecimentos.

<sup>36</sup> *Ronda*, 24.05.1964. p. 05.

## 7. Referências Bibliográficas

- BACELAR, J. A. **A família da prostituta**. São Paulo: Ática, 1982.
- BEAUVOIR, S. de. **O segundo sexo: a experiência vivida**. v. 2. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- BELTRÃO, I. R. **Corpos doces, mentes vazias, corações frios: didática, o discurso científico do disciplinamento**. São Paulo: Imaginário, 2000.
- DIMENSTEIN, G. **Meninas da noite**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1992.
- ENGEL, M. **Meretrizes e doutores: saber médico e prostituição no Rio de Janeiro (1840-1890)**. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- FOUCAULT, M. **História da sexualidade: a vontade de saber**. v. 1. 5. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1984.
- \_\_\_\_\_. **História da sexualidade: o uso dos prazeres**. v. 2. Rio de Janeiro: Graal, 1984.
- \_\_\_\_\_. **História da sexualidade: o cuidado de si**. v. 3. Rio de Janeiro: Graal, 1985.
- \_\_\_\_\_. **Em defesa da sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- GASPAR, M. D. **Garotas de Programa: prostituição em Copacabana e identidade social**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- KIRSCH, J. **As prostitutas na Bíblia: algumas histórias censuradas**. Tradução por: Roberto Raposo. Rio de Janeiro: Rosa dos Ventos, 1998. Tradução de: *The harlot by the side of the roof: forbidden tales of the Bible*.
- MACHADO, R. et al. **Danação da norma**. Rio de Janeiro: Graal, 1978.
- MARQUES, A.; BERUTTI, F.; FARIA, R. **História moderna através de textos**. São Paulo: Contexto, 1999.
- MURPHY, E. **História dos grandes bordéis do Mundo**. Tradução por: Heloísa Jahn. 2. ed. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1994. Tradução de: *The Great Bordellos of the World*.
- PERROT, M. **Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.
- RAGO, M. **Os prazeres da noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930)**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.
- RANKE-HEINEMAN, U. **Eunucos pelo reino de Deus: mulheres, sexualidade e a igreja católica**. Tradução por: Paulo Fróes. 3. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Ventos, 1996.
- RENAUX, M. L. **O outro lado da história: o papel da mulher no vale do Itajaí - 1850/1950**. Blumenau: FURB, 1995.
- SILVA, J. F. da. **História de Blumenau**. 2. ed. Blumenau: Fund. "Casa Dr. Blumenau", 1988.
- \_\_\_\_\_. **A imprensa em Blumenau**. Florianópolis: IOESC, 1977.
- SPINK, M. J. **O conhecimento no cotidiano: as representações sociais na perspectiva da psicologia social**. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- VARELA, J. Genealogia y feminismo. In: **Nacimiento de la mujer burguesa: el ambiente de desequilibrio do poder entre los sexos**. Madrid: La Piqueta, 1997.
- WOLFF, C. S. **As mulheres da colônia Blumenau: cotidiano e trabalho (1850-1900)**. PUC, 1997.

## **Burocracia & Governo**

---

### **Relatório do Dr. Ignácio da Cunha Galvão ao Ministro da Agricultura, Comércio e Obras Públicas, de 28 de fevereiro de 1867 - Parte 3**

## **Colônia Itajaí**

Conhecida na província com o nome de colônia Brusque - Santa Catarina

Fundada em 1860, num território demarcado na margem esquerda do rio Itajaí-Mirim, confluente do Itajaí-Açu, com o núcleo de 54 colonos, hoje 1.333 habitantes.

O minucioso mapa estatístico (nº 3), organizado pela direção, dá um conhecimento quase completo de seu estado atual e dispensa minuciosa descrição<sup>1</sup>.

O local da povoação, escolhido pelo delegado das terras públicas, à margem do rio e próximo à confluência do rio Guabiruba, oferece terreno apropriado e suficiente para uma povoação regular, a qual para o futuro, quando o seu desenvolvimento o exigir, se poderá estender para o lado oposto do rio, na extensa vargem da propriedade de P.J. Werner.

As edificações são feitas na conformidade de um plano que existe, mas ainda não foi aprovado, no qual se acham convenientemente designadas as localidades para as igrejas, escolas, cemitérios, logradouro público, e marcados 77 lotes urbanos de 10 braças de frente com fundos variáveis.

Conta hoje a povoação uma única rua com casas bastante unidas, para justificar este nome; as outras só por ora são visíveis no projeto.

De construção bastante sólida, não apre-



<sup>1</sup> N. E.: Os mapas estatísticos não constam do documento original.

senta, todavia, nenhuma das casas à bela aparência das de D. Francisca e Blumenau. O edifício único que se destaca dos demais, é a capela católica, sobre uma colina de pequena elevação feita às expensas dos colonos; bastante espaçosa, coberta de telha, com torre e sino, a sua construção é fraca.

Pedro Heil, colono encarregado das obras, pede auxílio do Governo para concluí-la e consolidá-la. Obriga-se com a soma de 2:000\$000, com que o governo concorra, a substituir a taipa das paredes por tijolo, a assoalhá-la de novo, passando as tábuas do soalho atual, que é fraco, para o forro que não tem; julgo por todos os lados atendível esta reclamação.

Dos 77 lotes urbanos, 55 já foram concedidos; estes lotes são dados por aforamento com a condição de edificar neles dentro do prazo de 6 meses (no Assunguy o prazo é de um ano; em Blumenau os lotes urbanos são vendidos e não aforados; em Cananéia nada há fixado a este respeito); não existe documento ou título algum dessas concessões; grande número de concessionários não tem cumprido a obrigação de edificar.

Convém regularizar esta matéria, e para evitar queixas de preferências e especulações, fixar novo prazo para edificação, findo o qual se dêem os títulos de propriedade aos que tiverem edificado, caducando todas as outras concessões, e bem assim, desde já, todas aquelas de mais de dois anos que não tiverem cumprido a condição de edificar.

A escolha das terras para a colônia foi a mais feliz possível; igualmente férteis, às de Blumenau não apresentam o inconveniente de serem como ali as estreitas vargens encerradas entre morros altos, quase inacessíveis à cultura ordinária do país e ainda mais ao arado.

Na colônia Itajaí são mais largas as vargens, mais numerosas, sendo o território da colônia banhado por maior número de ribeirões, e os morros que as limitam de pouca altura e suave inclinação, prestam-se à lavoura quase com igual vantagem às margens; de sorte que todo o terreno compreendido no território, com exceção da cadeia montanhosa das Bateias pode ser aproveitado; a população está concentrada, e a

comunicação entre os diversos raios coloniais, conquanto não exista ainda, é mui fácil de estabelecer-se.

Estende-se a colônia, como se vê do mapa nº 5, em 4 diversas linhas ou raios principais:

1º Peter-Strauss com uma ramificação; tem estrada de rodagem em quase toda a extensão; no fim existe um pedaço de mau caminho; passa porém cargueiro sem dificuldade.

2º. Guabiruba do Norte com 2 ramais, tem estrada de rodagem em quase toda a extensão.

3º. Guabiruba do Sul com 2 pequenos ramais, tem estrada de rodagem em quase toda a extensão; no resto caminho de cargueiro muito regular.

4º. Itajaí; tem caminho de rodagem em grande extensão, no fim uma porção de caminho em muito mau estado; comunicam-se os moradores com a sede da povoação pelo rio, em canoa.

Em todas estas linhas encontram-se grandes e luxuriantes plantações de milho, cana, mandioca, aipim, feijão, arroz e tubérculos, diminuindo apenas a fertilidade das terras já nas cabeceiras dos diversos ribeirões, onde alguns colonos têm abandonado seus lotes em procura de outros melhores.

Poucas plantações de fumo se encontram na ocasião por estar quase todo colhido, mas desenvolve-se ele perfeitamente na colônia; estou convencido que será para o futuro o melhor ramo de exportação; a fabricação dos charutos já é considerável, e não obstante o seu imperfeito trato, alcançam pela qualidade do fumo bom preço, o mais alto dentre as colônias da província.

Os pequenos ensaios de cultura do algodão e do café, nada, por ora, revelam sobre a sua conveniência.

### **Administração**

Reinava na colônia, na ocasião de minha inspeção, a maior anarquia e o mais alto grau de exacerbação. Depois de muitas reclama-

ções isoladas contra a direção, tinham os colonos ultimamente enviado à presidência uma comissão para apresentar em nome deles suas queixas e pedir a demissão do diretor e do feitor das obras, e a reintegração do ex-médico Ruffener, que havia sido demitido no princípio do ano.

A presidência, aguardando o resultado de minha inspeção, oficiou-me para que tomasse conhecimento das reclamações da comissão, que a mim encaminhou.

Os colonos cansados de sofrer e excitados por Ruffener, que tinha conquistado grande popularidade na colônia, e queria a todo o custo reaver o lugar, fizeram diversos pronunciamentos.

Sem força pública no lugar, sem um único colono que apoiasse o diretor, com não pequena dificuldade consegui fazer manter o respeito devido ao delegado do governo, e obstar a que fosse ultrajada a autoridade na pessoa do diretor, e perturbada a ordem pública.

Sem sacrificar o programa de verdade que me impus, julgo desnecessário expor neste documento a análise pública, um velho quase octogenário, enfermo, pobre e quase cego, que, a par de erros e fraquezas geriu sempre com a maior probidade e zelo os dinheiros que o Estado lhe confiou.

Pelas minhas informações reservadas, que se acham em poder do governo, reconheceu a presidência a inconveniência de ser conservado o Barão Schneeberg na direção da colônia, e concedeu-lhe uma licença para tratar de sua saúde, incumbindo ao Dr. B. Cottle, diretor da colônia Príncipe D. Pedro, de tomar interinamente conta da administração; providências que o governo já aprovou, e bem assim nomeou efetivo o médico Dr. Scharn, que a presidência havia designado para substituir a Ruffener, e aumentou a gratificação ao feitor das obras H. Betterman a cujo zelo e atividade era em grande parte devido o andamento rápido que tinham tido as estradas em construção e o bom estado de conservação dos caminhos existentes.

(Seja lícito nesta ocasião aquele, à quem coube a dura missão de arrancar o pão a esse velho octogenário, implorar do governo que o ampare no seu infortúnio, concedendo-lhe uma aposentadoria de que

pouco tempo poderá gozar, e não faça nascer o remorso no ânimo do delegado fiel, vendo morrer à mingua a vítima de seu zelo e fidelidade).

Com estas providências, e com a retirada do ex-médico Ruffener, que está respondendo a processo, confio que a administração da colônia seguirá marcha desimpedida, e regular, e que os alemães voltaram à sua calma habitual, da qual uma série de contrariedades e dissabores, por longo tempo abafados e excitações de outros, os tinham momentaneamente afastado.

Penso mais, que a administração reunida das duas colônias, provisoriamente à cargo do Dr. Cottle, dever-se-á tornar permanente.

Contíguas uma à outra, pode-se mesmo dizer encravadas, a economia primeiramente e depois a vantagem de melhor conciliarem-se os interesses, às vezes em conflito das duas colônias, parecem-me aconselhar esta medida.

A reconhecida inteligência, experiência e prudência do Dr. Cottle, fazem-me presumir que desempenhará satisfatoriamente a sua dupla missão.

Alguns meses de ensaio melhor demonstram se a fusão é conveniente e se o atual diretor deverá definitivamente ficar à testa das duas reunidas.

A escola pública de meninas funciona com regularidade e aproveitamento das alunas.

A de meninos é muito pouco freqüentada; a grande maioria dos colonos é católica e o professor interino é protestante; esta circunstância, reunida às distancias, explica a pouca freqüência.

O professor interino é além disto escriturário da direção e substitui o diretor nos seus impedimentos; estes dois serviços conciliam-se mal; tendo agora o referido escriturário mais a seu cargo a escrituração da colônia Príncipe D. Pedro, e tendo de servir de intérprete ao Dr. Cottle que não fala alemão, mais difícil será a acumulação.

Julgo que se deve desligar as duas funções e nomear-se outro professor, enquanto não se cria o internato sobre o qual reservo minhas

observações para quando tratar do que existe na colônia Santa Isabel.

Um único título provisório não tinha sido distribuído, por não estarem, por falta de medição, avaliadas as áreas; por ocasião de algumas contestações sobre limites em que com algum custo fiz chegar a um acordo os litigentes, entregaram-se os primeiros títulos.

Na conformidade de uma inconveniente distribuição do orçamento, dá-se \$...<sup>2</sup> de gratificação fixa ao agrimensor; \$... para traço dos caminhos, e \$... para as despesas de medição e demarcação de prazos.

Acontece, que esgotada esta última verba, fica o agrimensor, aliás, moço inteligente e consciencioso, ganhando 100\$000 mensais sem ter que fazer.

Lembro a conveniência de arbitrar-se uma quantia maior, para pagamento por braçagem, para demarcação de prazos e explorações, sempre muito precisas nas colônias, ficando o agrimensor além disso obrigado a traçar os caminhos coloniais.

As cadernetas das dívidas dos colonos também não tinham sido distribuídas e pelo mesmo motivo da falta de avaliação das áreas sem a qual não se podia lançar o custo das terras.

É muito conveniente fazer essa distribuição, não sendo o menor motivo o fazer lembrar os colonos a obrigação de dívida em que estão. É tempo de proceder com mais alguma atividade a cobrança dessas dívidas; muitos colonos estão no caso de principiar a pagá-las; a medida que indiquei para a colônia Blumenau, pode também ser aplicada à colônia Itajaí.

A escrituração, com exceção do registro de casamentos está na melhor ordem e em dia; consta dos seguintes livros:

2 livros de matrícula dos colonos, com diversos assentamentos.

2 livros de contas correntes dos colonos.

Livro de receita e despesa da colônia.

3 livros para os registros dos casamentos, nascimentos e óbitos dos católicos.

---

<sup>2</sup> Os valores não constam no documento original.

### Necessidades da Colônia

A estrada para o porto (Vila de Itajaí) é a primeira e a mais urgente necessidade da colônia.

Custa a crer-se que um núcleo de perto de 1.500 colonos, com 6 anos de existência, a única via de comunicação que tenha com o resto do mundo, seja a navegação em canoa ou lanchas do rio Itajaí-Mirim, impraticável na ocasião das cheias, difícilíssima na ocasião das secas, e sempre longa e dispendiosa.

Uma canoa o menos que leva, de ida e volta ao porto, são de 4 dias, e custa uma viagem 10\$000; uma lancha 40\$000. O colono que tem para vender um saco de milho, um alqueire da farinha, umas libras de manteiga, um milheiro de charutos, vê-se obrigado a aceitar o preço que lhe quer dar na colônia o vendeiro da povoação, e da mesma forma a receber dele os gêneros de que precisa.

A estrada ou picada que liga a colônia à barra do rio, é tal que há verdadeiro risco de estropiar-se, senão de perder a vida, quer cavaleiro quer o animal.

A colônia está, por assim dizer, segregada do resto do mundo, pois só interesse muito imediato obrigará um visitante a arriscar a vida na horrorosa picada ou consumir 4 dias de fastidiosa viagem em canoa pelo rio.

É minha opinião que se os recursos do Estado não são suficientes para satisfazer as necessidades vitais dos núcleos coloniais é melhor não fundá-los, nem convidar colonos e fazer despesas com a sua introdução e estabelecimento.

Antes concentrar esses escassos recursos em poucos núcleos que ofereçam verdadeiros elementos de prosperidade, como a colônia de que trato, de que multiplicar seu número deixando-os em luta com obstáculos tais que não é possível que prosperem.

Para prova da absoluta necessidade da estrada basta dizer que não obstante o seu horroroso estado, quase toda a comunicação com a barra, é feita por ela a pé quase sempre, a cavalo quando o solo o

permite, pois em ocasião de chuvas é impossível a um animal transpô-la. A despesa com a sua construção nada tem, no entanto de exorbitante; o atual presidente, solícito por tudo quanto é de interesse real para a província, conquanto não tivesse verba para a construção, fez o que estava em suas faculdades, mandando fazer a planta e orçamento da estrada. Segundo o projeto do engenheiro encarregado deste serviço, o seu comprimento será de 17.170 braças, menos de 6 léguas, e a despesa para uma estrada de rodagem com as necessárias pontes, não incluindo a grande ponte de Itajaí, está orçada em 39 contos.

Por ora se pode dispensar a grande ponte orçada em 10 contos; uma balsa fará facilmente o serviço da passagem.

Aumento do território da colônia. Todas as terras aproveitáveis do território em que foi estabelecida a colônia estão ocupadas. O 2.º território que posteriormente se lhe anexou e onde já alguns colonos se tinham estabelecido, foi ultimamente destinado para o estabelecimento da colônia Príncipe D. Pedro; este, aliás, pelas explorações recentemente feitas, poucas terras colonizáveis encerra.

Tudo o mais em torno da colônia que se podia aproveitar para aumentar a sua área está ocupado por particulares; só se encontram terras devolutas na serra pedregosa e íngreme das Bateias, que não se prestam à lavoura ou subindo muitas léguas o rio Itajaí.

Não vejo senão duas soluções a essa dificuldade, ou suspender a introdução de novos colonos prejudicando o fim principal dos núcleos coloniais, que é de atrair novos emigrantes, e perdendo quase todo o fruto dos sacrifícios feitos pelo Estado, ou adquirir para a colônia por compra ou desapropriação as terras particulares que a circundam, que quase todas são unicamente aproveitadas para serrarias.

É ao menos singular que no vasto território do Brasil, com a diminuta população que tem, não possua o Estado terras para o estabelecimento de emigrantes; não me cabe aqui analisar as causas desta penúria, mas esse é o fato; e nesta conjuntura entendo que mais vale comprar aos particulares boas terras em condições tais que os colonos possam prosperar, do que estabelecê-los em terras como as de Teresópolis

e Santa Isabel, por exemplo, só por serem devolutas.

É essa ao meu ver uma mal entendida e funesta economia.

Se não se adotar este alvitre para a colônia Itajaí, ficará extinto para a emigração este centro de atração que se podia tornar muito ativo.

Antes completar o sacrifício tirando dele os resultado que se tinham em vista do que parar no meio sacrificando esses resultados.

Afirmam, e a parte que vi me faz crer, que as terras particulares em torno da colônia são excelentes. A existência das serrarias que só se sustentam onde existem boas matas e esta onde a terra é fértil, assim induz a crer.

Os nossos antepassados, justiça lhes sejam feita se não tinham a energia e atividade dos norte americanos, tinham a sagacidade para escolher as terras boas que dispensavam aquelas duas virtudes; e se algumas ainda se encontram desocupadas é por que a dificuldade das comunicações ou a presença dos bugres os afugentara.

Convém, no entanto, antes da aquisição dessas ou outras terras e do estabelecimento nelas de novos colonos, verificar se são, com efeito, boas como se presume; toda a cautela é pouca a este respeito; o colono, em via de regra entra no país como um cego, aceita o que lhe dão, a sua má colocação traz as mais funestas conseqüências; a quem lhes dá por conseguinte competem as indagações prévias.

Seria conveniente explorar a serra que divide as águas do rio Tijucas das do Itajaí-Mirim e bem assim a das Bateias que separa os vales do Itajaí-Mirim e Açu.

Afirmam diversas pessoas que pela primeira se obteria fácil e curta comunicação entre a colônia e a freguesia de São João Batista na margem do Tijucas, donde já existe estrada franca para a capital.

Além da vantagem desta comunicação direta com a capital traria a estrada que por aí se abrisse outra igualmente importante: a facilidade para os boiadeiros de Lages de conduzir diretamente suas tropas à colônia, sem ser preciso descer o Tijucas até a barra e depois subir outra vez da Barra do Itajaí até a colônia.

A comunicação entre os rios Itajaí-Mirim e Açu pela serra das

Bateias, ligando as duas colônias, seria o complemento da outra, proporcionando à colônia Blumenau as mesmas vantagens enquanto ela não estabelecer comunicação direta com os campos de serra acima pelo vale do Itajaí-Açu.

Tendo a colônia uma capela feita à custa dos colonos, não tem ainda sacerdote. O Padre Gattone vigário da freguesia de São Pedro Apóstolo vem periodicamente ministrar o pasto espiritual, e precisando para isso sujeitar-se à dura alternativa ou da viagem por canoa do Itajaí-Mirim ou da picada já descrita.

Os colonos constam pela presença efetiva de um padre na colônia; é justa a sua exigência.

As demais necessidades da colônia são as mesmas comuns a todos, internato para o ensino, estabelecimento modelo de agricultura, teares singelos, etc.

A colônia Itajaí pelo seu bom clima, pela reconhecida fertilidade de suas terras e excelente configuração do solo, regadas por numerosas e abundantes correntes de água; pela proximidade do porto de mar; está nas condições de adquirir um grande e rápido desenvolvimento.

Deve ser mantida e ampliada.

### **Colônia Príncipe D. Pedro**

#### **Santa Catarina**

Fundada no corrente ano, no território demarcado pelo engenheiro Riviére, na margem direita do rio Itajaí-Mirim, junto à colônia Itajaí, com 98 emigrantes, quase todos irlandeses vindos de New York, sob as condições do contrato celebrado com a companhia “United States and Brasil Steam Ships Company”.

Quando visitei, em 17 de março, este núcleo, ainda se achavam os colonos acampados à margem do ribeirão das Águas Claras, confluente do Itajaí-Mirim, à espera que lhes fossem distribuídos seus lotes de terras.

O terreno onde estavam arranchados é de propriedade particu-

lar de F. Sallentien, que ali tem um estabelecimento de serraria; ocupavam diversos pequenos ranchos e um grande barracão que se construiu para a recepção no pasto da serraria.

Conquanto os 98 tivessem sido escolhidos entre os melhores da expedição, viu-se obrigado o diretor, no fim de pouco tempo a expelir 16 de entre eles, que ameaçavam a tranqüilidade e boa marcha da colônia; tem o diretor, para coadjuvá-lo em atos desta natureza, uma força policial formada daqueles colonos que lhe inspiram maior confiança. Posteriormente à retirada desses 16, nova remessa de 19 emigrantes foi-se juntar ao núcleo, que hoje conta com 101 pessoas.

A maior parte deles sem família, segundo me informou o diretor, mecânicos ou trabalhadores do interior das cidades ou de caminhos de ferro, não tem o menor conhecimento ou habito de agricultura.

Na falta de lotes demarcados o diretor tem ocupado àqueles, que a isso se prestam, na abertura da estrada que os deve ligar a colônia Itajaí.

Bastante trabalho tem tido em acalmar a sofreguidão dos colonos, a quem se havia prometido, que encontrariam, à sua chegada, lotes preparados para os receber, no que foram desapontados.

A precipitação com que foi feita a remessa, vieram se juntar outras sérias dificuldades, que têm obstado sua pronta instalação.

O terreno, que foi destinado para esta colônia, segundo a descrição feita pelo engenheiro, que o demarcou, devia conter boas terras para a cultura; as explorações, porém, ultimamente feitas por ocasião da divisão dos lotes não confirmam aquela informação, encontrando-se em quase toda a parte, vales estreitos e montanhas escarpadas, que não se prestam à cultura, principalmente pelo arado; as melhores terras estão dentro da área pertencente a Sallentien, que fica entre o primeiro território da colônia Itajaí, e o segundo que também lhe estava destinado, mas que foi depois designado para a nova colônia.

Em toda a extensão explorada, só se tem encontrado terras boas para 10 ou 12 lotes.

O diretor com muita previdência e acerto, não quer estabelecer

os colonos senão em terras boas, e tem preferido não estabelecer nenhum enquanto não tiver certeza de encontrar terras suficientes para todos; está hoje convencido que dentro do território demarcado não as encontrará senão para um pequeno núcleo.

Para remover este desagradável embaraço sugeri à presidência a conveniência de fazer a aquisição das referidas terras de Sallentein (cerca de uma légua quadrada) alternativa que me pareceu mui preferível à de deslocar dali os colonos sem ter sido examinada e preparada outra localidade, e com a desmoralização da colônia e da administração.

Pende da decisão do governo, a quem a presidência submeteu a questão, a solução urgentemente reclamada.

Motivos existem, para que Sallentein não seja exigente no preço, os quais levei na ocasião ao conhecimento da presidência. Estabelecida a serraria em 1847 por outros, comprou-a posteriormente Sallentein por 5:000\$000, segundo me informaram, com uma légua quadrada de terras fazendo parte do estabelecimento, das quais, vendeu depois parte.

Em 20 anos de trabalho, já não devia existir nessa área, madeira alguma aproveitável, e a serraria teria deixado há muito de funcionar, se as terras contíguas do Estado, não a tivessem alimentado; vi disso as mais evidentes provas.

O estabelecimento deste novo núcleo, é mais um testemunho que se vem juntar aos muitos que o tem precedido, de que é preciso preparar o terreno, para receber o emigrante antes de mandá-lo vir, e que a causa da emigração nada tem a lucrar, e só a perder com o afan em fazer avultar a estatística dos que entram para o país, sem olhar para a possibilidade de seu pronto estabelecimento.

Ativa-se a vinda de emigrantes da América do Norte. Não contexto a sua conveniência, e se viessem só homens, com capital bastante para estabelecerem-se à expensas suas, devíamos abrir dois batentes das portas do Brasil.

Mas para os que não o trazem, o que há preparado para dar-lhes ocupação?

Não há dúvida que temos no Rio de Janeiro, a excelente casa de recepção da Saúde, o Castle-Garden de New York em miniatura; mas daí? Um ou outro encontra ocupação, não se trata, porém do arranjo de meia dúzia ou de uma dúzia, trata-se do estabelecimento de centenas, de milhares.

Desenganemo-nos, o Brasil atualmente não oferece proporções de estabelecimento em grande escala, senão na lavoura; não temos indústria fabril, senão em muita pequena escala, e o princípio do free-trade, como geralmente o entendem, superior ao do bem estar dos homens, não admite que ela se desenvolva.

As obras públicas em andamento, apenas dão vazão à oferta de braços dentro do país; a prova é que se paga 1\$500 e 1\$000, por dia ao trabalhador em obras de estrada.

Não há, pois outro recurso, senão a lavoura; mas é preciso adotar alguma combinação, para colocar homens que vêm com seus braços apenas, sem um real na algibeira; diversas sugestões têm sido apresentadas, eu mesmo já indiquei oficialmente algumas; mas aqui só trato de colônias, e digam os seus adversários o que quiserem, é uma excelente combinação.

Bem sei, que os norte-americanos, acostumados ao self-government, e à iniciativa própria, não se sujeitam com gosto a serem arrebanhados em colônia, debaixo de certo regime; mas a questão atual para eles, não é de escolher entre o bom e o ótimo, é de sair da terrível situação em que se encontram (falo dos do sul); e por certo viver das nossas colônias lhes será muito aceitável, enquanto ao menos não se habilitarem para uma melhor realização de suas aspirações.

O que é preciso, porém é que se faça ver isto clara e positivamente ao emigrante antes dele partir do seu país, evitando assim funestas ilusões.

Debaixo desta ordem de idéias, julgo dever indicar a criação imediata de um núcleo especial para os norte americanos do sul, sem meios pecuniários.

## Documentos Originais

### Hospital Santa Isabel<sup>1</sup>

Na cidade amável de Blumenau, circundada por outeiros e montanhas, dos quais a maior parte ainda coberta de mata virgem, se encontra vizinha ao Colégio Sagrada Família, das irmãs, numa suave elevação de um morro verdejante, o Hospital Santa Isabel. A significação da Padroeira deste hospital está fundamentada sobre a nobre e mui querida Santa da Alemanha, Elisabeth von Türingen, cujo interesse e trabalho se dirigiam unicamente para ajudar aos pobres e necessitados de toda sorte. Portanto, a tarefa do Hospital Santa Isabel é a prática da caridade aos doentes necessitados.

Deverá ser o asilo de todos os doentes e pessoas que sofrem longe de seus queridos familiares. Encontrarão neste hospital boa acolhida, bom tratamento, e se possível, recuperação de sua saúde. Nos fundos do hospital, existe um lindo mato verde, cujo ar livre e puro por si só, já concede e devolve a saúde aos pacientes deste hospital. Portanto, o local e circunvizinhanças, como também as instalações do hospital, concorrem para o bem estar de seus doentes.

A localização do hospital, fora do centro da cidade e do movimento das ruas principais, oferece assim abrigo a todos os que a ele se dirigem. Para chegar ao hospital, as pessoas são conduzidas por meio de uma estrada larga, entre pastos verdejantes. Chegando ao hospital, entra-se na portaria que fica no segundo piso, subindo por uma larga escada. Poderá se apreciar da portaria uma linda paisagem sobre a cidade de

<sup>1</sup> O nome da autora é desconhecido. Tratava-se de uma religiosa, que não assinava seus textos por estar subordinada às normas da congregação da qual fazia parte, em 1923. O mesmo foi escrito, originalmente, em alemão. Coube à Emma Kaulin, nome de batismo da irmã Carlinda, a tradução do original.

Blumenau, nas baixadas com bastante arborização.

Os doentes que já estão em convalescença, gostam de sentar-se nos bancos, que existem num palmeiral nos fundos do hospital, concorrendo tudo para o seu pronto restabelecimento. As enfermarias e quartos espaçosos são providos de altas janelas, onde, pelas mesmas entram luz e ar saudável e livre à vontade.

Toda parte frontal do hospital é dirigida ao lado do “sol levante”, provido de uma varanda fora a fora. Além disso, o nosso hospital possui encaçamento de água quente e fria, iluminação elétrica, um aparelho de raioX, etc., correspondendo tudo às exigências modernas.

Confiando na Divina Providência e na padroeira do hospital, a Santa Isabel, foi feito este hospital. Graças à competência médica e das irmãs enfermeiras, o hospital angariou renome por todo o Estado de Santa Catarina. De todos os recantos do Estado vêm doentes à procura de sua saúde perdida. Sacerdotes, religiosos, indigentes, doentes de toda sorte e pobres, são tratados e medicados gratuitamente neste hospital.

Justamente essas obras de caridade foram a causa das ricas bênçãos de Deus. Ainda seja dito que, além do tratamento corporal, o espiritual não ficou esquecido. Dedicção especial nos dão os reverendos padres franciscanos, os quais também têm a capelinha do nosso hospital.

Muitos doentes corporalmente também encontraram novamente a saúde da alma ao ter alta do hospital. É muito consolador ver doentes que há tantos anos não mais cumpriam com suas obrigações com Deus e, neste hospital, na hora da morte, saíram desta vida reconciliados com Deus e o próximo.

### **Início da enfermagem das irmãs da Divina Providência em Blumenau**

Em abril de 1895, as primeiras irmãs da Divina Providência vieram ao Brasil oriundas da cidade de Münster, da Alemanha, sendo Blumenau uma das primeiras cidades de seu campo de ação missionária. Além do ensino nas escolas, também se dedicavam à enfermagem, praticando, no entanto, durante os primeiros anos, a enfermagem ambulante a todos os enfermos da redondeza.

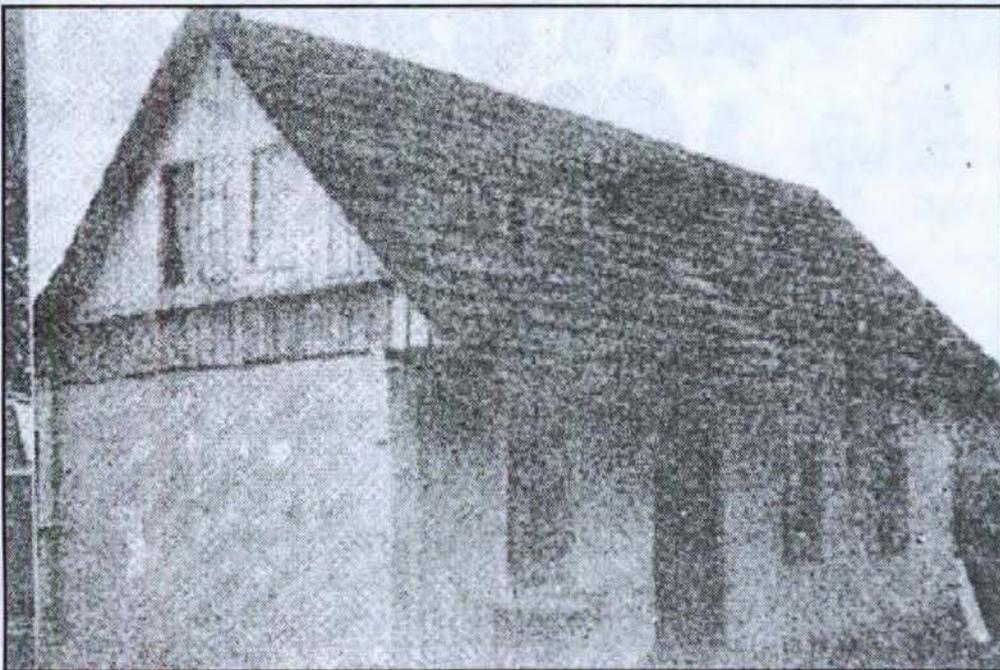
Duas irmãs enfermeiras, formadas na Alemanha – irmã Rufina e irmã Roberta – deram conta do recado, satisfazendo médicos, pacientes e seus familiares.

Muitas vezes a dedicação à enfermagem se tornava difícil e exaustiva, especialmente quando sua presença era exigida por doentes nos arredores mais afastados como Pomerode, Passo Grande, Itajaí, etc...

Anos a fio, irmã Roberta dedicou-se ao exaustivo cargo de enfermeira com verdadeiro espírito de abnegação. Quase não dava mais conta do recado, pois sua colega, irmã Rufina, fora chamada pelos superiores a atuar em outra cidade.

No ano 1905, irmã Roberta foi transferida para Rodeio e substituída pela irmã Barnabá. Nesse mesmo ano, foram aprisionadas algumas famílias de bugres. Duas mulheres e doze filhos adoeceram, sendo entregues por esse motivo, pelas autoridades, às irmãs a fim de tratá-los. Para esta tarefa foi encarregada a irmã Barnabá, a qual dedicou-se de corpo e alma à cura desses pobres silvícolas. Muitos chegaram a falecer. No ano 1906, irmã Barnabá foi transferida para Lages, e a substituíram as irmãs: Libéria, Donata e Catarina.

### Inauguração do hospitalzinho: 10/04/1909



Hospital Santa Isabel - 1909

Dr. Ernest Sappelt, médico católico que algum tempo trabalhava em Blumenau, pela sua competência, dedicação, humanismo, adquirira fama e prestígio do povo. Este médico pediu às irmãs de-



Grupo de enfermeiras em frente ao Hospital Santa Isabel - 1925.

dicar seus cuidados a algum de seus pacientes mais graves. As irmãs então cuidaram e providenciaram no Colégio Sagrada Família, um quarto de acordo para tratamento de doentes. Foram aceitos dois pacientes, e as irmãs os tratavam sob a orientação do médico Dr. Ernest Sappelt. Como aos poucos sempre vinham mais doentes, o quarto de dois leitos se tornou insuficiente. Pensou-se em uma ampliação. Foram feitos em uma pequena casa ao lado do colégio, que até então era alugada, vários melhoramentos adequados.

Uma marcenaria ao lado desta casa serviu de primeira cozinha do hospitalzinho. Ainda foi construída uma sala de cirurgia ao lado da casa. Senhoras da alta sociedade de Blumenau, angariaram fundos para pagar as despesas com melhoramentos e construções (2:000\$000). Apesar da simplicidade do hospitalzinho, como todos o chamavam, impressionava pela sua ordem e limpeza.

Com grande alegria do médico, das irmãs enfermeiras e de toda comunidade blumenauense, foi inaugurada em 04 de outubro de 1909 o primeiro hospitalzinho. No dia 12 do mesmo mês, os doentes existentes foram transferidos para o novo hospital.

Pouco a pouco, o número dos doentes foi aumentando para 15, 20. Por isso, era necessário ampliar o hospitalzinho com construções de madeira. As primeiras enfermeiras foram: irmã Donata e irmã Celsina. Mais tarde foram substituídas pelas irmãs Germine, Godafrieda, Vitália e Robertine. Uma boa auxiliar foi a Frau Marhofer, que com sua caçula Maria, se internava no Colégio Sagrada Família, e assim dava seus valiosos auxílios às irmãs do hospital. As bênçãos de Deus, visivelmente eram acompanhadas pelos trabalhos do médico e também das irmãs enfermeiras.

Diariamente vinham sempre mais doentes pedindo internação. Impossibilitados de atender a todos devido a falta de lugar, muitos pacientes eram obrigados a procurar alojamento em casas particulares da cidade.

Sempre crescia mais, por isso, o desejo de um hospital maior. Mas a oportunidade parece que ainda não chegara. Nos remediávamos com o que se possuíamos, o quanto dava. Até que finalmente Frei Marcelo, superior dos reverendos franciscanos do convento de Blumenau, homem de palavra e ação, confiando na Divina Providência, pôs mãos à obra. Consultou um grande amigo

seu, o engenheiro Büngeus, e este logo apresentou diversas plantas de um novo hospital. De início logo se apresentaram os primeiros problemas. No mês de agosto de 1914, iniciou a Primeira Guerra Mundial. Conseqüentemente a correspondência se tornou muito morosa.

E precisávamos esperar muito até receber a resposta e a devida licença da Casa Geral de Münster. Entrementes, dois operários já começaram a aplai-nar o terreno no outeiro onde o novo hospital deveria ser implantado. Isso foi em princípios de dezembro de 1914.

A irmã superiora Wigberta foi a Florianópolis aconselhar-se com as reverendas madres provinciais, e mais tarde Frei Marcelo visando o mesmo fim.

Em mês de março de 1915, finalmente veio da Alemanha a tão ansio-samente esperada licença. Foi quando não se adiou mais nada, começando logo a construção do novo hospital. Primeiramente, providenciou-se mais operários a fim de terminar a terraplanagem. No mês de abril de 1915 foi lançada a pedra fundamental, aliás, mui festivamente. Supervisionava a construção o irmão Bonifácio, franciscano. A compra do material necessário estava sob os cuidados do superior do convento Frei Marcelo.

As alunas do Colégio Sagrada Família, como também os alunos do Colégio Santo Antônio, faziam quermesses e providenciavam toda sorte de fes-tejos para angariar fundos para a nova construção.

Na festa de Santa Catarina, 25 de novembro, houve o festejo da cumeeira. Depois desta festa, Frei Bonifácio teve que deixar sua tarefa, sendo transferido para Lages. Veio em seu lugar Frei Feliciano, dois anos consecutivos repletos de preocupações, contratempos e falta de dinheiro necessário. A cons-trução ia aos poucos para frente. Também não faltaram períodos em que pare-cia que tudo iria água abaixo. Então a Divina Providência entrava, atuando visivelmente. No entanto, o hospitalzinho não parou de funcionar.

No fim do mês de março de 1916, veio mais uma irmã enfermeira, na pessoa da irmã Eulina. Entrementes, grassou uma epidemia de tifo em Rodeio, e as irmãs de lá necessitavam de auxílio para tratar esses enfermos. Foram desti-nadas duas irmãs: irmã Vitalia Moser e irmã Constantia. E no hospitalzinho em Blumenau, as irmãs do colégio ajudavam na medida do possível.

No dia 1º de agosto de 1916, veio ao Hospital Santa Isabel o Sr. Johann Doebeli, como enfermeiro. No mesmo ano, irmã Hedwig tomou a responsabi-

lidade da cozinha do hospital, e a enfermagem estava sob os cuidados da irmã Eulina e irmã Robertine.

### Inauguração do novo Hospital Santa Isabel

No mês de outubro de 1916, terminou a construção do grande e novo hospital, sendo um edifício que realçava na cidade de Blumenau. Grande era a alegria de todos os que haviam cooperado nessa belíssima construção. Neste dia memorável da inauguração, os blumenauenses, generosos como sempre, fizeram múltiplas doações em dinheiro.

Nossa madre geral, Hildegundes, da Divina Providência da Alemanha, doou 3.000 marcos para o novo Hospital Santa Isabel. O portador dessa importância foi o reverendíssimo padre provincial dos franciscanos, na pessoa de Frei Chrisólogus, quando esteve visitando a nossa casa geral em Münster. O mesmo provincial ainda trouxe mais 5.000 marcos que lhe haviam sido entregues pelo povo alemão.



Hospital Santa Isabel - Década dos anos 20.

## **Autores Catarinenses**

### **O Destino do Regionalismo**

*TEXTO:*  
*ENÉAS  
ATHANÁZIO\**



Anuncia Fernando Tokarski, o mais jovem dos regionalistas catarinenses, a publicação de um livro de contos. Segundo ele, as histórias são ambientadas no Planalto, explorando o ciclo da erva-mate e a interação das culturas cabocla e polonesa, com o registro da influência desses fatos na linguagem da região. Sempre acreditei que ele estava predestinado a ser o cronista da erva-mate, uma vez que não vejo outro em condições de fazê-lo. Essa é uma tarefa que exige dons de ficcionista e observador, que ele já comprovou possuir, além de vivência num meio ervateiro que criou linguagem própria, técnica e comum, usos e costumes, histórias e folclore, não faltando os conhecidos exageros dos ervateiros enriquecidos e suas festas e ostentações milionárias, mais ou menos nos moldes do ciclo do café, guardadas as devidas proporções. Com a publicação dessa coletânea de contos, todo o Planalto catarinense estará retratado em nossa ficção, como foi feito com a vida campeira, o tropeirismo, as revoluções, os ciclos do gado e da exploração intensiva da madeira. A sociologia encontrará nesse acervo ficcional elementos mais seguros para o conhecimento da região que nas histórias convencionais e o mesmo se pode dizer da lingüística. A erva-mate, enfim, encontrou seu cronista.

O chamado regionalismo do Planalto foi a única corrente literária que se estruturou em nosso Estado. Fundado por Tito Carvalho, seguido por Guido Wilmar Sassi e, mais tarde, por mim, Edson Ubaldo, Fernando Tokarski e Márcio

\* Escritor e Advogado.

Camargo Costa, embora com grandes hiatos no tempo e cada autor mantendo suas peculiaridades. Através deles é possível reconstituir o passado e entender o presente da região. Regionalistas de outras regiões também surgiram, a exemplo de Othon D'Eça, retratando o litoral de Florianópolis, mas não teve seguidores.

Contudo, é com preocupação que os historiadores literários encaram o futuro de nosso regionalismo planaltino. Com efeito, todos os autores que se filiam à corrente são os mesmos que surgiram nas décadas de 1970 e 1980. Não surgiram outros autores, na poesia ou na prosa, que constituíssem novos elos da corrente. E o período de tempo já vai longo. Alguns livros aparecidos nesse período não lograram conquistar posição de relevo; foram tentativas frustradas. Teme-se, com razão, que a corrente venha a perecer com seus atuais expoentes.

É curioso que assim aconteça. Segundo a história, é nos momentos de globalização que as manifestações regionalistas explodem, inclusive como forma de defesa da identidade. Segundo Gilberto Freyre, isso se verificou tanto nos momentos de dominação de uma região por outra, dentro do mesmo país (a França por Paris; o Nordeste por São Paulo - para citar apenas dois exemplos), como na dominação de um país por outro, hipótese em que múltiplos foram os casos.

Nós, regionalistas catarinenses, esperamos com ansiedade o surgimento de novos escritores que venham reforçar a nossa corrente, que tanto ainda tem a explorar no campo da boa arte literária

### **A Educação em Foco**

Professor da UFPI e técnico em educação, aposentado, incansável estudioso e pensador dos temas educacionais, M. Paulo Nunes acaba de reunir em volume artigos e longa entrevista publicados na imprensa que têm como tema comum a educação brasileira, sua história, seus métodos e conseqüências na formação da sociedade brasileira. Escritos com a costumeira elegância, os textos revelam o “expert” para quem o complexo tema não contém segredos e o escritor corajoso que costuma afirmar suas convicções com bravura, fundando-se sempre em argumentos sólidos e na sua longa experiência de educador e antigo

ocupante de importantes postos na área educacional. “O fracasso da Educação Brasileira”, publicado pela Livraria e Editora Corisco (Teresina – 2003), inaugura a Coleção Ensaio Breves, idealizada pelo editor Cineas Santos, “com o objetivo de servir de estímulo e de alento às novas gerações para que reencetem a luta indormida em favor de nossa educação pública e ainda contribuir para a tarefa de reconstrução educacional de nossa pátria” – para repetir as palavras do autor.

O volume se divide em duas partes, a primeira dedicada à educação em especial e a segunda à obra e idéias do educador Anísio Teixeira e assuntos correlatos. Inicia fazendo um mergulho na história educacional brasileira, desde os jesuítas e a educação elitista que “marcaria fortemente nosso processo educacional”, passando pelas experiências do Império, da República Velha, do Estado Novo e todas as posteriores, até os dias de hoje, numa seqüência sem rumos e objetivos fixos, ao sabor das circunstâncias, de que resultou aquilo que ele considera o fracasso de nossa educação, ingressando inclusive no novo milênio sequer a alfabetização universal e a educação para todos. “Não existiu de fato – afirma ele – nenhuma iniciativa que visasse a encarar a educação como um propósito nacional do povo brasileiro.”

Diante dessa atitude, o resultado só poderia ser aquele que hoje contemplamos consternados, com o ensino público falido, a universidade pública decadente e sob ameaça, a mercantilização do ensino particular e a proliferação absurda de cursos superiores que nada ensinam, aviltando os profissionais da área e abarrotando os mercados. É claro que existem exceções, mas a regra geral é essa. Mostra ele os males da dicotomia entre a “educação geral” e a “educação profissionalizante”, a primeira destinada aos nossos filhos e a segunda uma espécie de segunda classe para os filhos dos outros. Lembra ainda a alienação de nossos meios culturais, refletindo-se na educação, empenhada em ensinar inutilidades desligadas da realidade nacional, fato que, - acrescento eu, - Gilberto Amado desenhrou com riqueza de detalhes em célebre ensaio e Monteiro Lobato tanto apontou na época em que pretendíamos ser uma França tropical, imitando-a em tudo, inclusive com o risco de desfigurar de forma irremediável a nossa língua e perder até a identidade nacional.

E assim, passo a passo, vai o ensaísta analisando as sucessivas tentativas de reformas educacionais, para concluir mostrando que nosso ensino precisa ser revisto e repensado, tendo como pontos de apoio os seguintes princípios: - organização e gestão; - clima; - educação, ensino e aprendizagem; - enquadramento sócio-familiar, e - nível de desempenho dos alunos. Só assim, afirma ele, teremos “um tipo de educação que seja modificadora do homem brasileiro, levando-o ao exercício da cidadania, com base na realidade social do país.” Arremata o pequeno e denso volume exaltando a figura de Anísio Teixeira, seu pensamento, sua contribuição e a divulgação de John Dewey entre nós, discorre a respeito do discutido “provão” e aborda inúmeros outros aspectos de um tema tão importante e que fascina a todos que amam esta pátria - a educação.

Vale a pena ler e pensar sobre o que escreveu M. Paulo Nunes em mais uma de suas obras de pensador preocupado com seu país.

### **Resenhas e Notas Culturais**

“Presenças de Pedro Cirilo” - Estas são algumas observações que me acodem ao correr da leitura desta novela de Adolfo Boos Júnior, publicada por “Letras Contemporâneas” (Florianópolis - 2001). O texto é denso, compacto, e nele o diálogo interior que se mescla com a palavra do próprio narrador. Os personagens também são densos, isto é, têm uma vida interior ativa, pensando, imaginando, discutindo com eles próprios, filosofando. A linguagem nas mãos do escritor é manejada com inteira liberdade, ora trilhando os cânones normais, ora enveredando por soluções inovadoras e experimentais, entre estas aqueles recursos conhecidos de outras obras de sua autoria e que tanto contribuiriam para destacá-lo como escritor original e criativo. Mas é visível que cada palavra, cada sinal, cada parágrafo é estudado, medido, pensado, o que faz pensar no trabalho do construtor de uma obra detalhista, repleta de pequenas nuances que, na verdade, são fundamentais para o conjunto. Os episódios históricos cronológicos funcionam como pano de fundo, só interferindo à distância, na maioria das vezes, sem afetar de fato o mundo da narrativa. Funcionam como uma espécie de apoio

para que tudo não fique pairando no ar. É, enfim, uma novela para leitores dedicados e afeitos aos desafios, uma literatura sofisticada, não destinada ao consumo popular.

Huberto Rohden - Fascinada pela obra desse teólogo e escritor catarinense, Zoraida H. Guimarães dedicou-lhe o livro “Um Pilar de Luz no Cosmo” (Lunardelli Editora - Florianópolis - 2000). Trata-se de uma biografia e de uma sùmula do pensamento desse escritor cristão que, para melhor preservar a liberdade de criar e pensar, deixou o sacerdócio, dedicando-se às atividades de sitiante e depois de professor, no país e no exterior, além de ter produzido copiosa obra sobre filosofia, teologia, ciências, viagens, memórias, traduções etc. Através delas travou uma árdua luta “para reconduzir o catolicismo brasileiro a um cristianismo genuíno e integral”, afirmando que “com a graça de Deus continuaria a difundir o evangelho, a cuja causa havia dedicado toda sua vida.” Em virtude de suas posições, Rohden teve seus livros proibidos pelas autoridades eclesiásticas, fato que os colocou no ostracismo, impedindo que o autor se tornasse mais conhecido dos leitores brasileiros. Mas, enfatiza a biógrafa, “sua pregação, seus livros, seu pensamento vivo, ainda serão reconhecidos, amados, procurados e seguidos neste terceiro milênio que já se aproxima”, porque “Rohden é o educador católico de ontem, de hoje e de amanhã.” Com o propósito de divulgar os rudimentos do pensamento do teólogo catarinense, a autora estudou a fundo a vida e a obra do solitário que professava a verdade e a palavra de Jesus tal como a entendia na mais integral pureza. É um livro que traz ao debate uma figura que anda esquecida, revelando o essencial de sua vida e seu pensamento.

Agostinho Duarte - O artista plástico luso-chapecoense acaba de realizar uma exitosa “tourné” através de Portugal, exibindo suas obras e obtendo aprovação da crítica e do público em geral. Retornando a Chapecó, onde vive, enviou-me publicações que dão eco à sua passagem pelas terras do país natal. Expôs em Arganil, Caldas da Rainha e Lisboa, sempre com destaque na mídia. Desenhista, pintor, decorador e gravurista, é também professor e escritor, revelando em seus escritos sobre arte grande conhecimento do assunto e sólida visão estética. Em Arganil, exibiu a coleção denominada “Momento Africano”, composta,

em sua maioria, de óleos inspirados nas coisas e gentes de Moçambique, onde viveu por muitos anos antes de escolher o Brasil. Sobre essas obras, assim escreveu o crítico A. Ventura: “E o que mostram elas, para além de um inegável jeito de mão? Acima de tudo esses trabalhos estão impregnados de um quase misticismo e soltam com notável exuberância sons e tons que só África possui” (Jornal “Comarca de Arganil - Portugal). Com inúmeras obras integrando acervos públicos e particulares de muitos países, Agostinho Lourenço Duarte é detentor de invejável currículo e sua presença em Santa Catarina engrandece o panorama de nossas artes.

**Economia** - A pressão da economia sobre a sociedade, em todos os setores, está chegando às raias do absurdo. Parece ficção surreal, inacreditável e inverossímil, mas já surgiu quem pregue a “necessidade” de reduzir o vocabulário das pessoas sob a alegação de que “não é econômico ter quinze ou mais palavras para dizer a mesma coisa.” Segundo o escritor francês Érik Orsenna, integrante da Academia Francesa, em entrevista à brasileira Betty Milan, a mundialização está provocando “a desaparecimento das línguas, isto por causa da tendência a falar a língua de quinhentas palavras, que eu chamo de “globês.” São as quinhentas palavras necessárias à sobrevivência, as palavras do dinheiro, que é o equivalente geral. Não é útil para a economia ter quinze palavras para dizer a mesma coisa... Ora, a maior obra de arte coletiva é uma língua, seja ela qual for, e não há nada pior do que relegá-la ao esquecimento.” Quem diria que a “modernidade” nos levaria a correr tal risco! Ensinados que a linguagem da pessoa se mede pela riqueza de seu vocabulário, falando ou escrevendo sem repetições, usando as palavras próprias com todas suas nuances, agora pregarão que isso não é econômico e que o correto será falar com um mínimo de palavras. Nessa marcha, não tardará o dia em que voltaremos a nos comunicar através de grunhidos ou gestos, como seres primitivos. Será o apogeu da “modernidade globalizante.” É dose!

**Contos e Crônicas** - Foi lançado em Balneário Camboriú o livro “A Magia dos Contos e Crônicas”, de Jesus Gomes de Oliveira, mineiro de Viçosa, radicado nesta cidade. O volume de estréia do escritor reúne 19 histórias inspiradas em fatos reais, selecionadas dentre as

muitas já escritas. O autor sempre gostou de escrever e participar de concursos literários, tendo mesmo recebido alguns prêmios. A capa é de Ercília Maria C. S. de Oliveira, esposa do escritor.

“Ô Catarina!” - O suplemento da Fundação Catarinense de Cultura dedicou seu número 45 aos poetas catarinenses dos anos 80 e 90, isto é, aos “Contemporâneos.” Os poetas que aparecem são Fernando Karl, Raul Arruda Filho, Paulo César Ruiz, Jorge Hoffmann Wolff, Chandal M. Nasser, Dennis Radünz, Fábio Brüggemann, Marcelo Steil, Mauro Faccioni Filho, Renato Tapado, Vinicius Alves e Raquel Stolf. As ilustrações da capa e outras são de Cléber Teixeira. Os poemas revelam as mais variadas tendências, incluindo o experimentalismo e a influência concretista, chegando às vezes ao hermetismo impenetrável para o leitor comum, o que talvez explique porque muitos deles escrevem e publicam há longos anos e continuam desconhecidos. Cinco poetas são naturais de outros Estados, embora mantendo algum tipo de relação com Santa Catarina ou aqui residam. Três são de fora de Florianópolis e Ruiz é falecido.

“Boletim Bibliográfico” - Pelo que me consta, a Biblioteca Universitária da Univille é a única no Estado que publica seu “Boletim Bibliográfico.” Já em seu número 5, ele informa sobre as novas aquisições, “ranking” de usuários e livros, compras, doações, permutas e todas as informações a respeito da Biblioteca, mantendo os interessados a par de tudo que ela realiza e oferece. O “Boletim” vem melhorando a cada número e creio que se tornará uma revista, como aconteceu com o que é publicado pela Biblioteca Mário de Andrade, de São Paulo. Está de parabéns a Univille!



Para proceder a assinatura da Revista ou sua renovação, assim como receber números antigos ou tomos completos encadernados, procure-nos.

Abaixo informamos nossos preços:

- Assinatura nova: R\$ 70,00 (anual = 6 números)
- Renovação da assinatura: R\$ 55,00 (anual = 6 números)
- Tomos anteriores (encadernados com capa dura): R\$ 80,00
- Exemplares avulsos: R\$ 10,00 (edições dos anos 70 a 2003)  
R\$ 15,00 (anos 60)  
R\$ 20,00 (anos 50)
- Encadernação R\$ 30,00 o volume (até 1997, um volume para cada tomo. De 1998 em diante, dois volumes por tomo.
- Tomo completo encadernado: R\$ 120,00 (para tomos de 1998 em diante). Para tomos de anos anteriores, solicitar orçamento.

( ) Sim, desejo assinar a revista *Blumenau em Cadernos* para o ano de 2003 (Tomo 44). Anexo a este cupom, a quantia de R\$ .....00 (..... reais) conforme opções de pagamento abaixo.

**Formas de pagamento:**

- ( ) Vale Postal - Fundação Cultural de Blumenau - Blumenau em Cadernos
- ( ) Depósito no BESC - conta 77.995-2 - Agência 003. Após o pagamento, passar FAX do recibo de depósito com o nome do depositante, para nosso controle.
- ( ) Cheque - Banco: ..... Número do Cheque: .....

**Dados do Assinante:**

Nome: \_\_\_\_\_  
Endereço: \_\_\_\_\_  
Bairro: \_\_\_\_\_ Cx. Postal: \_\_\_\_\_  
CEP: \_\_\_\_\_ - \_\_\_\_\_ Fone para contato: \_\_\_\_\_  
Cidade: \_\_\_\_\_ Estado: \_\_\_\_\_

**Promoção especial:**

Antigos assinantes que queiram presentear alguma pessoa com uma assinatura anual da revista *Blumenau em Cadernos*, poderão fazê-lo através do pagamento de R\$ 55,00 (valor reduzido).

( ) Sim, desejo dar de presente uma assinatura anual da revista *Blumenau em Cadernos* (ano 2003) para a seguinte pessoa:

Nome: \_\_\_\_\_  
Endereço: \_\_\_\_\_  
Bairro: \_\_\_\_\_ Cx. Postal: \_\_\_\_\_  
CEP: \_\_\_\_\_ - \_\_\_\_\_ Telefone para contato: \_\_\_\_\_  
Cidade: \_\_\_\_\_ Estado: \_\_\_\_\_

**Assinatura**

**Arquivo Histórico José Ferreira da Silva**

Caixa Postal 425 - Cep 89015-010 - Fone: (47) 326-6990 - Fax (47) 222-2259

Blumenau (SC) - E-mail: [funculbl@terra.com.br](mailto:funculbl@terra.com.br)





**TOMO XLIV**  
Julho/Agosto de 2003 - N° 7/8

## **Apoio Cultural:**

Benjamim Margarida (*in memoriam*)

Genésio Deschamps

**Victória Sievert**

Willy Sievert (*in memoriam*)

Buschle & Lepper S/A

Distribuidora Catarinense de Tecidos S/A

**Eletro Aço Altona S/A**

Hildegard Rossmark Schramm

Unimed Blumenau

43 S/A Gráfica e Editora



